ALICE
ns

ALICE
ns

Alice

Se você não sabe onde quer ir,

qualquer caminho serve.

ALICE

Lewis Carroll

Aventuras de Alice

no País das Maravilhas

Através do Espelho

e o que Alice encontrou lá

traduzido por

Luisa Geisler

ilustrações de

John Tenniel

FERRAMENTA DE PRODUÇÃO DE IMAGEM: Leonardo.ai

COMPOSIÇÃO DE CAPA: Equipe Novo Século

EBOOK: Sergio Gzeschnik

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de janeiro de 2009.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Carroll, Lewis, 1832-1898 Alice no país das maravilhas e através do espelho / Le

23-3354

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil inglesa

uma marca do
Grupo Novo Século

Aventuras de Alice no País das Maravilhas

Lewis Carroll

Numa bela tarde dourada

Deslizando com muita alegria

Dois bracinhos desajeitados

Remam fazendo pequena folia

Maõzinhas impotentes que comandam

A nossa pretensa fantasia.

Ah, Trio cruel, que em tal momento

Sob o impacto das estações do sonho

Pede um fraco sorriso ou alento

Que mal pode agitar a pena ao vento;

Mas de que serve a voz fraca e sentida

Contra a força de três línguas unidas?

A Primeira imperiosa se adianta

Cuja força exige ‘o início’…

Em tons mais suaves a Segunda espera

‘Não há senso algum nisto’…

E a Terceira interrompe o ato

Não mais que a cada minuto.

Ocultos, num silêncio repentino

Na fantasia que perseguem

O sonho de criança para terras distantes

Perseguindo o selvagem e alegre

Em conversa amiga com animais ou pássaros…

Vivendo meias verdades adrede.

E como nunca antes história vista

Secam os poços da fantasia.

E aquele que se cansa, que pouco se esforçou

Para apresentar o assunto do dia

"O descanso na próxima vez…" "É a próxima vez!"

Diz uma voz com grande alegria.

Assim nasceu o País das Maravilhas

Bem devagar, bem lentamente

Sendo todos os episódios engendrados…

E terminados, ininterruptamente,

E para casa vamos, cantando felizes,

Sob o sol garboso e ardente.

Alice! Ouça esta história infantil

Que com suaves contornos são criados;

Guarde-a no campo mágico da memória

Onde todos os sonhos de infância são lançados

E como as flores desfeitas do peregrino

Em uma terra distante foram gerados.*

Lewis Carroll

*** Tradução do poema-prefácio feita por Luciene Ribeiro dos Santos de Freitas.**

capítulo 1

Pela toca do Coelho

Alice começava a se cansar de ficar sentada ao lado da irmã no banco e de não ter nada para fazer: uma ou duas vezes, espiou o livro que a irmã estava lendo, mas não tinha figuras nem diálogos.

“E para que serve um livro”, pensou Alice, “se não tem figuras ou conversas?”

Ela se perguntava – da melhor maneira que podia, pois o dia quente a deixava sonolenta – se o prazer de fazer uma guirlanda de margaridas compensaria o esforço de se levantar e colher as flores, quando, de repente, um Coelho Branco de olhos vermelhos passou por ela correndo.

Não havia nada muitíssimo notável naquilo; tampouco Alice pensou muitíssimo no fato de que o coelho estava dizendo para si mesmo:

– Oh, céus! Oh, céus! Vou me atrasar!

Ao pensar naquilo depois, lhe ocorreu que deveria ter se surpreendido com a cena; mas, naquele momento, tudo pareceu bastante natural. Porém, quando o coelho de fato sacou um relógio do bolso do colete, olhou-o e então se apressou mais, Alice se pôs de pé, pois só então percebeu que nunca antes tinha visto um coelho usando colete com bolso ou com um relógio para colocar dentro dele. Então, com curiosidade febril, correu atrás dele pelo gramado e, por sorte, bem a

tempo de vê-lo se enfiar numa toca imensa sob uma sebe.

No instante seguinte, Alice desceu atrás dele, sem sequer considerar como conseguiria sair dali.

No começo, a toca seguia reta como um túnel, e então de repente afundava, tão de repente que Alice não teve sequer um momento para pensar em parar antes de notar que estava caindo num poço muito profundo.

Ou ela estava muito nas profundezas, ou estava caindo muito devagar, pois, enquanto descia, teve tempo suficiente para olhar ao redor e se perguntar o que aconteceria em seguida. Primeiro, tentou olhar para baixo e decifrar o que encontraria, mas estava escuro demais para ver qualquer coisa; então, olhou para os lados do poço e se deu conta de que estavam cheios de armários e estantes de livros; aqui e ali, ela podia ver mapas e fotos pendurados em pregos. Descendo, pegou um pote de uma das estantes; o rótulo dizia: “GELEIA DE LARANJA”, mas, para sua imensa decepção, estava vazio; não quis largar o pote por medo de matar alguém lá embaixo, então conseguiu colocá-lo em um dos armários enquanto caía.

“Ora!”, pensou Alice, “depois de uma queda como essa, não vou nem sentir quando rolar pelas escadas! Lá em casa vão me achar muito corajosa! Ora, mas eu não contaria nada sobre isso, mesmo que caísse do telhado de casa!” (o que provavelmente era verdade).

Descendo, descendo, descendo. Será que a queda nunca terminaria?

– Eu me pergunto: quantos quilômetros já desci nesse ritmo? – disse ela, em voz

alta. – Devo estar chegando em algum lugar perto do centro da Terra. Devem ser uns 6.500 quilômetros… (pois, como você pode ver, Alice aprendera diversas coisas desse gênero em suas lições na escola, e, apesar de essa não ser uma oportunidade muito boa de exibir seus conhecimentos, já que não havia ninguém para ouvir, era bom praticar e repetir). Sim, deve ser a distância certa… mas então me pergunto: em que latitude ou longitude vim parar? (Alice não fazia ideia do que era latitude ou longitude, mas achou que eram palavras muito bonitas de se dizer.)

De imediato, ela começou de novo:

– Eu me pergunto se cairei até atravessar a Terra! Que engraçado seria se eu saísse no meio das pessoas que andam de ponta-cabeça! Os Antipáticos, eu acho… (ela ficou bastante contente por não haver ninguém para ouvir desta vez, pois não lhe parecia a palavra correta). Mas eu teria de perguntar a alguém que país era aquele: Nova Zelândia ou Austrália? (tentou fazer uma mesura enquanto falava – imagine fazer uma reverência enquanto se cai pelo ar! Você acha que conseguiria?). Não, vão me achar uma garotinha muito ignorante por perguntar! Nunca chegarei a de fato perguntar: talvez eu veja escrito em algum lugar.

Descendo, descendo, descendo. Não havia muito mais a fazer, então logo Alice voltou a falar:

– Diná vai sentir muito minha falta hoje, eu imagino! (Diná era a gata). Espero que se lembrem da tigela de leite na hora do chá. Diná, minha querida! Queria que estivesse aqui embaixo comigo! Não tem nenhum rato no ar, infelizmente, mas você poderia pegar um morcego, que é bem parecido com um rato, sabe? Mas será que gatos comem morcegos, eu me pergunto?

E nesse momento Alice começou a ficar bastante sonolenta, e seguiu falando

consigo mesma, de forma meio sonhadora: “Gato come morcego? Gato come morcego?”, e, às vezes, “morcego come gato?” – pois, veja bem, como ela não conseguia responder a nenhuma das perguntas, não importava muito como colocava as informações. Ela se sentia pegar no sono, e começava a sonhar que caminhava de mãos dadas com Diná, dizendo a ela com muita seriedade: “Ora, Diná, fale a verdade: você já comeu um morcego?”, quando, de repente, bum! bum!, caiu sobre uma pilha de galhos e folhas secas, e a queda tinha terminado.

Alice não estava ferida, e num instante saltou para ficar em pé. Levantou os olhos, mas estava tudo escuro; à sua frente, havia outra longa passagem, e o Coelho Branco ainda estava no seu campo de visão, apressando-se logo à frente. Não havia um momento sequer a perder. Alice disparou como o vento, e foi bem a tempo de ouvi-lo dizer, ao virar uma esquina:

– Ai, minhas orelhas e bigode, como está ficando tarde!

Ela o estava alcançando ao virar no mesmo ponto, mas o Coelho não estava em lugar nenhum. Então ela se viu em um longo corredor de teto baixo, iluminado por uma fileira de lâmpadas penduradas.

Havia portas por todo o corredor, mas estavam trancadas; e depois de percorrer todo o lugar, tentando abrir uma por uma, Alice caminhou com tristeza para o centro, perguntando-se como conseguiria sair dali.

De repente, ela chegou a uma mesinha de três pernas, toda de vidro; não havia nada sobre ela, exceto uma pequena chave dourada, e o primeiro pensamento de Alice foi de que poderia ser de alguma das portas do corredor. Mas ou as fechaduras eram grandes demais, ou a chave era pequena demais, pois não abria nenhuma delas. No entanto, na segunda rodada, ela chegou a uma cortina baixa que não notara antes, e atrás dela havia uma portinha de cerca de quarenta centímetros de altura. Ela experimentou a pequena chave dourada na fechadura e, para sua imensa alegria, ela serviu!

Alice abriu a porta e descobriu que dava em uma pequena passagem, não muito maior que uma toca de rato; ela se ajoelhou e avistou o jardim mais lindo que já se viu. Como ela desejava sair daquele corredor escuro e vagar por entre aqueles canteiros de flores brilhantes e fontes refrescantes! Mas não conseguia nem mesmo passar a cabeça pela porta.

“E mesmo que a minha cabeça passasse”, pensou a pobre Alice, “não serviria de muita coisa sem meus ombros. Oh, como eu queria poder me recolher como um telescópio! Acho que poderia, se eu soubesse por onde começar.”

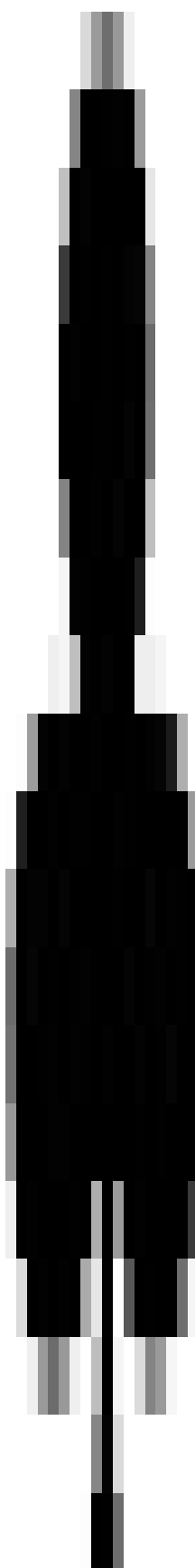
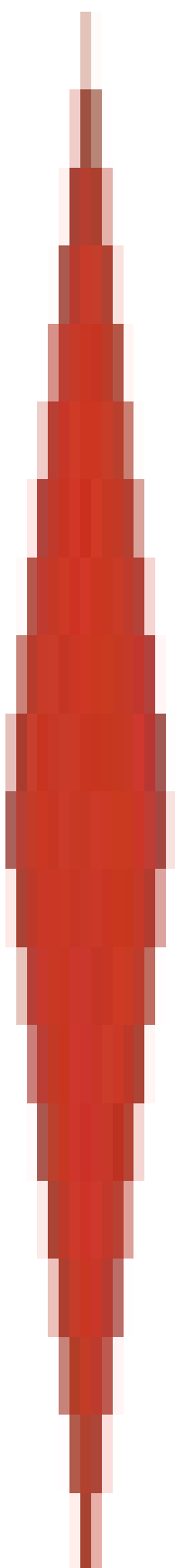
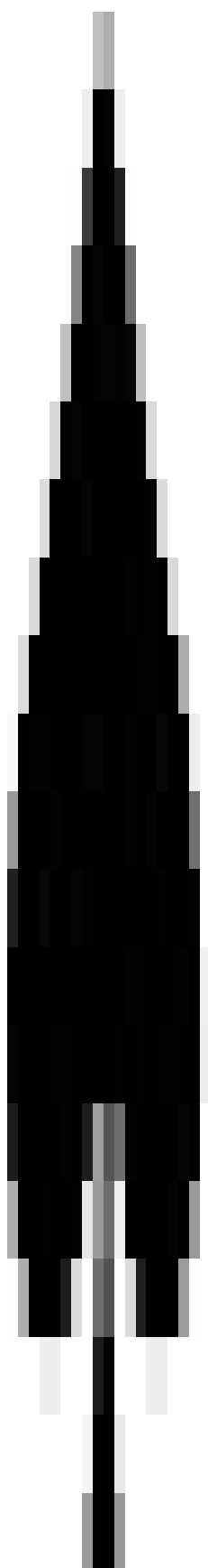
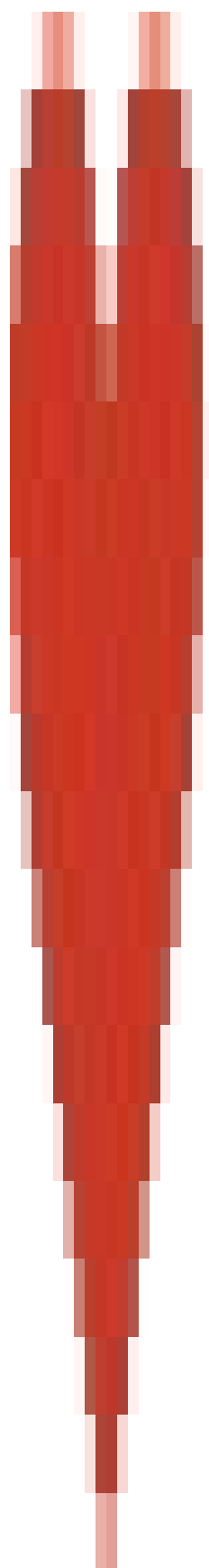
Ora, tantas coisas fora do comum lhe haviam acontecido ultimamente, que Alice começava a pensar que pouquíssimas coisas de fato eram impossíveis.

Parecia inútil ficar ao redor da portinha; então ela voltou para a mesa, em parte esperando encontrar outra chave sobre ela, ou ao menos um livro de regras para recolher e fechar pessoas como telescópios: desta vez, encontrou sobre ela uma garrafinha. “Com certeza não estava aqui antes!”, pensou Alice. Preso ao gargalo, havia um rótulo de papel com as palavras “BEBA-ME” lindamente impressas em letras grandes.

Era muito fácil dizer “Beba-me”, mas a pequena sábia Alice não faria isso com muita pressa.

– Não, vou olhar primeiro – disse ela – e ver se está escrito veneno ou não.

Ela tinha lido diversas histórias sobre crianças que se queimavam, ou eram devoradas por animais selvagens e outras coisas desagradáveis, tudo porque não se lembravam das regras simples que os amigos ensinavam. Por exemplo, que um atiçador quente vai queimar você se segurá-lo por muito tempo; e que, se você cortar o dedo muito fundo com uma faca, em geral sangra; e ela nunca se esquecera de que, se você beber muito de uma garrafa marcada como “veneno”, é quase certeza que lhe fará algum mal, mais cedo ou mais tarde.

Porém, essa garrafa não estava marcada como veneno, então Alice ousou provar dela; e, achando o sabor muito gostoso (tinha, de fato, um sabor misto de torta de cereja, creme, abacaxi, peru assado, caramelo e torrada quente com manteiga), logo tomou tudinho.

– Que sensação estranha! – disse Alice. – Devo estar encolhendo feito um telescópio.

E foi assim, de fato. Agora ela estava com apenas trinta centímetros de altura, e seu rosto se iluminou com a ideia de que estava do tamanho certo para atravessar a portinha para aquele adorável jardim.

Primeiro, no entanto, ela esperou alguns minutos para ver se iria encolher mais, o que a deixava um pouco nervosa.

– Desse jeito, pode ser que eu acabe desaparecendo, como uma vela. Eu me pergunto: como ficarei então? – e ela tentou imaginar como fica a chama de uma vela depois que se apaga, pois não conseguia se lembrar de algum dia ter visto algo assim.

Depois de um tempo, notando que nada mais acontecia, ela decidiu entrar no jardim de uma vez. Ah, pobre Alice! Quando chegou à porta, descobriu que havia esquecido a pequena chave dourada; e, quando voltou para buscá-la na mesa, descobriu que não podia de forma alguma alcançá-la. Ela conseguia vê-la muito claramente através do vidro, e deu o seu melhor para subir pelo pé da mesa, mas era escorregadio demais. Quando se cansou de tentar, a pobrezinha se sentou e chorou.

– Vamos! Não adianta nada chorar desse jeito! – disse para si mesma, num tom bastante áspero. – Acho melhor parar com isso neste instante!

De maneira geral, ela se dava conselhos muito bons (apesar de raramente segui-

los), e às vezes se repreendia com tanta severidade que trazia lágrimas aos próprios olhos. Certa vez, tentou esbofetear as próprias orelhas por trapacear numa partida de críquete contra si mesma; pois, curiosa que era, gostava muito de fingir ser duas pessoas.

“Mas não adianta nada agora”, pensou a pobre Alice, “fingir ser duas pessoas! Ora, mal sobrou eu suficiente para formar uma pessoa que se respeite!”

Logo seus olhos notaram uma caixinha de vidro embaixo da mesa. Dentro dela havia um bolo muito pequeno, com as palavras “COMA-ME” escritas lindamente com frutas secas sobre ele.

– Ora, vou comer – disse Alice. – Se eu ficar maior, posso alcançar a chave; se eu ficar menor, posso passar por baixo da porta. Então, de qualquer forma, vou chegar ao jardim, e não me importa qual dos dois aconteça!

Ela comeu um pedacinho e, com ansiedade, disse para si mesma: “Para que lado? Para que lado?”. Com a mão acima da cabeça, para sentir se aumentava ou diminuía, ficou bastante surpresa ao descobrir que continuava do mesmo tamanho. Com certeza, isso geralmente acontece quando se come bolo; mas Alice tinha ficado tão acostumada a esperar que nada além de coisas estranhas acontecessem, que pareceu bastante monótono e idiota que a vida seguisse dessa forma comum.

Então ela tomou uma atitude e, decididamente, comeu todo o bolo.

capítulo 2

A poça de lágrimas

– C uriosérrimo, curiosérrimo! – gritou Alice (ela estava tão surpresa que por um instante se esqueceu de como falar de modo apropriado). – Agora estou me abrindo como o maior telescópio que jamais existiu! Adeus, pés! – pois, quando ela olhou para baixo, seus pés pareciam estar quase fora do alcance de sua vista, de tão distantes que estavam. – Oh, meus pobres pezinhos, eu me pergunto quem irá calçar seus sapatos e meias agora, queridos? Com certeza, eu não conseguirei! Estarei longe demais para me ocupar com vocês; vocês devem se ajeitar da melhor forma que conseguirem.

“Mas eu devo ser gentil com eles”, pensou Alice, “ou talvez não caminhem para todos os lados que eu quiser ir! Deixe-me ver: vou lhes dar um novo par de botas todo Natal.”

E ela seguiu planejando como conseguiria lidar com isso.

“Devem ir pelo correio”, pensou. “Como vai ser engraçado mandar presentes para os próprios pés! E como vai ser esquisito o endereço de entrega!

Ilustríssimo Senhor Pé Direito de Alice,

Tapete em frente à lareira,

perto do guarda-fogo.

(com amor, Alice)

Oh, céus, quanta bobagem estou falando!”

Naquele instante, sua cabeça bateu no teto do corredor. Na verdade, agora ela tinha quase três metros de altura. Rapidamente, pegou a pequena chave dourada e correu para a porta do jardim.

Pobre Alice! O máximo que conseguia fazer, deitada de lado, era olhar o jardim com um olho; mas atravessar era mais impossível do que nunca. Então ela se sentou e começou a chorar de novo.

– Você deveria ter vergonha de si mesma – falou Alice –, uma garota grande como você – e ela podia muito bem dizer isso – ficar chorando pelos cantos assim! Pare neste instante, estou mandando!

Mas ela continuou do mesmo jeito, despejando galões de lágrimas, até haver uma poça enorme ao redor dela, com cerca de dez centímetros de profundidade, se estendendo até a metade do corredor.

Depois de um tempo, ela ouviu passadas ao longe, e rapidamente enxugou os olhos para ver quem vinha. Era o Coelho Branco retornando, vestido de forma esplêndida, com um par de luvas brancas de pelica em uma das mãos e um grande leque na outra. Ele vinha marchando com pressa imensa, murmurando

consigo mesmo enquanto andava:

– Oh! A Duquesa, a Duquesa! Oh! Ela ficará furiosa se eu deixá-la esperando!

Alice sentiu tamanho desespero, que estava prestes a pedir ajuda para qualquer um. Então, quando o Coelho se aproximou dela, ela começou, numa voz baixa e tímida:

– Por favor, senhor.

O Coelho se sobressaltou, derrubando as luvas brancas de pelica e o leque, escapulindo pela escuridão o mais depressa que pôde.

Alice pegou o leque e as luvas e, como o corredor estava muito quente, se abanava o tempo todo, sem parar de falar:

– Céus! Céus! Que estranho está tudo hoje! E ontem as coisas estavam como de costume. Será que mudei durante a noite? Será que eu era a mesma quando acordei hoje pela manhã? Eu quase penso que consigo me lembrar de me sentir um pouco diferente. Mas, se eu não for a mesma, a próxima pergunta é: quem sou eu no mundo? Ah, esse é o maior dilema!

E ela começou a pensar em todas as crianças de sua idade que conhecia, para ver se havia sido trocada por alguma delas.

– Com certeza não sou Ada – disse –, porque o cabelo dela tem uns cachos imensos, e o meu não tem cacho nenhum. E tenho certeza de que não posso ser Mabel, porque sei um montão de coisas, e ela, oh!, ela sabe tão pouco! Além disso, ela é ela, e eu sou eu, e… Oh, céus, como é confuso tudo isso! Tentarei ver se ainda sei todas as coisas que costumava saber. Deixe-me ver: quatro vezes cinco é doze, e quatro vezes seis é treze, e quatro vezes sete é… Oh, céus! Eu nunca chegarei a vinte nesse ritmo! Bem, a Tabuada não quer dizer nada; vamos tentar Geografia. Londres é a capital de Paris, e Paris é a capital de Roma, e Roma… não, tudo isso está errado, tenho certeza! Eu devo ter sido trocada pela Mabel! Vou tentar recitar: Como pode… e ela cruzou as mãos sobre o colo como se estivesse recitando suas lições, e começou a repetir; mas sua voz soava rouca e estranha, e as palavras não vinham como de costume:

Como pode o pequeno crocodilo

Melhorar sua brilhante cauda

E lançar as águas do Nilo

Que tanto ouro esbalda!

Com quanta alegria parece sorrir,

Que bonitas suas patas

Boas-vindas aos peixes a dormir

Dentro de sua pança!

– Tenho certeza de que não são as palavras certas – disse a pobre Alice, e seus olhos se enchiam de lágrimas conforme ela continuava. – Eu devo ser Mabel, afinal, e terei de seguir em frente e viver naquela casinha apertada, e não vou ter quase nenhum brinquedo para brincar e, oh! tantas lições para aprender! Não, já sei; se sou Mabel, vou ficar aqui embaixo! Não vai servir de nada eles enfiarem a cabeça no buraco e chamarem: "Suba aqui, querida!". Eu apenas olharei para cima e responderei: "Quem sou eu, então? Respondam isso primeiro, e então, se eu gostar de ser essa pessoa, subirei; se não, ficarei aqui embaixo até virar outra pessoa"… mas, oh, céus! – gritou Alice, com um súbito estouro de lágrimas. – Eu queria tanto que de fato gritassem para mim aqui embaixo! Estou tão cansada de estar aqui sozinha!

Enquanto dizia isso, olhou para as próprias mãos e se surpreendeu ao ver que havia colocado uma das luvas de pelica branca enquanto falava.

"Mas como posso ter feito isso?", pensou ela. "Devo estar ficando pequena de novo."

Então se levantou e foi até a mesa para se medir, e descobriu que, na melhor estimativa que pôde fazer, estava agora com cerca de sessenta centímetros, e seguia encolhendo rapidamente. Logo ela descobriu que a causa disso era o leque que segurava, e então o largou rapidamente, bem a tempo de parar de encolher a ponto de desaparecer.

– Essa foi por pouco! – disse Alice, bastante assustada com a mudança repentina, mas muito contente por ainda seguir existindo. – E, agora, ao jardim!

Ela correu a toda pressa de volta para a porta: mas, que pena! a portinha estava fechada de novo, e a pequena chave dourada estava sobre a mesa de vidro como antes. “As coisas estão piores do que nunca”, pensou a pobre criança, “pois eu nunca estive tão pequena assim, nunca! E garanto que é bastante ruim, é sim!”.

Ao dizer essas palavras, seu pé escorregou e, no momento seguinte, tchibum! Ela estava com água salgada até o pescoço. Seu primeiro pensamento foi de que tinha, de alguma forma, caído no mar.

“Nesse caso, posso voltar da praia de trem”, disse para si mesma. (Alice estivera na praia uma vez na vida, e tinha chegado à conclusão de que, para onde quer que você vá na costa da Inglaterra, encontrará vários vestiários móveis ao longo da praia, algumas crianças cavucando a areia com pazinhas de madeira, uma fileira de hospedarias e, atrás delas, uma estação ferroviária.) No entanto, ela logo percebeu que estava na poça de lágrimas que havia chorado quando tinha três metros de altura.

– Eu queria ter chorado menos! – disse Alice, enquanto nadava, tentando sair. – Agora imagino que serei punida, me afogando nas minhas próprias lágrimas! Será uma coisa esquisita, com certeza! No entanto, tudo está esquisito hoje.

Naquele instante, ela ouviu algo espirrando água na poça um pouco adiante, e nadou para mais perto para descobrir o que era. De início, pensou ser um leão-marinho ou um hipopótamo; mas se lembrou do quão minúscula estava naquele momento, e logo entendeu que era apenas um rato que havia escorregado para dentro como ela.

“Será que ajudaria de alguma coisa agora”, pensou Alice, “falar com esse rato? Tudo está tão fora do lugar aqui embaixo, que eu acho muito provável que ele possa falar. De qualquer forma, não custa tentar.”

Então ela começou:

– Oh, Rato, você sabe como sair desta poça? Estou muito cansada de nadar por aqui, oh, Rato!

Alice pensava que essa deveria ser a forma correta de se dirigir a um rato. Ela nunca fizera isso antes, mas se lembrava de ter visto na gramática de Latim de seu irmão: “Um camundongo… de um camundongo… para um camundongo… um camundongo… ó, camundongo!”. O Rato a olhou de forma bastante curiosa e pareceu piscar com um de seus olhinhos, mas não disse nada.

“Talvez não fale minha língua”, pensou Alice. “Ouso dizer que é um rato francês, que veio para cá com Guilherme, o Conquistador” (pois, com todo seu conhecimento de história, Alice não tinha uma noção muito clara de quando algo tinha acontecido.)

Então ela começou de novo:

– Où est ma chatte? – esta era a primeira frase de seu livro de francês.

De repente, o Rato saltou para fora da água e pareceu estremecer todo de pavor.

– Oh, peço perdão! – gritou Alice rapidamente, com medo de que tivesse ferido os sentimentos do pobre animal. – Eu esqueci que vocês não gostam de gatos.

– Não gostar de gatos! – gritou o Rato, em uma estridente voz passional. – Você gostaria de gatos, no meu lugar?

– Bem, talvez não – falou Alice em um tom apaziguador. – Não fique bravo com isso. E, ainda assim, eu queria lhe apresentar nossa gata Diná, acho que você gostaria de gatos se a conhecesse. Ela é uma coisinha tão querida e silenciosa…

– e Alice prosseguiu, em parte para si mesma, enquanto nadava preguiçosamente pela poça: – E ela fica ronronando tão gostoso perto da lareira, lambendo as patas para limpar o focinho depois… e ela é a coisa mais fofa de se ninar… e ela é excelente pegando camundongos… oh, peço perdão! – Alice gritou de novo, pois desta vez o Rato estava se tremendo todo, e ela teve certeza de que ele deveria estar realmente ofendido. – Não falaremos mais dela, se você preferir.

– Nós, de fato! – gritou o Rato, que estava tremendo até a ponta da cauda. – Como se eu pudesse falar de um tema desses! Nossa família sempre odiou gatos: coisas nojentas, baixas e vulgares! Que eu não ouça esse nome de novo!

– Prometo, não repetirei! – falou Alice, apressada em mudar de assunto. – Você… você gosta de… de… cachorros? – como o Rato não respondeu, Alice prosseguiu ansiosa: – Tem um cachorrinho tão querido perto de nossa casa que eu gostaria de lhe mostrar! Um terrier de olhos brilhantes, sabe… oh, com um pelo curto e cacheado! E ele busca coisas que você joga, e ele se senta e implora para jantar, e todo o tipo de coisa… não consigo lembrar metade delas agora… e ele é de um fazendeiro, sabe, e ele diz que é muito útil, que vale cem libras! Ele diz que mata todos os ratos e… oh, céus! – Alice gritou num tom pesaroso. – Temo que o ofendi de novo!

De fato, o Rato nadava para o outro lado com toda a força que tinha, criando uma imensa agitação na água enquanto se movia.

Ela o chamou com suavidade:

– Ratinho querido! Volte, por favor, e não falaremos de gatos ou cães, se não gosta deles!

Quando o Rato ouviu isso, se virou e nadou devagar até ela, seu rosto bastante pálido – “é a emoção, Alice pensou – e ele falou em uma voz baixa e trêmula:

– Vamos para a margem, então lhe contarei minha história e você vai entender por que odeio cães e gatos.

Era mais do que hora de ir, pois a poça estava ficando cada vez mais cheia com animais e pássaros que haviam caído nela. Havia um Pato e um Dodô, um Papagaio e uma Aguieta, e diversas outras criaturas curiosas. Alice assumiu a dianteira, e o grupo inteiro nadou para a margem.

capítulo 3

Uma corrida em comitê e um rabo comprido

De fato, formou-se um grupo bizarro na margem – as aves com as penas enxovalhadas, os animais com os pelos grudados ao corpo, e todos encharcados, mal-humorados e desconfortáveis.

A primeira questão, é claro, era como se secar de novo. Eles fizeram uma miniassembleia a esse respeito e, depois de alguns minutos, pareceu muito natural a Alice estar falando com familiaridade com todos eles, como se os conhecesse a vida toda. Aliás, ela teve uma discussão bastante longa com o Papagaio, que enfim ficou rabugento e não parava de repetir:

– Sou mais velho que você, então devo saber mais.

Alice não permitiria isso sem saber a idade dele; e, como o Papagaio de forma alguma queria dizer sua idade, não havia mais nada a discutir.

Enfim, o Rato, que parecia ser uma pessoa de autoridade entre eles, gritou:

– Sentem-se, todos vocês, e me ouçam! Eu vou deixar todos secos já já!

Todos se sentaram de imediato, em um círculo grande, com o Rato no centro. Alice manteve os olhos ansiosamente fixos nele, pois tinha certeza de que

pegaria um resfriado forte se não se secasse logo.

– Cof cof! – fez o Rato com um ar importante. – Estão todos prontos? Esta é a coisa mais seca que sei. Todos em silêncio, por favor! “Guilherme, o conquistador, cuja causa era apoiada pelo Papa, logo foi rendido pelos ingleses, que queriam líderes, e muito recentemente vinham se acostumando à usurpação e conquista. Edwin e Morcar, os condes da Mércia e da Notúmbria…”

– Eca! – disse o Papagaio, com um estremecer.

– Perdão! – disse o Rato, franzindo a testa, mas com muita educação. – Disse algo?

– Eu não! – respondeu o Papagaio, mais que depressa.

– Achei que tinha dito – disse o Rato. – … Prosseguindo. “Edwin e Morcar, os condes da Mércia e da Notúmbria, proclamaram seu apoio a ele: e até mesmo Stigand, o arcebispo patriótico de Canterbury, acreditava que isso oportunizava que…”

– Acreditava que o quê? – perguntou o Pato.

– Acreditava que isso – respondeu o Rato com bastante irritação. – Com certeza você sabe o que “isso” significa.

– Sei o que “isso” significa muito bem, quando eu acho algo – disse o Pato. – Mas, em geral, é uma rã ou uma minhoca. Minha pergunta é: o que o arcebispo achou?

O Rato não se concentrou na pergunta, mas seguiu em frente.

– “… acreditava que isso oportunizava que fosse falar com Edgar Atheling, para encontrar Guilherme e lhe oferecer a coroa. A conduta de Guilherme, de início, foi moderada. Mas a insolência dos normandos…”. Como está agora, minha querida? – ele continuou, virando-se para Alice enquanto falava.

– Mais molhada do que nunca – respondeu Alice num tom melancólico. – Não parece estar secando em nada.

– Nesse caso – disse o Dodô com solenidade, pondo-se em pé –, sugiro que a assembleia seja adiada, para a adoção imediata de medidas mais energéticas…

– Fale direito! – disse a Aguieta. – Não sei o significado de metade dessas palavras compridas e, além do mais, acho que você também não sabe!

Então baixou a cabeça para esconder um sorriso. Alguns dos pássaros soltaram risinhos audíveis.

– O que eu ia dizer – disse o Dodô num tom ofendido – era que o melhor a fazer para nos secarmos seria uma corrida em comitê.

– O que é uma corrida em comitê? – perguntou Alice.

Não que ela quisesse muito saber, mas o Dodô havia pausado como se pensasse que alguém tinha que falar, e ninguém pareceu inclinado a dizer nada.

– Ora – disse o Dodô –, a melhor maneira de explicar é fazendo. (E, como você mesmo pode querer experimentar a técnica num dia de inverno, vou contar como ele fez.)

Primeiro, ele desenhou uma pista de corrida, numa espécie de círculo ("A forma exata não importa", ele disse), e então todos no grupo foram colocados em pontos do percurso, aqui e ali. Não houve um "Um, dois, três e já": cada um começou a correr quando quis, e disparou quando quis, então não foi fácil definir quando a corrida tinha acabado. No entanto, depois de correrem por cerca de meia hora, e estarem bastante secos de novo, o Dodô gritou de repente:

– A corrida terminou!

Todos se amontoaram ao redor dele, bufando e perguntando:

– Mas quem ganhou?

Essa pergunta o Dodô não sabia responder sem antes pensar muito; então ele se sentou por muito tempo com um dedo na testa – a posição em que normalmente você vê Shakespeare, nos retratos dele –, enquanto o resto esperava em silêncio. Enfim, o Dodô disse:

– Todo mundo ganhou, e todos merecem prêmios.

– Mas quem vai dar os prêmios? – perguntou um coro grande de vozes.

– Ora, ela, é claro – disse o Dodô, apontando para Alice com um dedo.

O grupo inteiro se amontoou ao redor dela, gritando de forma confusa:

– Prêmio! Prêmio!

Alice não fazia ideia do que fazer; então, em desespero, colocou a mão no bolso, tirou uma caixa de confeitos – por sorte, a água salgada não havia entrado – e os entregou como prêmios. Havia exatamente um para cada.

– Mas ela merece um prêmio também – disse o Rato.

– É claro – respondeu o Dodô com muita gravidade. – O que mais você tem no bolso? – prosseguiu ele, virando-se para Alice.

– Apenas um dedal – disse Alice com tristeza.

– Passe para cá – disse o Dodô.

Então, todos se juntaram ao redor dela mais uma vez, enquanto o Dodô lhe apresentava o dedal com solenidade, dizendo:

– Pedimos humildemente que aceite este dedal elegante.

E, quando terminou esta fala curta, todos deram vivas. Alice achou a coisa toda bastante absurda, mas todos tinham ares tão graves que ela não ousou rir; e já que não conseguia pensar em nada para dizer, apenas fez uma reverência e pegou o dedal, com os ares mais solenes que tinha.

Em seguida, passaram a comer os confeitos, o que causou algum ruído e confusão, já que os pássaros grandes reclamaram que não sentiam o sabor, e os pequenos engasgaram e tiveram que receber tapinhas nas costas. Quando tudo enfim acabou, sentaram-se de novo em círculo e imploraram ao Rato que lhes contasse algo mais.

– Você prometeu me contar sua história – disse Alice –, e por que você odeia… G e C – ela acrescentou num sussurro, em parte com medo de que ele se ofendesse de novo.

– É longa e triste a minha história, se a ouvissem de cabo a rabo! – disse o Rato,

voltando-se para Alice e suspirando.

– Bom, o rabo é longo, com certeza – disse Alice, baixando os olhos com assombro –, mas por que chamar de triste?

Ela continuava se perguntando sobre isso, enquanto o Rato falava; então a noção que teve da história foi algo parecido com:

"O Fúria chamou
o Rato, chamou
bem de fato,
"Vamos nós
os dois ao
tribunal.
Ora pois:
eu acuso
você, afinal.
Não há recusa;
julgamos
agora: Pois
na verdade
tenho nada
a fazer a esta
hora. O rato
disse depressa
"O julgar, Meu
senhor, ora
essa! Sem júri
ou julgador,
isso seria
desperdício
de ar. "Eu
vou julgar.
Também
jurar",
disse
Fúria,
espertalhão:
"Julgo bem
e na prisão
você vem a
morrer".

– Você não está prestando atenção! – disse o Rato a Alice, com severidade. – No que está pensando?

– Perdão – disse Alice, envergonhada. – Nós tínhamos chegado à quinta volta, não?

– Nós não! – gritou o Rato, de forma brusca e muito furiosa.

– Um nó! – disse Alice, sempre de prontidão para algo útil, e olhando com ansiedade ao seu redor. – Oh, deixe-me ajudar a desamarrá-lo!

– Não quero mais nada com você – disse o Rato, levantando-se e caminhando para longe. – Você me insulta ao falar tamanhas bobagens!

– Foi sem querer! – implorou a pobre Alice. – Mas você se ofende tão fácil, sabe!

O Rato apenas resmungou em resposta.

– Por favor, volte e termine sua história! – gritou Alice atrás dele; e os outros se juntaram ao coro:

– Sim, volte, por favor!

Mas o Rato apenas abanou a cabeça com impaciência e caminhou ainda mais rápido.

– Que pena que não contou! – suspirou o Papagaio, assim que o Rato já estava fora do campo de visão; e uma velha Carangueja aproveitou a oportunidade para dizer à sua filha:

– Ah, minha querida! Que esta seja uma lição para que você nunca perca a sua paciência!

– Bico calado, mãe! – respondeu a caranguejinha, um pouco insolente. – Você acaba com a paciência de uma ostra!

– Queria ter nossa Diná aqui, sei que queria! – disse Alice em voz alta, dirigindo-se a ninguém em particular. – Ela logo o traria de volta!

– E quem é Diná, se posso ousar a perguntar? – perguntou o Papagaio.

Alice respondeu com ansiedade, pois estava sempre pronta a falar de sua mascote:

– Diná é nossa gata. Ela é tão excepcional caçando camundongos, que você nem imagina! E, ah, queria que vocês pudessem vê-la perseguir os passarinhos! Ora, ela devora um passarinho antes mesmo de eu ver!

Esta fala causou uma comoção notável no grupo. Alguns dos pássaros se apressaram, indo embora de imediato. Uma velha Gralha começou a se agasalhar com muito cuidado, notando:

– Eu realmente deveria estar a caminho de casa. Esse ar noturno faz mal à minha garganta!

E um Canário chamou seus filhos com voz trêmula:

– Venham logo, meus queridos! Já passa da hora de ir para a cama!

Com diferentes pretextos, todos foram embora, e Alice logo ficou sozinha.

– Não queria ter mencionado Diná! – disse ela para si mesma, em tom melancólico. – Ninguém parece gostar dela aqui embaixo, e tenho certeza de que é a melhor gata do mundo! Oh, minha querida Diná! Eu me pergunto se um dia a verei de novo!

E então a pobre Alice começou a chorar de novo, pois se sentia muito sozinha e derrotada. Em pouco tempo, no entanto, ela ouviu de novo alguns passos ao longe e ergueu os olhos com ansiedade, em parte esperando que o Rato tivesse mudado de ideia e estivesse voltando para terminar a história.

capítulo 4

Bill paga o pato do Coelho

Era o Coelho Branco que voltava, marchando devagar e olhando com ansiedade ao seu redor, como se tivesse perdido algo. Ela o ouviu resmungar para si mesmo:

– A Duquesa! A Duquesa! Oh, minhas patinhas santíssimas! Oh, meu pelo e bigode! Ela vai mandar que me executem, tão certo como furões são furões! Onde foi que eu as deixei cair?

Alice entendeu num instante que ele procurava o leque e o par de luvas de pelica brancas; e então, com muita amabilidade, começou a buscá-las, mas não estavam em parte alguma. Tudo parecia ter mudado desde que nadara pela poça. O grande corredor, com a mesa de vidro e a portinha, havia desaparecido por completo.

Quando o Coelho notou Alice, ela continuava procurando ao redor de si; então ele a chamou em um tom muito bravo:

– Ora essa, Mary Ann, o que você está fazendo aqui fora? Vá para casa neste instante, e me busque um par de luvas e um leque! Rápido, ora!

Alice ficou com tanto medo que saiu correndo de imediato na direção em que ele apontou, sem tentar explicar o erro que cometera.

– Ele me confundiu com a criada – disse ela para si mesma, enquanto corria. – Como vai ficar surpreso quando descobrir quem sou eu! Mas é melhor eu levar logo esse leque e as luvas para ele… quer dizer, se eu conseguir encontrá-los.

Ao dizer isso, deparou com uma casinha jeitosa, e na porta havia uma brilhante placa de bronze com o nome “C. Branco” gravado. Ela entrou sem bater e se apressou escada acima, com muito medo de encontrar a Mary Ann verdadeira e ser colocada para fora antes de encontrar o leque e as luvas.

– Como é estranho – disse Alice para si mesma – estar resolvendo picuinhas para um coelho! Imagino que Diná vá sair mandando em mim depois!

E ela começou a imaginar o tipo de coisa que aconteceria: “Srta. Alice, venha aqui imediatamente e se prepare para a sua caminhada!”. E ela responderia: “Em um minutinho, ama! Só tenho que cuidar para o rato não sair”.

– Mas não acho – prosseguiu Alice – que deixariam Diná dormir na casa se ela começasse a dar ordens desse jeito!

A essa altura, ela tinha entrado num quartinho arrumado, com uma mesa à beira da janela; e sobre ela – como ela esperara – havia um leque e dois ou três pares de pequeninas luvas de pelica. Ela pegou o leque e um par de luvas e estava prestes a deixar o quarto, quando seu olho pescou uma garrafinha parada ao lado do espelho. Desta vez não havia rótulo com as palavras “BEBA-ME”; mas, ainda assim, ela tirou a rolha e a aproximou dos lábios.

– Sei que alguma coisa interessante com certeza vai acontecer – disse ela. – É o que acontece sempre que bebo ou como algo. Então vou apenas ver o que essa garrafa faz. Espero que me faça crescer de novo, pois realmente me cansei de ser uma coisinha tão miúda!

O líquido teve esse efeito, e muito antes do que havia esperado. Antes de ela ter chegado à metade da garrafa, ela sentiu a cabeça pressionar o teto e precisou se abaixar para evitar que quebrasse o pescoço. Rapidamente, largou a garrafa, dizendo a si mesma:

– Já está de bom tamanho… Espero não crescer mais… Do jeito que estou, não consigo sair pela porta… Eu realmente queria não ter bebido tanto!

Pobrezinha! Era tarde demais para desejar isso! Ela continuou crescendo e crescendo, e logo precisou se ajoelhar no chão. No minuto seguinte, não havia mais espaço nem mesmo para isso, e ela tentou se deitar com um cotovelo contra a porta e o outro braço ao redor da cabeça. Ainda assim, ela seguiu crescendo; e, como um último recurso, colocou um braço para fora da janela e um pé pela lareira. Então disse para si mesma: "Agora não posso fazer mais nada, seja lá o que aconteça. O que é que vai acontecer comigo?".

Para a sorte de Alice, a garrafinha mágica já tivera o efeito completo e ela não cresceu mais. Ainda assim, estava muito desconfortável; e como parecia não haver nenhuma chance de ela sair daquele lugar novamente, não era de se espantar que estivesse triste.

“Era muito mais agradável em casa”, pensou a pobre Alice, “quando não se estava sempre aumentando ou diminuindo de tamanho, ou ouvindo ordens de ratos e coelhos. Eu desejaria nunca ter entrado por aquela toca… e ainda assim… e ainda assim… é bastante curioso, sabe, esse tipo de vida! Eu me pergunto mesmo o que pode ter acontecido comigo! Quando eu lia contos de fadas, eu imaginava que aquele tipo de coisa nunca acontecia de verdade, e agora aqui estou no meio de um! Deveriam escrever um livro a meu respeito, ah, deveriam sim! E quando eu crescer, vou escrever um… mas eu cresci agora”, acrescentou num tom tristonho. “Ao menos, não tem mais espaço para crescer aqui.”

“Mas, por outro lado”, pensou Alice, “será que nunca mais vou ficar mais velha do que agora? Isso vai ser um conforto, de certa forma… nunca ser uma velhinha… mas, pensando bem… sempre ter que ir à escola! Oh, eu não gostaria disso!”

“Oh, Alice tolinha!”, respondeu para si mesma. “Como pode ir para a escola desse jeito? Ora, mal tem espaço para você, e quanto menos espaço para qualquer um de seus livros da escola!”

E assim ela prosseguiu, primeiro tomando uma posição, e então a outra, e desfiando uma conversa e tanto disso tudo. Mas, depois de alguns minutos, ouviu uma voz do lado de fora e parou para prestar atenção.

– Mary Ann! Mary Ann! – disse a voz. – Traga minhas luvas neste instante!

Então veio o som baixo de pés nas escadas. Alice sabia que era o Coelho vindo atrás dela, e estremeceu até balançar a casa inteira, esquecendo-se de que agora

era cerca de mil vezes maior que o Coelho, e não tinha motivo algum para temê-lo.

De imediato, o Coelho foi até a porta e tentou abri-la; mas, quando a porta abriu para dentro, o cotovelo de Alice estava pressionado contra ela, e essa tentativa se revelou um fracasso. Alice ouviu o Coelho dizer para si mesmo:

– Então vou dar a volta e entrar pela janela.

“Isso você não vai conseguir!”, pensou Alice. E depois de esperar o que imaginava ser o tempo de o Coelho estar logo abaixo da janela, de repente abriu a mão e ameaçou pegá-lo no ar. Ela não pegou nada, mas ouviu um gritinho e uma queda, além de um ruído de vidro se quebrando, concluindo que ele provavelmente caíra numa estufa de pepinos ou algo parecido.

Em seguida, veio uma voz furiosa… do Coelho:

– Pat! Pat! Onde está você?

E então uma voz que ela nunca ouvira antes:

– Com certeza estou aqui! Cavando atrás de maçãs, voss’excelênça.

– Cavando atrás de maçãs, ora essa! – disse o Coelho com raiva.

– Aqui! Ajude-me a sair disso. (Sons de mais vidro se quebrando.)

– Agora, Pat, pode me dizer o que é isso na janela?

– Claro, é um braço, voss'excelênça! (Ele pronunciava "brass".)

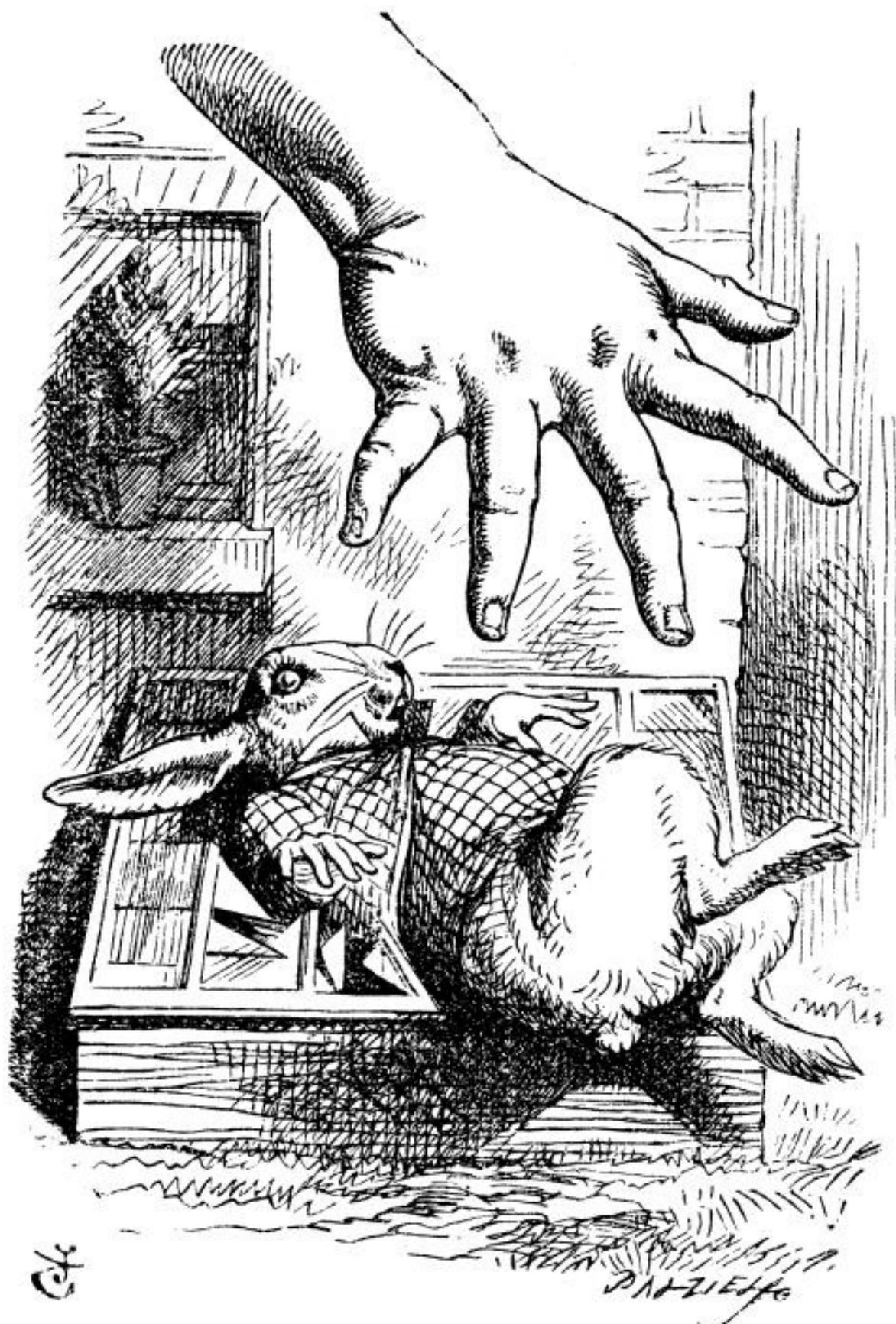
– Um braço, seu burro! Já viu algum desse tamanho? Ora, ele enche toda a janela!

– Enche mesmo, sim, senhor. Mas, de qualquer forma, é um braço.

– Bom, não tem direito algum de estar ali. Vá tirá-lo de lá!

Houve um longo silêncio depois disso, e Alice apenas ouvia sussurros de vez em quando, como:

– Claro, eu não gosto disso, voss'excelênça, de jeito nenhum, nenhum!

– Obedeça às minhas ordens, seu covarde!

E enfim ela abriu a mão de novo e ameaçou pegá-los novamente. Dessa vez, houve dois gritinhos, e mais sons de vidro se quebrando.

“Quantas estufas de pepino deve ter?”, pensou Alice. “O que será que vão fazer em seguida? Quanto a me puxar da janela, bom, eu queria que pudessem! Com certeza eu não quero ficar aqui dentro mais tempo!”

Ela esperou algum tempo sem ouvir mais nada. Mas enfim veio um ruído de rodinhas de carroça, e o som de um bom número de vozes, todas falando ao mesmo tempo. Ela decifrou as palavras:

– Onde está a outra escada? – Ora, eu só tinha que trazer uma; Bill está com a outra… – Bill! Traga aqui, garoto! – Aqui, ponha as duas de pé nessa parede… – Oh! Vai servir assim; não seja tão perfeccionista. – Aqui, Bill! Pegue a corda… – E o telhado vai aguentar? – Cuidado com a telha solta… – Oh, lá vem! Abaixem a cabeça! (um estrondo de algo se espatifando) – Então, quem fez isso? – Foi o Bill, imagino… – Quem vai descer pela chaminé? – Ora, eu que não vou! Você que desça! – Isso que não faço, não, então! – Bill tem que descer… – Aqui, Bill! O mestre disse que você é quem vai descer pela chaminé!

– Oh! Então o Bill que vai descer pela chaminé, não é? – disse Alice para si mesma. – Que vergonha, eles parecem largar tudo nas costas do Bill! Eu daria qualquer coisa para não estar no lugar do Bill. A lareira é estreita, com certeza; mas eu acho que posso chutar um pouco!

Ela afundou o pé o mais fundo que pôde na chaminé, e esperou até ouvir um animalzinho – ela não conseguia desvendar de que tipo era – arranhar e trepar pela chaminé, logo acima dela. Então, dizendo para si mesma: “Este é Bill”, ela

deu um chute forte e esperou para ver o que aconteceria em seguida.

A primeira coisa que ouviu foi um murmúrio geral de “Olha o Bill lá!”, e então a voz do Coelho sobressaindo em meio às outras:

– Pegue o Bill, você perto da cerca!

Primeiro fez-se silêncio, depois houve uma nova confusão de vozes…

– Segure a cabeça dele.

– Quem tem conhaque?

– Não sufoque o rapaz.

– Como foi, meu jovem? O que lhe aconteceu? Conte tudo!

Por último, veio uma voz fraca e esganiçada (“Este é Bill”, pensou Alice):

– Bem, eu mal vi o que houve… Não, já chega, obrigada; eu me sinto melhor agora… Mas estou muito agitado no momento para conseguir contar… tudo o que sei é que algo saltou na minha direção, como um boneco numa caixa surpresa, e eu disparei pelo céu como um foguete!

– Voou mesmo, meu caro! – disseram os outros.

– Vamos atear fogo na casa! – disse a voz do Coelho.

E Alice gritou o mais alto que podia:

– Se fizerem isso, vou mandar a Diná pegar vocês!

Houve um silêncio fatal no mesmo instante, e Alice pensou consigo mesma: “O que será que vão fazer em seguida? Se tivessem algum bom senso, arrancariam o telhado”. Depois de um ou dois minutos, começaram a se mover outra vez, e Alice ouviu o Coelho dizer:

– Um carrinho de mão cheio basta, para começar.

“Um carrinho de mão cheio de quê?”, pensou Alice.

Mas ela não precisou se perguntar por muito tempo, pois no momento seguinte uma chuva de pedrinhas começou a estalar na janela, e algumas delas lhe atingiam o rosto.

– Vou acabar com isso – disse ela, e gritou para fora: – É melhor não fazerem isso de novo!

O que produziu outro silêncio mortal. Alice notou com alguma surpresa que as pedrinhas todas se transformavam em bolinhos ao caírem no chão, e uma ideia brilhante lhe ocorreu.

“Se eu comer um desses bolos”, pensou, “com certeza vai causar alguma diferença no meu tamanho; e não é possível que me deixe maior, só pode me deixar menor, eu imagino.”

Ela então devorou um dos bolos e percebeu, contente, que começou imediatamente a diminuir. Assim que estava pequena o suficiente para passar pela porta, correu para fora da casa e encontrou uma multidão e tanto de animaizinhos e pássaros esperando. O pobre Lagarto, Bill, estava no meio, sustentado por dois porquinhos-da-índia, que lhe davam algo de uma garrafa. Todos avançaram na direção de Alice no momento em que ela apareceu; mas ela fugiu o mais rápido que pôde, e logo estava em segurança no meio de uma floresta densa.

– A primeira coisa que tenho que fazer – disse Alice enquanto vagava pelo bosque – é crescer até chegar ao tamanho certo. A segunda coisa é encontrar o caminho até aquele jardim adorável. Acho que seria o melhor plano.

Sem dúvida, parecia ser um plano excelente; a única dificuldade era que ela não fazia a menor ideia de como colocá-lo em prática. Enquanto espiava ansiosamente entre as árvores, um latidinho agudo logo acima de sua cabeça a fez olhar para cima rapidamente.

Um filhote de cachorro imenso a mirava com grandes olhos redondos e, esticando uma pata debilmente, tentava tocá-la.

– Pobrezinho! – disse Alice, num tom afetuoso, e fez muito esforço para assobiar e chamá-lo; mas o tempo todo ela estava assustada com a ideia de que ele poderia estar com fome, e nesse caso ele muito provavelmente a devoraria, apesar de seu tom afetuoso.

Sem saber bem o que fazia, ela pegou um graveto e o agitou para o cãozinho. O filhote saltou no ar, com um grunhido de felicidade, e correu atrás do graveto. Alice fugiu para trás de um grande cardo, para evitar ser atropelada. No momento em que ela apareceu do outro lado, o cãozinho avançou para o graveto de novo e, agitado, deu uma cambalhota.

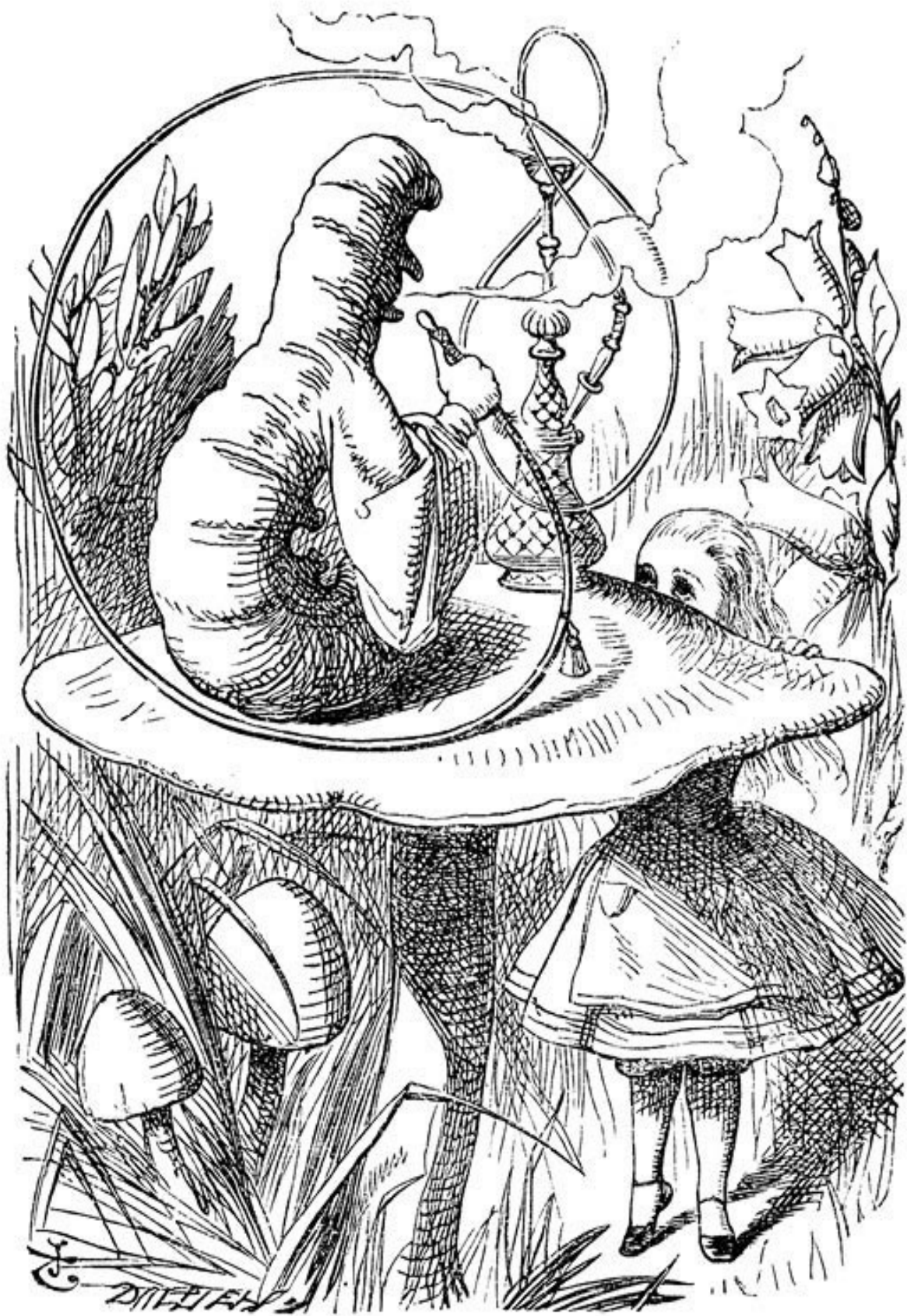
Alice, pensando que era muito parecido com brincar de pique com um cavalo, e com medo de ser pisoteada a qualquer momento, correu ao redor do cardo de novo. O cãozinho começou uma série de investidas curtas rumo ao graveto, correndo um pouco para a frente e muito para trás, e latindo rouco todo o tempo, até finalmente se sentar a uma boa distância, esbaforido, com a língua pendurada para fora da boca e os grandes olhos semicerrados.

Essa pareceu uma boa oportunidade para Alice escapar. E foi o que ela fez, correu até estar bastante cansada e sem ar, e até o latido do cachorrinho estar bastante fraco à distância.

– E ainda assim, que cachorrinho querido ele era! – disse Alice, enquanto se apoiava num botão-de-ouro para descansar e se abanava com uma das folhas. – Eu teria gostado de lhe ensinar truques, se… se eu apenas tivesse o tamanho certo para isso! Oh, céus! Eu quase me esqueci de que preciso crescer de novo! Deixe-me ver… como é que se faz isso? Imagino que eu deva comer ou beber alguma coisa ou outra, mas a grande questão é: o quê?

Sem dúvida, essa era a grande questão. Alice observou as flores e a grama ao redor, mas não viu

nada que parecesse ser a coisa certa para comer ou beber. Havia um grande cogumelo crescendo perto dela, mais ou menos da mesma altura que ela. Quando ela olhou embaixo dele, dos dois lados e atrás dele, ocorreu-lhe que ela poderia muito bem espiar o que estava em cima dele.

Ela se esticou na ponta dos pés e espiou por cima da beira do cogumelo, e seus olhos imediatamente encontraram os de uma grande lagarta azul, que estava sentada com os braços cruzados, fumando um longo narguilé em silêncio, sem notar Alice ou qualquer outra coisa.

capítulo 5

Conselhos de uma Lagarta

ALagarta e Alice se olharam por algum tempo em silêncio. Por fim, a Lagarta tirou o narguilé da boca e se dirigiu a ela numa voz sonolenta e lânguida:

– Quem é você? – perguntou a Lagarta.

Essa não era uma abertura encorajadora para uma conversa. Alice respondeu, de forma bastante tímida:

– Eu… eu mal sei, Senhor, neste exato instante… ao menos sei quem eu era quando me levantei hoje pela manhã, mas acho que devo ter mudado diversas vezes desde então.

– Como assim? – perguntou a Lagarta com severidade. – Explique-se!

– Temo que não possa me explicar, Senhor – disse Alice –, porque não sou eu mesma, entende?

– Não entendo – disse a Lagarta.

– Temo que não possa dizer com mais clareza – respondeu Alice com muita educação –, pois eu mesma não entendo, para começo de conversa; e ficar de tantos tamanhos diferentes em um só dia deixa a pessoa confusa.

– Não deixa nada – disse a Lagarta.

– Bom, talvez você não tenha achado isso ainda – disse Alice –, mas, quando precisar se transformar numa crisálida… você vai um dia, sabe… e então, depois disso, numa borboleta, penso que você acharia isso um pouco esquisito, não?

– De forma alguma – respondeu a Lagarta.

– Bem, talvez os seus sentimentos possam ser diferentes – disse Alice. – Tudo o que sei é que seria muito estranho para mim.

– Você! – disse a Lagarta com desdém. – Quem é você?

E isso as levou ao início da conversa. Alice sentiu um pouco de irritação com a Lagarta fazendo observações tão curtas, então ela ajeitou a postura e disse, com muita gravidade:

– Acho que você tem que me dizer quem é você primeiro.

– Por quê? – perguntou a Lagarta.

Essa era outra pergunta enigmática; e já que Alice não conseguia pensar em nenhum bom motivo, e já que a Lagarta parecia apresentar um estado mental muito desagradável, ela lhe deu as costas.

– Volte aqui! – chamou a Lagarta atrás dela. – Tenho algo importante a dizer!

Isso, com certeza, soava promissor. Alice se virou e retornou.

– Fique calma – disse a Lagarta.

– Era só isso? – perguntou Alice, engolindo a raiva do melhor jeito que podia.

– Não – respondeu a Lagarta.

Alice pensou que poderia muito bem esperar, já que não tinha mais nada a fazer, e talvez, afinal de contas, a Lagarta pudesse lhe contar algo que valesse a pena ouvir. Por alguns minutos, a Lagarta soltou baforadas sem dizer nada, mas enfim descruzou os braços, tirou o narguilé da boca de novo e disse:

– Então, você acha que mudou, é?

– Temo que mudei sim, senhor – disse Alice. – Não consigo me lembrar das coisas como costumava… e não fico do mesmo tamanho por dez minutos

seguidos!

– Não consegue se lembrar de que coisas? – perguntou a Lagarta.

– Bem, eu tentei recitar “Como pode a abelhinha atarefada”, mas tudo saiu diferente! – respondeu Alice numa voz melancólica.

– Recite “Está velho, Pai William” – disse a Lagarta.

Alice entrelaçou os dedos e começou:

“Está velho, Pai William”, foi o que disse o rapaz,

“Seu cabelo está muito branco já;

Como fica de ponta-cabeça em paz…

Na sua idade, é hora de parar.”

Ao filho, ele respondeu:

“Temia a cabeça machucar;

Mas está vazia, seguro estou eu,

Ora, nunca deixarei de tentar.”

“Está velho”, disse o rapaz, “como já falei antes,

Deu uma cambalhota na porta

Mesmo gordo como cem elefantes;

Como a coluna não entorta?”

O velho a cabeça meneou,

“Ficava saudável quando moço

Com esta pomada, feita de osso…

Está barata, nunca provou?”

“Está velho”, disse o jovem,

“e seus dentes estão moles;

Mas o vejo roer ossos de galinha e bico…

Como consegue ir além de goles?”

“Quando era moço”, o pai foi falar,

“estudei muito Direito.

A força de tanto argumentar

Deixou minha boca com jeito.”

“Você está velho”, disse o moço num triz,

“Duvido que enxergue o que leva ou o que traz;

Mas equilibra uma enguia na ponta do nariz…

Como é que isso se faz?”

“Três perguntas já respondi, e isso basta,”

disse o pai; “não fique tão afetado!

Acha que gosto de tanta bobagem vasta?

Suma daqui, ou farei mais do que brados!”

– Você não recitou direito – disse a Lagarta.

– Acho que eu não recitei bem direito – disse Alice com timidez. – Algumas das palavras se alteraram.

– Está errado do começo ao fim – disse a Lagarta de forma decisiva, e houve um silêncio por alguns minutos.

A Lagarta foi a primeira a voltar a falar:

– De que tamanho quer ser? – perguntou.

– Ah, eu não faço muita questão quanto a tamanho – respondeu Alice rapidamente. – Só um que não fique mudando tanto, sabe.

– Eu não sei – disse a Lagarta.

Alice não disse nada. Ela nunca tinha sido tão contrariada em sua vida antes, e sentia que estava prestes a perder a paciência.

– Está satisfeita agora? – perguntou a Lagarta.

– Ora, eu gostaria de ser um pouquinho maior, senhor, se você não se importa – disse Alice. – Nove centímetros é uma altura miserável de se ter.

– É uma altura muito boa! – disse a Lagarta com raiva, empinando-se nas patas traseiras enquanto falava (tinha exatamente nove centímetros de altura).

– Mas eu não estou acostumada a ela! – implorou a pobre Alice em um tom lastimado. E pensou consigo mesma: “Eu queria que as criaturas não se ofendessem tanto!”.

– Vai se acostumar com o tempo – disse a Lagarta. Então colocou o narguilé na boca e começou a fumar de novo.

Desta vez, Alice esperou com paciência até decidir falar de novo. Em um ou dois minutos a Lagarta tirou o narguilé da boca e bocejou uma ou duas vezes, balançando-se. Então, ela desceu do cogumelo e saiu rastejando pela relva, apenas fazendo a observação conforme se afastava:

– Um lado vai deixar você mais alta, o outro vai deixar mais baixa.

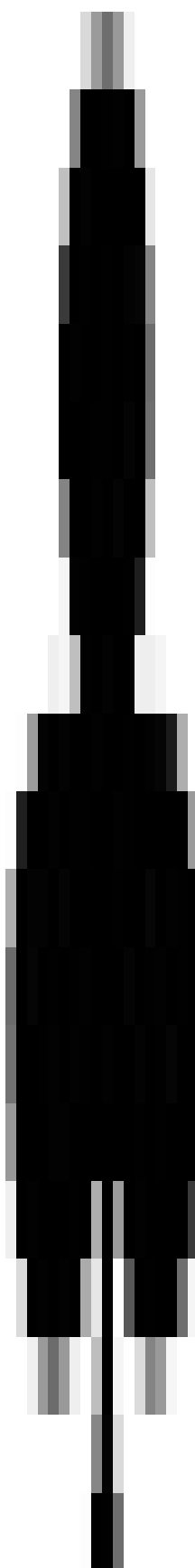
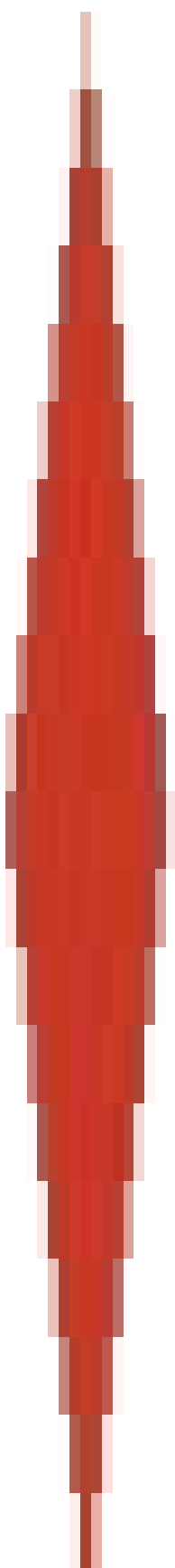
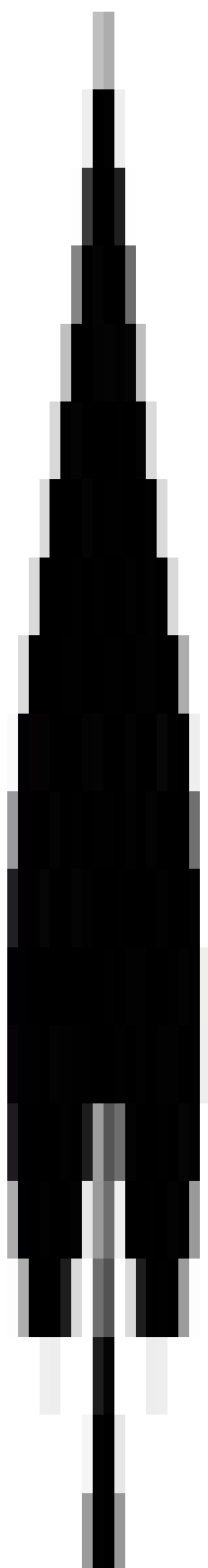
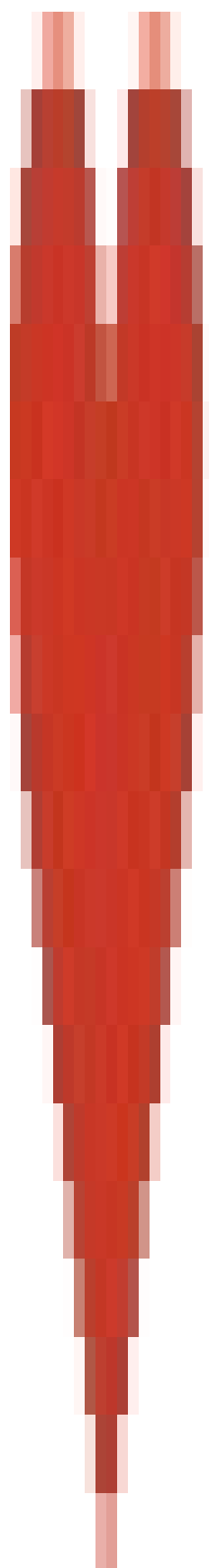
“Um lado de quê? O outro lado de quê?”, pensou Alice.

– Do cogumelo – disse a Lagarta, como se a menina tivesse perguntado em voz alta; e, no momento seguinte, já estava fora do campo de visão.

Alice ficou olhando para o cogumelo de forma pensativa por um minuto, tentando entender quais eram os dois lados dele. Por ele ser perfeitamente redondo, achou essa pergunta bastante difícil. No entanto, estendeu os braços ao redor do cogumelo o máximo que conseguia, e arrancou um pedacinho de cada beirada com cada mão.

– E agora, qual é qual? – disse para si mesma, e mordiscou um pouco da porção da mão direita para ver o efeito. No momento seguinte, sentiu uma pancada violenta no queixo: ele tinha batido nos seus pés!

Ela estava bastante assustada com essa mudança súbita, mas sentiu que não havia tempo a perder, já que encolhia rapidamente. Então rapidamente comeu um pedaço da outra parte. O queixo estava tão comprimido no pé que mal havia espaço para abrir a boca, mas ela finalmente conseguiu, e pôde engolir um

pedaço da porção da mão esquerda.

– Viva! Minha cabeça está enfim livre! – disse Alice em tom de alegria, que se transformou em alarme num instante, quando ela viu que seus ombros haviam sumido.

Tudo que ela conseguia ver ao olhar para baixo era uma extensão imensa de pescoço, que parecia crescer como um talo de um mar de folhas verdes que se estendia lá longe, abaixo dela.

– O que é que pode ser toda essa coisa verde? – perguntou Alice. – E onde é que meus ombros foram se meter? E, ah, minhas pobres mãos, como é que não enxergo mais vocês? – Ela movia as mãos enquanto falava, mas não parecia dar resultado algum, exceto por um chacoalhar entre as distantes folhas verdes.

Como não parecia haver a menor chance de trazer as mãos à cabeça, ela tentou abaixar a cabeça até as mãos, e ficou contente ao descobrir que seu pescoço se curvava com facilidade em qualquer direção, como uma serpente. Ela tinha acabado de curvá-lo com sucesso num zigue-zague gracioso e estava prestes a mergulhar entre as folhas, que ela notou que não eram nada além das copas das árvores por onde vinha vagando, quando um assobio agudo a fez recuar depressa: uma pomba grande havia voado até seu rosto e batia nela violentamente com suas asas:

– Cobra! – gritou a Pomba.

– Eu não sou uma cobra! – disse Alice, indignada. – Deixe-me em paz!

– Cobra, eu insisto! – repetiu a Pomba, mas em um tom mais comedido,

acrescentando com um tipo de soluço: – Tentei de todas as formas, e nada parece contentá-las!

– Não faço a menor ideia do que você está falando – disse Alice.

– Tentei as raízes das árvores, e tentei ribanceiras, e tentei cercas-vivas – prosseguiu a Pomba, sem respondê-la –, mas essas cobras! Não tem nada que agrade!

Alice estava cada vez mais intrigada, mas pensou que não adiantaria de nada dizer qualquer outra coisa até a pomba terminar.

– Como se não fosse bastante ter que chocar ovos – disse a Pomba –, ainda preciso ficar em alerta por causa das cobras, noite e dia! Ora, não pude fechar os olhos para dormir em três semanas!

– Sinto muitíssimo que a tenham perturbado – disse Alice, que começava a entender o significado.

– E justo quando escolho a árvore mais alta do bosque – continuou a Pomba, erguendo a voz a um guincho –, e justo quando eu pensava que finalmente me livraria delas, elas precisam vir subindo, chegando retorcidas do céu! Arre, cobra!

– Mas eu não sou uma cobra, estou falando! – disse Alice. – Sou uma… sou uma…

– Ora! O que é você? – perguntou a Pomba. – Estou vendo que está tentando inventar algo!

– Eu… eu sou uma garotinha – disse Alice, bastante em dúvida, ao se lembrar do número de mudanças pelas quais havia passado naquele dia.

– Uma história muito provável, de fato! – disse a Pomba, num tom do mais profundo desdém. – Já vi muitas garotinhas no meu tempo, mas nunca uma com um pescoço desses! Não, não! Você é uma cobra, e não adianta nada negar isso. Imagino que vá me contar agora que nunca provou um ovo!

– Eu já provei ovos, com certeza – disse Alice, que era uma criança muito honesta –, mas garotinhas comem ovos com a mesma frequência que cobras, sabe?

– Não acredito nisso – disse a Pomba. – E, se comem, ora, então são um tipo de cobra também, é tudo que posso dizer.

Essa era uma ideia tão nova para Alice que ela ficou em silêncio por um minuto ou dois, o que deu à Pomba a oportunidade de acrescentar:

– Você está procurando ovos, sei disso muito bem; e o que me importa se é uma garotinha ou uma cobra?

– É algo que me importa bastante – disse Alice com pressa. – Mas não estou

procurando por ovos, e, se estivesse, não estaria procurando os seus: não gosto de ovos crus.

– Ora, então caia fora! – disse a pomba num tom amuado, enquanto se acomodava de volta em seu ninho.

Alice se agachou entre as árvores da melhor maneira que conseguia, pois o pescoço ficava se prendendo nos galhos, e vez ou outra tinha que parar para desamarrá-lo. Depois de um tempo, lembrou-se de que ainda tinha os pedaços do cogumelo nas mãos, e partiu ao trabalho com muito cuidado, mordiscando primeiro um e depois o outro, e ficando às vezes mais alta e às vezes mais baixa, até que conseguiu chegar à sua altura de costume.

Fazia tanto tempo que não ficava perto do tamanho certo, que pareceu muito estranho de início, mas ela se acostumou em alguns minutos e começou a falar sozinha, como de costume.

– Pronto, metade do plano já deu certo! Como todas essas mudanças são confusas… Nunca sei como vou estar, de uma hora para outra! Mas estou de volta ao meu tamanho normal, e a próxima coisa a fazer é entrar naquele jardim encantador… mas como será que se faz isso?

Ao dizer isso, ela subitamente deparou com um lugar aberto, uma casinha de cerca de um metro e vinte.

“Seja lá quem more aí”, pensou Alice, “não convém me aproximar deles nesta altura, ou eles levariam um susto de arrepiar os cabelos!”

Então ela começou a mordiscar o pedaço da mão direita de novo, e não ousou se aproximar da casa até ficar reduzida a uns vinte centímetros de altura.

capítulo 6

Porco e Pimenta

Por cerca de um ou dois minutos, Alice ficou parada olhando para a casa e se perguntando o que fazer em seguida, quando de repente um lacaio de libré saiu correndo do bosque e bateu na porta com força (ela achou que ele era um lacaio, porque ele estava de libré; do contrário, se apenas julgasse pelo rosto, ela o teria chamado de peixe). Ela foi aberta por outro lacaio de libré, com um rosto arredondado e olhos grandes como um sapo. Ambos os lacaios, Alice notou, usavam cabeleiras encaracoladas e empoadas que davam a volta ao redor de suas cabeças. Ela ficou muito curiosa para saber o que era tudo aquilo, e saiu um pouco do bosque para ouvir.

O Lacaio-Peixe começou tirando de baixo do braço uma grande carta, quase tão grande quanto ele mesmo, e entregou para o outro num tom solene, apenas mudando a ordem das palavras de leve:

– Da Rainha, um convite à Duquesa para jogar croqué.

E então os dois se curvaram, e seus cachos se emaranharam.

Alice riu tanto disso que precisou correr de volta para a floresta, com medo de que a ouvissem. Quando ela espiou em seguida, o Lacaio-Peixe havia sumido, e o outro estava sentado no chão perto da porta, olhando para cima com um ar meio besta.

Com timidez, Alice foi até a porta e bateu.

– Não faz sentido bater – disse o Lacaio –, e isso por dois motivos. Primeiro, porque estou do mesmo lado da porta que você; e segundo, porque estão fazendo tamanha barulheira do lado de dentro, que provavelmente ninguém conseguiria ouvir você.

Com certeza havia uma barulheira das mais extraordinárias acontecendo lá dentro – um uivar e espirrar constante, e de vez em quando um grande estrépito, como se uma travessa ou chaleira tivesse se quebrado em pedacinhos.

– Por favor, então – disse Alice –, como é que posso entrar?

– Poderia fazer sentido bater na porta – prosseguiu o Lacaio sem respondê-la – se houvesse uma porta entre nós. Por exemplo, se você estivesse do lado de dentro, você poderia bater na porta, e eu poderia deixar você sair, claro. – Ele estava com os olhos erguidos para o céu o tempo todo enquanto falava, e Alice achava isso decididamente mal-educado.

“Mas talvez ele não consiga se conter”, pensou Alice, “afinal seus olhos estão muito próximos do topo da cabeça. De qualquer forma, ele poderia responder às perguntas…”

– Como é que vou entrar? – repetiu ela em voz alta.

– Eu ficarei sentado aqui – observou o Lacaio. – Até amanhã…

Nesse instante, a porta da casa se abriu e uma travessa grande passou zunindo, na direção da cabeça do Lacaio. Passou de raspão por seu nariz, e se espatifou em pedacinhos numa das árvores atrás dele.

– … ou no dia seguinte, talvez – continuou o Lacaio com o mesmo tom, exatamente como se nada tivesse acontecido.

– Como é que vou entrar? – perguntou Alice de novo, num tom mais alto.

– Mas você precisa entrar? – perguntou o Lacaio. – Esta é a primeira questão, como você sabe.

E era, sem dúvida, mas Alice não gostava que lhe dissessem o que fazer.

– É bastante pavorosa – murmurou para si mesma – a forma como todas as criaturas discutem. É o suficiente para enlouquecer alguém!

O Lacaio pareceu achar que esta era uma boa oportunidade para repetir sua observação, com algumas variações:

– Eu ficarei sentado aqui – ele disse –, ora sim, ora não, por dias e dias.

– Mas o que é que eu vou fazer? – perguntou Alice.

– O que quiser – disse o Lacaio, e começou a assobiar.

– Ah, falar com ele não serve de nada – disse Alice em desespero. – Ele é um perfeito idiota!

Então ela abriu a porta e entrou. A porta dava direto em uma grande cozinha, que estava cheia de fumaça de um lado a outro. A Duquesa estava sentada no centro, em um banquinho de três pernas, ninando um bebê. A cozinheira se inclinava sobre o fogo, mexendo um caldeirão enorme que parecia estar cheio de sopa.

“Com certeza tem pimenta demais naquela sopa!”, disse Alice para si mesma, o melhor que conseguia julgar por seus espirros.

Sem dúvida, havia pimenta demais no ar. Até mesmo a Duquesa espirrava de tempos em tempos; e o bebê alternava entre espirrar e berrar sem um instante de trégua. As únicas criaturas na cozinha que não espirravam eram a cozinheira e um grande gato sentado junto ao forno, sorrindo de orelha a orelha.

– Você poderia me dizer – disse Alice, com um pouco de timidez, pois não tinha certeza se era de bom tom da parte dela fazer essa pergunta – por que seu gato sorri dessa forma?

– É um gato de Cheshire – disse a Duquesa –, e é por isso. Porco!

Ela disse aquela última palavra com tamanha agressividade que Alice deu um

salto. Mas no mesmo instante viu que ela se dirigia ao bebê, e não a ela, então tomou coragem e voltou a falar:

– Eu não sabia que gatos de Cheshire sempre sorriam. Na verdade, eu não sabia que gatos podiam sorrir.

– Todos eles podem – disse a Duquesa. – E a maioria deles sorri.

– Não conheço nenhum que sorria – Alice disse com muita educação, sentindo-se bastante contente por ter entrado em uma conversa.

– Você não sabe muito – disse a Duquesa –, e isso é um fato.

Alice não gostou nadinha do tom dela, e pensou que seria melhor incluir outro assunto. Enquanto tentava pensar em algo, a cozinheira tirou o caldeirão de sopa do fogo e, imediatamente, se pôs a lançar tudo que estava ao seu alcance na Duquesa e no bebê. Primeiro, os atiçadores; depois, foram seguidos por uma chuva de caçarolas, pratos e travessas. A Duquesa não notou aqueles objetos mesmo quando a atingiram; e o bebê já berrava tanto que era bastante impossível decifrar se os golpes o machucavam ou não.

– Ei, por favor, preste atenção no que está fazendo! – gritou Alice, pulando e se agachando, cheia de terror. – Oh, olha o narizinho precioso dele! – disse ela quando uma panela incomumente grande voou perto do bebê e quase levou seu nariz junto.

– Se todo mundo cuidasse da sua própria vida – a Duquesa disse num resmungo rouco –, o mundo giraria muito mais rápido.

– O que não seria uma vantagem – disse Alice, que se sentia bastante contente de ter a oportunidade de mostrar seu conhecimento. – Pense só no que aconteceria com o dia e a noite! Veja, a Terra demora vinte e quatro horas para dar a volta em seu próprio eixo…

– Falando em revolução – disse a Duquesa –, cortem a cabeça dela!

Alice espiou a cozinheira com bastante ansiedade, para ver se ela tinha a intenção de obedecer; mas ela estava ocupada, mexendo a sopa, e parecia não estar ouvindo. Então Alice prosseguiu:

– Demora vinte e quatro horas, eu acho, ou seriam doze? Eu…

– Ora, não me incomode – disse a Duquesa. – Eu nunca tolerei números!

E começou a ninar o filho novamente, cantando-lhe uma espécie de música de ninar e dando-lhe um sacolejo forte ao final de cada verso:

“Com bebê, grosso deve falar,

Para um espirro, bater é a voga:

Ele só faz para irritar

Porque sabe que incomoda.”

REFRÃO

(Bebê e cozinheira cantam junto):

“Uau! Uau! Uau!”

Enquanto a Duquesa cantava o segundo verso da canção, ela seguia lançando o bebê com violência para cima e para baixo. O pobrezinho berrava tanto, que Alice mal ouvia as palavras:

“Falo grosso com meu menino,

Bato nele quando espirra;

Para que desfrute, sem falar fino,

A pimenta sem birra!”

REFRÃO

“Uau! Uau! Uau!”

– Aqui! Pode ficar com ele no colo um pouco, se quiser! – disse a Duquesa para Alice, lançando o bebê para ela enquanto falava. – Preciso me preparar para jogar croqué com a Rainha.

E então ela se apressou para fora do recinto. A cozinheira jogou uma frigideira atrás dela enquanto saía, mas errou. Alice pegou o bebê com alguma dificuldade, por ser uma criaturinha de formato esquisito, que estendia seus braços e pernas em todas as direções.

“Parece uma estrela do mar”, pensou Alice.

O pobrezinho bufava como um motor a vapor quando ela o pegou, e ficou se dobrando e esticando de novo, de forma que, por cerca de um minuto, era só assim que ela conseguia segurá-lo.

Assim que decifrou a forma correta de niná-lo – que era torcê-lo numa espécie de nó, e então segurar apertado na orelha direita e no pé esquerdo, de forma a prevenir que se desatasse –, ela o levou para o ar livre.

“Se não levar esse bebê comigo”, pensou Alice, “com certeza vão matá-lo em um ou dois dias. Não seria assassinato deixá-lo para trás?”

Ela disse essas últimas palavras em voz alta, e a coisinha pequena resmungou em resposta (a essa altura, ele parara de espirrar).

– Não resmungue – disse Alice. – Não é uma forma educada de se expressar.

O bebê resmungou novamente e Alice, ansiosa, olhou para seu rosto para entender qual era o problema. Não havia dúvida de que ele tinha um nariz muito arrebitado, muito mais parecido com um focinho do que um nariz real. Seus olhos também eram extremamente pequenos para um bebê. De forma geral, Alice não gostava muito de sua aparência.

“Mas talvez estivesse apenas chorando”, pensou ela olhando em seus olhos de novo, para procurar lágrimas.

Não, não havia lágrimas.

– Se você estiver se transformando em um porco, meu querido – disse Alice com seriedade –, não quero mais saber de você. Olhe lá, hein!

O pobrezinho soluçou de novo – ou grunhiu, era impossível distinguir –, e eles seguiram mais um tempo em silêncio.

Alice estava apenas começando a pensar consigo mesma: “E agora, o que vou fazer com essa criatura quando chegar em casa?”, quando ele grunhiu de novo, com tamanha violência, que ela olhou para seu rosto com algum alarme. Desta vez, não havia dúvida alguma: era um porco sem tirar nem pôr, e ela sentiu que seria bastante absurdo continuar a carregá-lo.

Ela o colocou no chão e se sentiu bastante aliviada por vê-lo caminhar em silêncio para o interior do bosque.

– Se ele tivesse crescido – disse para si mesma –, teria sido uma criança pavorosamente feia; mas para um porco até que é bem bonitinho.

E ela começou a pensar em crianças que conhecia e que poderiam muito bem ser porcas, e dizia apenas para si mesma: “Se alguém soubesse um jeito de transformá-las…”

Foi quando se assustou ao ver o Gato de Cheshire sentado no galho de uma árvore, a alguns metros de distância.

O Gato apenas sorriu ao vê-la. Ele parecia de boa natureza, ela pensou. Ainda assim, tinha garras muito longas e muitos dentes, então ela sentiu que deveria tratá-lo com respeito.

– Bichano de Cheshire – começou ela, com bastante timidez, já que não sabia se ele gostaria do vocativo. Mas ele apenas abriu ainda mais o sorriso.

“Bom, até agora está satisfeito”, pensou Alice, e então prosseguiu:

– Você poderia me dizer, por favor, para que lado devo seguir a partir daqui?

– Isso depende muito de para onde quer ir – respondeu o Gato.

– Eu não me importo muito com… – falou Alice.

– Então não importa muito para que lado seguir – disse o Gato.

– … desde que eu chegue em algum lugar – acrescentou Alice como explicação.

– Oh, com certeza você conseguirá – disse o Gato – se apenas continuar andando.

Alice sentiu que isso era indiscutível, então tentou outra pergunta:

– Que tipo de pessoas moram por aqui?

– Naquela direção – disse o Gato, acenando com a pata direita –, mora um Chapeleiro; e naquela direção – acenando com a outra pata –, mora uma Lebre de Março. Visite qualquer um deles: os dois são malucos.

– Mas não quero circular entre malucos – observou Alice.

– Ah, não tem como evitar – disse o Gato. – Somos todos malucos aqui. Eu sou maluco. Você também é.

– Como você sabe que eu sou maluca? – perguntou Alice.

– Deve ser – disse o Gato –, ou não teria vindo para cá.

Alice não achava que isso provava qualquer coisa. No entanto, prosseguiu:

– E como você sabe que é maluco?

– Para começo de conversa – disse o Gato –, um cão não é maluco. De acordo?

– Imagino que sim – disse Alice.

– Ora, então – prosseguiu o Gato –, veja, um cão rosna quando está bravo, e abana o rabo quando está contente. Agora eu rosno quando estou contente, e abano o rabo quando estou bravo. Portanto, eu sou maluco.

– Eu chamaria de ronronar, não rosnar – disse Alice.

– Chame como quiser – disse o Gato. – Você jogará croqué com a Rainha hoje?

– Eu gostaria muitíssimo – disse Alice –, mas ainda não fui convidada.

– Nos vemos lá – disse o Gato, e desapareceu.

Alice não se surpreendeu muito com isso; ela estava se acostumando com coisas estranhas acontecendo. Enquanto olhava para o lugar onde ele estivera, ele ressurgiu do nada.

– Aliás, o que aconteceu com o bebê? – perguntou o Gato. – Quase me esqueci de perguntar.

– Ele se transformou num porco – disse Alice em voz baixa, como se ele tivesse reaparecido com naturalidade.

– Imaginei que fosse se transformar – disse o Gato, e desapareceu de novo.

Alice esperou um pouco, em parte esperando vê-lo de novo, mas ele não apareceu, e depois de um ou dois minutos ela caminhou na direção em que ele disse que vivia a Lebre de Março.

– Eu já vi chapeleiros antes… – disse ela para si mesma. – A Lebre de Março vai ser muito mais interessante, e talvez, por estarmos em maio, ela não esteja totalmente maluca… Ao menos não tanto quanto estaria em março.

Ao dizer isso, ela ergueu os olhos, e lá estava o Gato de novo, sentado no galho de uma árvore.

– Você disse porco ou torto? – perguntou o Gato.

– Disse porco – respondeu Alice. – Queria que você parasse de aparecer e sumir assim de repente. Isso deixa as pessoas muito assustadas.

– Tudo bem – disse o Gato, e desta vez ele desapareceu muito devagar, começando com a ponta do rabo e terminando no sorriso, que permaneceu no ar um pouco mais de tempo depois que o resto dele havia desaparecido.

“Ora, já vi um gato sem sorriso”, pensou Alice, “mas um sorriso sem gato! É a coisa mais curiosa que já vi na vida!”

Ela não tinha avançado muito antes de ver a casa da Lebre de Março. Pensou que só poderia ser aquela casa, porque as chaminés tinham a forma de orelhas de coelho e o telhado estava coberto com pelo. Era uma casa tão grande que ela não quis se aproximar até ter mordiscado mais um pedaço do cogumelo da mão esquerda, ficando com cerca de sessenta centímetros de altura. Mesmo assim, ela caminhou na direção da casa de forma bastante tímida, dizendo para si mesma: “E se afinal ela estiver completamente maluca mesmo? Eu deveria ter ido visitar o Chapeleiro!”

capítulo 7

Um chá maluco

Havia uma mesa posta, sob uma árvore, em frente à casa onde a Lebre de Março e o Chapeleiro tomavam chá. Um Dormidongo estava sentado entre eles, dormindo profundamente, e os dois o usavam como almofada, descansando os cotovelos e falando por cima de sua cabeça.

“Deve estar muito desconfortável para o Dormidongo”, pensou Alice. “Mas, como ele está dormindo, imagino que não se importe.”

A mesa era grande, mas os três estavam amontoados em um canto:

– Sem espaço! Sem espaço! – gritaram ao ver Alice chegar.

– Tem espaço de sobra! – disse Alice indignada, e se sentou numa poltrona grande na ponta da mesa.

– Tome um pouco de vinho – disse a Lebre de Março, em tom encorajador.

Alice olhou por todos os lados da mesa, mas não havia nada além de chá.

– Não estou vendo vinho – observou ela.

– É porque não tem – disse a Lebre de Março.

– Então foi falta de educação oferecer – disse Alice com raiva.

– Foi falta de educação sua se sentar sem ser convidada – disse a Lebre de Março.

– Eu não sabia que a mesa era só sua – disse Alice. – Está posta para muito mais que três pessoas.

– Seu cabelo precisa de um corte – disse o Chapeleiro.

Ele estivera olhando para Alice por algum tempo com bastante curiosidade, e esta foi a primeira vez que falou.

– Você deveria aprender a não fazer esse tipo de comentário – disse Alice, um pouco severa. – É bastante grosseiro.

O Chapeleiro arregalou os olhos ao ouvir isso, mas tudo o que respondeu foi:

– O que um corvo tem em comum com uma escrivaninha?

“Ora, vamos nos divertir um pouco agora!”, pensou Alice. “Estou contente que começaram a contar charadas…” E ela acrescentou em voz alta:

– Acho que consigo adivinhar essa.

– Está dizendo que acha que consegue achar a resposta? – perguntou a Lebre de Março.

– Precisamente – disse Alice.

In this Style 10/6

– Então deveria dizer o que pensa – prosseguiu a Lebre de Março.

– E eu digo – respondeu Alice às pressas. – Ao menos… ao menos penso o que digo… é a mesma coisa, sabe.

– Não é nem de longe a mesma coisa! – disse o Chapeleiro. – Seria o mesmo que dizer que “eu vejo o que como” é igual a “eu como o que vejo”!

– Seria a mesma coisa que dizer – acrescentou a Lebre de Março – que “eu gosto do que tenho” é igual a “eu tenho o que gosto”!

– Seria a mesma coisa que dizer – acrescentou o Dormidongo, que parecia falar enquanto dormia – que “eu respiro quando durmo” é igual a “eu durmo quando respiro”!

– No seu caso, é igual – disse o Chapeleiro, e aqui a conversa esfriou.

O grupo ficou em silêncio por um instante, enquanto Alice pensava em tudo que conseguia se lembrar de corvos e escrivaninhas, o que não era muito. O Chapeleiro foi o primeiro a quebrar o silêncio:

– Que dia do mês é hoje? – perguntou, voltando-se para Alice.

Ele havia tirado o relógio do bolso e estava olhando para ele com apreensão, sacudindo-o de vez em quando e aproximando-o da orelha. Alice considerou um pouco, e então disse:

– Dia quatro.

– Dois dias de atraso! – suspirou o Chapeleiro. – Eu te falei que manteiga não funcionaria no maquinismo! – acrescentou, olhando com raiva para a Lebre de Março.

– Era manteiga de primeira – acrescentou a Lebre de Março humildemente.

– Sim, mas deve ter entrado farelo junto – resmungou o Chapeleiro. – Você não deveria ter usado a faca de pão.

A Lebre de Março pegou o relógio e o olhou com tristeza. Então ele o mergulhou na xícara de chá e olhou de novo, mas não conseguia pensar em nada melhor para dizer do que sua primeira observação:

– Era manteiga de primeira, sabe.

Alice estivera observando por cima do ombro dele com alguma curiosidade.

– Que relógio engraçado! – observou ela. – Ele diz o dia do mês, mas não diz que horas são!

– E por que deveria? – murmurou o Chapeleiro. – O seu relógio marca em que ano estamos?

– É claro que não – respondeu Alice com prontidão –, mas isso é porque ficamos muito tempo seguido no mesmo ano.

– Que é o mesmo caso do meu – disse o Chapeleiro.

Alice se sentia pavorosamente confusa. A observação do Chapeleiro parecia não ter muito sentido, e ainda assim, com certeza, falavam a mesma língua.

– Não entendo você muito bem – disse ela, com o máximo de educação que podia.

– O Dormidongo pegou no sono de novo – disse o Chapeleiro, e serviu um pouco de chá quente em seu nariz.

O Dormidongo sacudiu a cabeça sem paciência e disse, sem abrir os olhos:

– É claro, é claro; justamente o que eu mesmo ia comentar neste instante.

– Já adivinhou a charada? – perguntou o Chapeleiro, virando-se para Alice de novo.

– Não, eu desisto – respondeu Alice. – Qual é a resposta?

– Não faço a menor ideia – disse o Chapeleiro.

– Eu também não – disse a Lebre de Março.

Alice suspirou, cansada.

– Acho que poderiam fazer algo mais útil com seu tempo – disse ela – do que desperdiçá-lo ao fazer charadas sem respostas.

– Se você conhecesse o Tempo bem como eu conheço – disse o Chapeleiro –, você não falaria seu tempo. É o tempo, tenha respeito.

– Não entendi – disse Alice.

– Claro que não! – disse o Chapeleiro, jogando a cabeça para trás. – Ouso dizer que você nunca conversou com o Tempo!

– Talvez não – respondeu Alice com cuidado –, mas sei que tenho que bater o tempo quando estudo música.

– Ah! Isso explica – disse o Chapeleiro. – Ele não tolera apanhar. Agora, se você se desse bem com ele, ele faria praticamente qualquer coisa que quisesse com o relógio. Por exemplo, suponha que sejam nove da manhã, bem na hora de começar a aula: você teria apenas que sussurrar para o Tempo e o relógio voltaria num piscar de olhos! Uma e meia, hora do almoço!

– Como queria que fosse assim – sussurrou a Lebre de Março para si.

– Seria fenomenal, com certeza – disse Alice pensativa –, mas então… Eu não estaria com fome para almoçar, sabe.

– No começo talvez não – disse o Chapeleiro –, mas você poderia manter o relógio em uma e meia pelo tempo que quisesse.

– É isso que vocês fazem? – perguntou Alice.

O Chapeleiro balançou a cabeça, pesaroso.

– Eu não! – respondeu ele. – Brigamos março passado… Logo antes daquele ali enlouquecer, sabe… – Apontando com a colher de chá para a Lebre de Março – …foi o maior concerto oferecido pela Rainha de Copas, e eu tive que cantar:

“Brilha, brilha, morceguinho!

Por que não está no ninho?”

– Você conhece essa canção, não?

– Já ouvi algo parecido – disse Alice.

– Ela continua, sabe – prosseguiu o Chapeleiro –, bem assim:

“Lá no alto, lá no céu,

Tomou chá no beleléu

Brilha brilha…”

Nesse momento o Dormidongo sacolejou e começou a cantar enquanto dormia: “Brilha, brilha, brilha, brilha…”, e continuou por tanto tempo que precisaram beliscá-lo para parar.

– Bem, eu mal havia terminado o primeiro verso – disse o Chapeleiro – quando a Rainha saltou em pé e berrou: “Ele está assassinando o tempo! Cortem a cabeça dele!”.

– Que horrivelmente selvagem! – exclamou Alice.

– E, desde então – continuou o Chapeleiro num tom pesaroso –, ele não faz nada que eu peço! São sempre seis da tarde agora.

Uma ideia brilhante surgiu na cabeça de Alice:

– Ah! Então é por isso que tem tanta louça de chá na mesa?

– Sim, é por isso – disse o Chapeleiro com um suspiro. – É sempre hora do chá, e não temos tempo de lavar a louça nos intervalos.

– Então vocês ficam dando voltas, eu imagino? – observou Alice.

– Precisamente isso – disse o Chapeleiro –, à medida que se suja a louça.

– Mas o que acontece quando vocês chegarem ao começo de novo? – arriscou-se a perguntar Alice.

– Sugiro mudarmos de assunto – interrompeu a Lebre de Março, bocejando. – Estou me cansando disso. Meu voto é que a mocinha nos conte uma história.

– Temo que não conheça nenhuma – disse Alice, quase alarmada com a sugestão.

– Então o Dormidongo contará! – gritaram os dois ao mesmo tempo. – Acorde, Dormidongo! – E ambos o beliscaram, um de cada lado.

O Dormidongo abriu os olhos devagar.

– Eu não estava dormindo – disse ele, em uma débil voz rouca. – Ouvi tudinho que vocês estavam falando.

– Conte uma história! – disse a Lebre de Março.

– Sim, conte, por favor! – implorou Alice.

– E seja rápido – acrescentou o Chapeleiro –, ou vai pegar de volta no sono antes de terminar.

– Era uma vez três irmãzinhas – começou o Dormidongo com grande pressa. – E elas se chamavam Elsie, Lacie e Tillie. Elas moravam no fundo de um poço…

– E do que elas viviam? – perguntou Alice, que sempre tinha muito interesse em questões de comer e beber.

– Viviam de melado – disse o Dormidongo, depois de pensar um ou dois minutos.

– Não é possível fazer isso, sabe – observou Alice com gentileza. – Elas ficariam doentes.

– E elas ficaram – disse o Dormidongo. Muito doentes.

Alice tentou imaginar como seriam essas formas tão extraordinárias de viver, mas foi uma coisa que a atordoou muito. Então ela continuou:

– Mas por que elas viviam no fundo de um poço?

– Beba mais chá – disse a Lebre de Março para Alice, com muita sinceridade.

– Não bebi nada ainda – respondeu Alice em tom ofendido –, então não posso tomar “mais” nada.

– Quer dizer que você não pode tomar menos – disse o Chapeleiro. – É muito fácil tomar mais de algo.

– Ninguém pediu a sua opinião – disse Alice.

– Quem é que está fazendo comentários grosseiros agora? – perguntou o Chapeleiro, em triunfo.

Alice não sabia exatamente o que dizer; então se serviu de chá e pão com manteiga, se voltou para o Dormidongo e repetiu a pergunta:

– Por que elas viviam no fundo de um poço?

O Dormidongo demorou de novo um ou dois minutos pensando e então disse:

– Era um poço de melado.

– Isso não existe!

Alice estava começando a ficar muito brava, mas o Chapeleiro e a Lebre de Março fizeram “Xiu! Xiu!”, e o Dormidongo notou amuado:

– Se não pode se comportar, você que termine a história.

– Não, por favor, continue! – disse Alice com muita humildade. – Não interromperei de novo. Vou fingir que existe ao menos um poço assim.

– Um, francamente! – disse o Dormidongo com indignação. No entanto, ele consentiu em continuar: – E, então, essas três irmãzinhas… Elas estavam aprendendo a tirar, vocês sabem…

– O que elas tiravam? – perguntou Alice, esquecendo-se rapidamente de sua promessa.

– Tiravam melado – disse o Dormidongo, sem precisar pensar desta vez.

– Quero uma xícara limpa – interrompeu o Chapeleiro. – Vamos todos avançar um assento.

Ele mudou de cadeira enquanto falava, e o Dormidongo o seguiu; a Lebre de Março foi para o assento do Dormidongo, e Alice, bastante de má vontade, assumiu o lugar da Lebre de Março. O Chapeleiro foi o único que tirou alguma vantagem da mudança. Alice estava muitíssimo pior do que antes, já que a Lebre de Março tinha acabado de derrubar a leiteira no seu pires.

Alice não quis ofender o Dormidongo de novo, então prosseguiu com muita cautela:

– Mas eu não entendo. De onde é que tiravam o melado?

– Você pode tirar água de um poço de água – disse o Chapeleiro. – Então eu pensaria que você pode tirar melado de um poço de melado… não é, sua idiota?

– Mas elas estavam dentro do poço – disse Alice para o Dormidongo, escolhendo não prestar atenção na observação final.

– É claro que estavam – disse o Dormidongo. – …bem no fundo.

A resposta confundiu tanto a pobre Alice, que ela deixou o Dormidongo continuar por algum tempo sem interrompê-lo.

– Elas estavam aprendendo a fazer isso – continuou o Dormidongo, bocejando e esfregando os olhos, pois estava ficando com muito sono –, e elas tiravam todo tipo de coisa… tudo que começasse com a letra M…

– Por que com a letra M? – perguntou Alice.

– E por que não? – respondeu a Lebre de Março.

Alice ficou em silêncio.

O Dormidongo havia fechado os olhos a essa altura e estava começando a cochilar; mas, com um beliscão do Chapeleiro, ele acordou de novo com um guinchinho e prosseguiu:

– …que começa com a letra M, como maçanetas e montanhas e memória e mesmice e muitíssimos… Sabe, quando se diz que algo é “muitíssimo”… Você já viu alguém tirar “muitíssimo” do poço?

– Bem, agora que me pergunta – disse Alice, muitíssimo confusa –, eu não acho que…

– Então não deveria falar – disse o Chapeleiro.

Essa grosseria foi a gota d’água do que Alice podia suportar. Ela se levantou com desprezo e saiu caminhando. O Dormidongo pegou no sono imediatamente, e nenhum dos outros dois prestou a menor atenção na sua partida, apesar de ela olhar para trás uma ou duas vezes, meio que esperando que a chamassem de volta. A última vez que os viu, eles estavam tentando enfiar o Dormidongo dentro do bule de chá.

– De qualquer forma, nunca mais volto lá de novo! – disse Alice enquanto avançava com cuidado pelo bosque. – Foi o chá da tarde mais idiota em que já estive em toda a minha vida!

Assim que disse isso, ela notou que uma das árvores tinha uma porta que dava para seu interior.

“Isso é muito curioso!”, ela pensou. “Mas tudo está curioso hoje. É melhor eu entrar de uma vez.” E assim ela fez.

Mais uma vez, ela se viu no longo corredor, perto da mesinha de vidro.

– Muito bem, vou me sair melhor desta vez – disse para si mesma.

Começou pegando a pequena chave dourada e destrancando a porta que dava para o jardim. Então, se pôs a trabalhar mordiscando o cogumelo (ela havia guardado um pedaço no bolso) até ficar com cerca de trinta centímetros de altura. Assim, pôde passar pela pequena passagem e então… entrou, enfim, no jardim encantador, em meio aos canteiros brilhantes e as fontes de água fresca.

capítulo 8

O campo de croqué da Rainha

Havia uma roseira grande junto da entrada do jardim: as flores que cresciam ali eram brancas, mas havia três jardineiros trabalhando ao redor, ocupados, pintando-as de vermelho. Alice achou isso muito curioso, e se aproximou para observar. Assim que chegou perto, ouviu um deles falar:

– Cuidado aí, Cinco! Pare com esses respingos de tinta, que estão chegando em mim!

– Não pude evitar – disse Cinco, num tom amuado. – Sete bateu no meu cotovelo.

Ao que Sete ergueu a cabeça e disse:

– Isso mesmo, Cinco! Sempre coloque a culpa nos outros!

– É melhor você não falar tanto! – disse Cinco. – Ontem mesmo ouvi a Rainha falar que tinham que cortar sua cabeça.

– Por quê? – disse o que falou primeiro.

– Não é da sua conta, Dois! – disse Sete.

– Sim, é da conta dele! – disse Cinco. – E eu vou contar… foi por levar bulbos de tulipas ao invés de cebolas para a cozinheira.

Sete lançou seu pincel no chão, e mal havia começado a falar:

– Ora, de todas as coisas injustas… – quando seus olhos casualmente depararam com Alice, enquanto ela os observava, ele se calou de imediato, e os outros a viram também. Todos se curvaram para cumprimentá-la.

– Poderiam me dizer – disse Alice com um pouco de timidez – por que estão pintando essas rosas?

Cinco e Sete não disseram nada, mas olharam para Dois. Dois começou em voz baixa:

– Ora, o que acontece, senhorita, veja… esta roseira deveria ser de flores vermelhas, e nós plantamos uma branca por acidente; se a Rainha descobrir, todos nós seremos decapitados, entenda… Então, senhorita, estamos fazendo o melhor que podemos, antes que ela venha para…

Neste momento, Cinco, que estivera ansiosamente olhando pelo jardim, gritou:

– A Rainha! A Rainha!

No mesmo instante, os três jardineiros se jogaram de bruços no chão. Ouviu-se o som de muitos passos, e Alice se virou, ansiosa para ver a Rainha.

Primeiro surgiram dez soldados carregando porretes. Eles tinham a mesma forma dos três jardineiros, oblongos e achatados, com mãos e pés nas extremidades. Em seguida, surgiram os dez cortesãos, que estavam ornamentados com diamantes em todas as partes e caminhavam em pares, como os soldados. Depois

deles, chegaram os infantes da realeza. Eles eram dez e vinham pulando alegremente, de mãos dadas, também formando pares. Estavam todos ornamentados com corações. Logo após, vieram os convidados, em sua maioria Reis e Rainhas; e, entre eles, Alice reconheceu o Coelho Branco. Ele estava falando de um jeito nervoso e apressado, sorrindo para tudo que se dizia, e passou sem notá-la. Então, surgiu o Valete de Copas, carregando a coroa do Rei numa almofada de veludo carmesim. E, no final desse imenso cortejo, vieram O REI E A RAINHA DE COPAS.

Alice ficou com muita dúvida se devia ou não se curvar como os três jardineiros, mas não conseguia se lembrar de ter ouvido falar sobre tal regra em cortejos.

“E, além disso, de que serviria um cortejo”, ela pensou, “se todas as pessoas tivessem que ficar com o rosto abaixado, sem ver nada?”

Então ela ficou em pé onde estava e esperou.

Quando o cortejo passou diante de Alice, todos pararam e olharam para ela. A Rainha disse com severidade:

– Quem é esta? – perguntou para o Valete de Copas, que apenas se curvou e sorriu em resposta. – Idiota! – disse a Rainha, erguendo a cabeça com impaciência. E, voltando-se para Alice, prosseguiu: – Qual é seu nome, menina?

– Meu nome é Alice, para servir à vossa Majestade – disse ela com muita polidez. Mas acrescentou para si mesma: “Ora, não passam de um punhado de cartas de baralho, afinal de contas. Não preciso ter tanto medo deles!”.

– E quem são estes? – perguntou a Rainha, apontando para os três jardineiros deitados em volta da roseira.

É claro, como estavam deitados com o rosto virado para o chão e o padrão em suas costas era o mesmo de todo o resto do baralho, ela não conseguia decifrar se eram jardineiros, ou soldados, ou cortesãos, ou três de seus próprios filhos.

– Como é que eu vou saber? – disse Alice, surpresa com sua própria coragem. – Não é da minha conta.

A Rainha ficou vermelha de fúria e, depois de fuzilá-la com os olhos por um momento como uma besta feroz, gritou:

– Cortem a cabeça dela! Cortem…

– Que bobagem! – disse Alice, em tom alto e decidido.

A Rainha ficou em silêncio. O Rei colocou a mão em seu braço e disse com timidez:

– Não ligue, minha querida, é só uma criança!

A Rainha se afastou, com raiva, e disse para o Valete:

– Vire-os!

E foi o que o Valete fez, com muito cuidado, com um pé.

– Levantem-se! – disse a Rainha, numa voz esganiçada e alta.

Os três jardineiros ficaram em pé de imediato e começaram a fazer mesuras ao Rei, à Rainha, aos infantes reais e a todos os outros.

– Parem com isso! – gritou a Rainha. – Estou ficando tonta. – E, virando-se para a roseira, ela seguiu: – O que estavam fazendo aqui?

– Que seja do agrado de Vossa Majestade – disse Dois, num tom muito humilde, colocando um joelho no chão ao falar. – Estávamos tentando…

– Eu entendi! – disse a Rainha, que estivera examinando as rosas nesse meio-tempo. – Cortem as cabeças deles!

E o cortejo seguiu em frente, enquanto três soldados ficaram para trás para executar os jardineiros desafortunados, que correram para Alice pedindo proteção.

– Vocês não serão decapitados! – disse Alice, e os colocou em um largo vaso de flores que estava próximo.

Os três soldados vagaram ao redor por um ou dois minutos, procurando-os, e então, silenciosamente, foram embora, marchando atrás dos outros.

– Cortaram as cabeças deles? – gritou a Rainha.

– As cabeças rolaram, para o agrado de Vossa Majestade! – gritaram os soldados em resposta.

– Muito bem! – gritou a Rainha. – Sabe jogar croqué?

Os soldados ficaram em silêncio e olharam para Alice, como se a pergunta fosse evidentemente para ela.

– Sim! – gritou Alice.

– Então, venha! – rugiu a Rainha.

Alice se juntou ao cortejo, imaginando o que aconteceria em seguida.

– Está… está um dia muito bonito! – disse uma voz tímida ao seu lado.

Ela estava caminhando junto ao Coelho Branco, que espiava ansiosamente seu rosto.

– Muito – disse Alice. – …onde está a Duquesa?

– Xiu! Xiu! – disse o Coelho, num apressado tom baixo. Ele espiou por cima do ombro com inquietação, então se levantou na ponta dos pés, colocou a boca perto do ouvido dela e sussurrou: – Ela foi sentenciada à execução.

– Ah, e por quê? – disse Alice.

– Você falou “Que pena!”? – perguntou o Coelho.

– Não falei, não – disse Alice. – Não acho que seja pena nenhuma. Eu falei: “E por quê?”.

– Ela deu um sopapo nas orelhas da Rainha… – começou o Coelho.

Alice deu um gritinho de riso.

– Ei, xiu! – sussurrou o Coelho num tom assustado. – A Rainha vai ouvir você! Veja, ela chegou bastante atrasada, e a Rainha disse…

– Tomem seus lugares! – gritou a Rainha numa voz de trovão.

As pessoas começaram a correr em todas as direções, tropicando umas por cimas das outras. No entanto, todos se ajeitaram em um ou dois minutos, e o jogo começou. Alice nunca tinha visto um campo de croqué tão curioso em toda a sua vida. Ele era cheio de saliências e buracos, as bolas eram ouriços vivos, e os malhos eram flamingos também vivos. Os soldados tinham que se dobrar e equilibrar nas mãos e pés, formando os arcos.

A maior dificuldade que Alice encontrou de início foi manusear o flamingo. Ela conseguiu deixar o corpo dele suficientemente confortável sob seu braço, com as pernas penduradas para fora; mas, na maioria das vezes, justo quando ela conseguia alisar bem o pescoço, e estava prestes a usar a cabeça para dar uma tacada no ouriço, o animal se revirava e olhava para ela com tamanha confusão no olhar que ela não conseguia deixar de explodir numa gargalhada. E quando ela conseguia fazê-lo baixar a cabeça e estava prestes a recomeçar, constatava com irritação que o ouriço se desenroscara e estava se arrastando para longe. Além de tudo isso, havia sempre uma saliência ou um buraco na direção em que ela queria mandar o ouriço; e como os soldados dobrados estavam sempre se levantando e indo para outras partes do campo, Alice logo chegou à conclusão de que realmente era um jogo muito difícil.

Todos jogavam ao mesmo tempo, sem esperar por turnos, discutindo o tempo todo e brigando pelos ouriços. Em muito pouco tempo, a Rainha estava num surto de fúria e batia o pé gritando:

– Cortem a cabeça dele! – ou – Cortem a cabeça dela! – cerca de uma vez por minuto.

Alice começava a se sentir muito apreensiva. É verdade que ela não tivera ainda nenhuma disputa com a Rainha, mas sabia que poderia acontecer a qualquer instante.

“E então”, ela pensou, “o que será de mim? Decapitar pessoas parece ser algo pavorosamente encantador para eles aqui. O que me espanta é que ainda tenha alguma pessoa viva!”

Ela olhava ao seu redor, procurando uma forma de escapar e se perguntando se conseguiria sair sem ser vista, quando notou uma aparição curiosa no ar. Ficou muito espantada no início; mas, depois de observar por um ou dois minutos, percebeu que era um sorriso e disse para si mesma:

– É o Gato de Cheshire. Agora tenho alguém com quem conversar.

– Como tem passado? – perguntou o Gato, assim que apareceu boca suficiente para que falasse.

Alice esperou até que seus olhos aparecessem, e então assentiu.

“Não adianta falar com ele”, ela pensou, “até surgirem as orelhas, ou ao menos uma delas.”

No minuto seguinte, a cabeça inteira surgiu; e então Alice baixou o flamingo, e passou a comentar sobre o jogo, sentindo-se muito contente por ter alguém para ouvi-la. O Gato pareceu achar que já havia partes suficientes dele à mostra e deixou invisível o restante de seu corpo.

– Não acho que joguem muito limpo – começou Alice, em um tom bastante reclamão. – E todos discutem tão pavorosamente, que mal conseguem se ouvir… E não parecem ter muitas regras, ou, se houver alguma, ninguém segue… E você não faz ideia de como é confuso ter todas essas criaturas vivas. Por exemplo, lá vai o arco que eu tenho que acertar, caminhando do outro lado do campo… E eu tinha de acertar o ouriço da Rainha agora, mas ele saiu correndo quando viu que eu me aproximava!

– E está gostando da Rainha? – perguntou o Gato em um tom baixo.

– De forma alguma – disse Alice. – Ela é extremamente… – só então percebeu que a Rainha estava perto, logo atrás dela, ouvindo. Alice então continuou: – … talentosa no jogo, que nem vale a pena competir com ela.

A Rainha sorriu e seguiu andando.

– Com quem está falando? – perguntou o Rei, indo até Alice e olhando para a cabeça do Gato com grande curiosidade.

– É um amigo meu… um Gato de Cheshire – disse Alice. – Permita-me apresentá-los.

– Não gosto nada da cara dele – disse o Rei –, mas ele pode beijar minha mão, se quiser.

– Eu prefiro não fazer isso – observou o Gato.

– Não seja impertinente – disse o Rei. – E não me olhe dessa maneira! – ele corria atrás de Alice enquanto falava.

– Um gato pode olhar para um rei – disse Alice. – Li isso em um livro, mas não

lembro qual.

– Ora, deve ser banido – disse o Rei de forma muito decidida, e então chamou a Rainha, que estava passando naquele instante. – Minha querida! Quero que mande banir este Gato!

A Rainha tinha apenas uma forma de resolver todas as dificuldades, fossem elas grandes ou pequenas.

– Cortem a cabeça dele! – ordenou ela, sem sequer olhar ao redor.

– Vou eu mesmo buscar o carrasco – disse o Rei, ansioso, e saiu às pressas.

Alice pensou que deveria voltar e ver como estava o jogo, ao ouvir a voz da Rainha a distância, gritando com emoção. Ela já a ouvira sentenciar três dos jogadores à execução por terem perdido seus turnos, e não gostava do rumo que as coisas estavam tomando, pois o jogo estava em tamanha confusão que ela nunca sabia se era sua vez ou não. Então saiu à procura do seu ouriço.

O ouriço estava metido numa briga com outro ouriço, o que pareceu a Alice uma oportunidade excelente para lançar um contra o outro. A única dificuldade era que seu flamingo havia atravessado para o outro lado do jardim, onde Alice o viu tentar subir numa árvore, de forma bastante desajeitada.

Quando ela conseguiu pegar o flamingo e trazê-lo de volta, a briga tinha terminado e ambos os ouriços estavam fora de vista.

“Bem, não importa muito”, Alice pensou, “já que todos os arcos sumiram desse lado do campo.”

Assim, ela guardou o flamingo debaixo do braço, para que não fugisse de novo, e voltou para conversar mais um pouco com seu amigo.

Quando alcançou o Gato de Cheshire, surpreendeu-se ao ver uma enorme multidão ao redor dele. Ocorria uma discussão entre o carrasco, o Rei e a Rainha, que falavam todos ao mesmo tempo, enquanto os demais permaneciam quietos e pareciam estar bastante desconfortáveis.

No momento em que Alice apareceu, os três apelaram a ela para definir a questão. Eles expuseram seus argumentos; mas, como falavam todos ao mesmo tempo, ela achou bastante difícil entender exatamente o que diziam.

O argumento do carrasco era o de que não se podia cortar uma cabeça se não houvesse um corpo do qual ela pudesse ser tirada. E como ele nunca havia precisado fazer algo do gênero antes, não seria a esta altura da vida que iria começar.

A opinião do Rei era a de que tudo que tinha uma cabeça poderia ser decapitado e, portanto, não se deveria falar bobagem.

A Rainha, por sua vez, dizia que, se algo não fosse feito naquele exato momento, ela mandaria executar todos, sem exceção. (Foi esta última observação que deixou o grupo tão sério e preocupado.)

Alice não conseguiu pensar em nada para dizer além de:

– O Gato pertence à Duquesa, então é melhor perguntar a ela sobre isso.

– Ela está na prisão – disse a Rainha ao carrasco. – Busque-a.

E o carrasco disparou como uma flecha. A cabeça do Gato começou a desaparecer no momento em que ele partiu e, quando voltou com a Duquesa, o Gato já desaparecera por completo. O Rei e o carrasco puseram-se a procurá-lo feito loucos, enquanto o resto do grupo voltou ao jogo.

capítulo 9

A história da Tartaruga Falsa

– V ocê não imagina minha alegria em vê-la de novo, minha coisinha querida! – disse a Duquesa, enquanto passava seu braço pelo de Alice de forma afetuosa e saíam caminhando juntas.

Alice ficou muito contente por encontrá-la num humor tão agradável, e pensou que talvez tivesse sido apenas a pimenta que a deixara tão furiosa quando se conheceram na cozinha.

– Quando eu for uma Duquesa – disse ela para si mesma (mas não em um tom muito esperançoso) –, não terei pimenta nenhuma na minha cozinha. As sopas podem ficar muito saborosas sem… talvez sempre tenha sido a pimenta a deixar as pessoas de cabeça quente – prosseguiu, muito contente de descobrir uma nova regra – e o vinagre é o que deixa todos azedos… e camomila o que as deixa amargas… e… e o caramelo e essas coisas que dão temperamento doce às crianças. Eu só queria que as pessoas soubessem disso, assim não seriam tão mesquinhas com bombons, sabe?

A essa altura ela já tinha até se esquecido da Duquesa, e se surpreendeu quando ouviu a voz dela perto de sua orelha.

– Você deve estar pensando em algo, minha querida, e isso faz com que se esqueça de falar. Não sei dizer qual é a moral de tudo isso agora, mas eu me lembrarei num instantinho.

– Talvez não tenha uma moral – ousou observar Alice.

– Ora, vamos, criança! – disse a Duquesa. – Tudo tem uma moral, se você conseguir descobrir.

E ela se aconchegava cada vez mais perto de Alice enquanto falava. Alice não gostava de estar tão perto dela. Primeiro, porque a Duquesa era muito feia. Segundo, porque a altura dela fazia com que seu queixo, desconfortavelmente pontudo, se apertasse contra o ombro de Alice. No entanto, Alice não gostava de ser grosseira, então aguentou o melhor que pôde.

– O jogo está indo muito bem agora – disse ela, para avivar um pouco a conversa.

– Isso é – respondeu a Duquesa –, e a moral disso é: “Oh, é o amor, é o amor, que faz o mundo girar!”.

– Alguém me disse – sussurrou Alice – que isso aconteceria mais rápido se todo mundo cuidasse de suas próprias coisas.

– Ah, bem! Quer dizer praticamente a mesma coisa – disse a Duquesa, fincando seu queixo pontudo no ombro de Alice, e acrescentou: – E a moral dessa história é: “Cuide do sentido, que os sons cuidarão de si mesmos”.

“Como ela gosta de encontrar a moral em todas as coisas!”, pensou Alice.

– Aposto que está se perguntando por que não passo meu braço em volta da sua cintura – disse a Duquesa depois de uma pausa. – E o motivo é que estou em dúvida sobre o temperamento de seu flamingo. Posso arriscar?

– Ele pode bicar – respondeu Alice de forma cautelosa, sem a menor vontade de que a Duquesa a abraçasse.

– Muito verdadeiro – disse a Duquesa. – Porque flamingos e mostarda picam. E a moral disso é: “Aves da mesma plumagem andam em bando”.

– Acontece que mostarda não é um pássaro – observou Alice.

– Você está correta, como sempre – disse a Duquesa. – Que forma clara você tem de colocar as coisas!

– É um mineral, eu acho – disse Alice.

– É claro que é – confirmou a Duquesa, que parecia pronta a concordar com qualquer coisa que Alice dissesse. – Existe uma mina de mostarda perto daqui. E a moral disso é: “Quanto mais você mina o caminho, menos pode andar”.

– Ah, já sei! – exclamou Alice, que não havia prestado atenção a essa última observação. – É um vegetal. Não parece ser um, mas é.

– Muitíssimo de acordo com você – disse a Duquesa. – E a moral disso é: “Seja o que você parece ser”. Ou, se quiser colocar de forma mais simples: “Nunca se imagine deixando de ser algo diferente do que poderia parecer aos outros que você foi ou poderia ter sido não ser, exceto pelo que já pareceu de fato a eles ser de outra maneira”.

– Acho que eu poderia entender isso melhor – disse Alice com muita educação – se estivesse tudo escrito. Mas, dessa forma, não consigo entender o que você quer dizer.

– Isso não é nada perto do que eu poderia dizer, se quisesse – respondeu a Duquesa, num tom satisfeito.

– Por favor, não se dê ao trabalho de dizer nada mais longo que isso – disse Alice.

– Ora, não é nenhum trabalho! – disse a Duquesa. – Eu lhe dou de presente tudo o que disse até agora.

“Que presente miserável!”, pensou Alice. “Que bom que ninguém dá presentes de aniversário como esse!” Mas ela não ousou falar em voz alta.

– Pensando de novo? – perguntou a Duquesa, espetando novamente o ombro de Alice com seu queixo pontudo.

– Tenho o direito de pensar – disse Alice bruscamente, pois começava a se sentir

um pouco aborrecida.

– Tanto direito – disse a Duquesa – quanto têm os porcos de voar. E a m…

Mas, neste momento, para grande surpresa de Alice, a voz da Duquesa foi morrendo, bem no meio de sua palavra favorita: “moral”. O braço que estava enlaçado no de Alice começou a tremer. Ela ergueu a cabeça e lá estava a Rainha, bem na frente delas, os braços cruzados, a testa franzida como uma tempestade.

– Que belo dia, Vossa Majestade! – começou a Duquesa em uma voz baixa e débil.

– Ouça bem, estou lhe avisando – gritou a Rainha, batendo com o pé no chão. – Ou você ou sua cabeça devem sumir daqui, e neste exato momento! Faça sua escolha!

A Duquesa fez sua escolha e desapareceu dali no mesmo instante.

– Vamos seguir com a partida – disse a Rainha para Alice, que estava assustada demais para responder, por isso a seguiu de volta ao campo de croqué.

Os outros convidados haviam aproveitado a ausência da Rainha e descansavam à sombra. No entanto, no momento em que a viram, apressaram-se para voltar ao jogo, pois a Rainha já os avisara que um momento de atraso lhes custaria a vida.

Todo o tempo em que estiveram jogando, a Rainha nunca deixou de brigar nem de gritar: “Cortem a cabeça dele!” ou “Cortem a cabeça dela!”. Aqueles que ela sentenciava eram levados pelos soldados, que, para isso, precisavam deixar sua posição de arcos no jogo. Assim, cerca de meia hora depois, não havia mais nenhum arco, e todos os jogadores, exceto pelo Rei, a Rainha e Alice, estavam em custódia e sentenciados à execução.

Então a Rainha parou de jogar, bastante esbaforida, e disse a Alice:

– Já viu a Tartaruga Falsa?

– Não – respondeu Alice. – Eu nem sei o que é uma Tartaruga Falsa.

– É o ingrediente principal da Sopa de Tartaruga Falsa – disse a Rainha.

– Nunca vi, nem ouvi falar de uma coisa dessas – disse Alice.

– Então venha – disse a Rainha –, e ela lhe contará sua história.

Enquanto saíam andando, Alice ouviu o Rei dizer em voz baixa para todo o grupo:

– Estão todos perdoados.

– Vejam só, essa é uma boa notícia! – disse ela para si mesma, pois se sentia bastante descontente com o número de execuções que a Rainha ordenara.

Logo em seguida chegaram perto de um Grifo, que dormia profundamente sob o Sol.

– De pé, preguiçoso! – gritou a Rainha. Leve esta mocinha para ver a Tartaruga Falsa e ouvir a sua história. Devo voltar e providenciar algumas execuções que ordenei.

E assim ela saiu caminhando, deixando Alice sozinha com o Grifo. Alice não gostou muito do aspecto da criatura; mas, no geral, achou que seria bastante seguro ficar com ele, se comparado a seguir com a Rainha selvagem. Então ela esperou.

O Grifo se sentou, esfregou os olhos e ficou observando a Rainha se afastar, até que ela saísse totalmente do seu campo de visão. Então deu uma risadinha.

– Que divertido! – disse o Grifo, em parte para si mesmo, em parte para Alice.

– O que é divertido? – perguntou Alice.

– Ora, ela – respondeu o Grifo. – É tudo pompa dela. Na verdade, eles nunca executam ninguém, sabe. Ora, vamos!

“Todo mundo aqui fala vamos”, pensou Alice, enquanto o seguia devagar. “Eu nunca recebi tantas ordens em toda a minha vida!”

Não haviam avançado muito até avistarem a Tartaruga Falsa ao longe, sentada, triste e solitária, na saliência de uma pedra. Conforme se aproximavam, Alice podia ouvi-la suspirar, como se seu coração fosse partir. Ela teve profunda pena dela.

– Por que ela está triste? – perguntou ao Grifo.

O Grifo respondeu quase com as mesmas palavras que usara antes:

– É tudo pompa dela. Na verdade, não tem tristeza nenhuma, sabe. Ora, vamos!

Então se aproximaram da Tartaruga Falsa, que os observou com olhos grandes cheios de lágrimas, mas não disse nada.

– Esta jovenzinha aqui – disse o Grifo –, ela tem que conhecer a sua história, tem sim.

– Vou contar a ela – disse a Tartaruga Falsa em um tom oco e profundo. – Sentem-se os dois, e não digam nada até eu terminar.

Então eles se sentaram, e ninguém disse nada por alguns minutos. Alice pensou: “Não sei como ela sequer vai terminar, se não começa nunca”. Mas ela esperou

com paciência.

– Houve um tempo – disse a Tartaruga Falsa, enfim, com um suspiro profundo – em que eu era uma Tartaruga real.

Essas palavras foram seguidas por um silêncio muito longo, quebrado apenas por uma exclamação ocasional de “Hjccrrh!” do Grifo e pelo soluçar pesado e constante da Tartaruga Falsa. Alice estava prestes a se levantar e dizer: “Obrigada, minha senhora, por sua história interessante”, mas não conseguia conter o pensamento de que deveria ter mais a seguir, então ela sentou imóvel e não disse nada.

– Quando éramos pequenos – continuou, por fim, a Tartaruga Falsa, com mais calma, apesar de ainda soluçar vez ou outra –, nós íamos à escola no mar. O mestre era uma Tartaruga idosa; nós o chamávamos de Cágado.

– Por que o chamavam de Cágado, se não era um? – perguntou Alice.

– Nós o chamávamos de Cágado porque ele tinha muitas rugas – disse a Tartaruga Falsa bastante irritada. – Realmente, você é muito lenta!

– Você deveria ter vergonha de si mesma por fazer uma pergunta tão boba – acrescentou o Grifo.

Então os dois ficaram sentados em silêncio, enquanto olhavam para a pobre Alice, que estava prestes a se enterrar no chão. Afinal, o Grifo disse à Tartaruga Falsa:

– Pode seguir, minha cara! Não temos o dia todo!

E a Tartaruga Falsa continuou:

– Sim, nós íamos à escola no mar, apesar de você talvez não acreditar…

– Eu nunca disse que não acreditava! – interrompeu Alice.

– Disse, sim – disse a Tartaruga Falsa.

– Segure essa língua! – acrescentou o Grifo antes que Alice pudesse falar de novo.

E a Tartaruga Falsa prosseguiu:

– Tivemos a melhor das educações… na verdade, nós íamos à escola todos os dias…

– Eu também fui à escola todos os dias – disse Alice. – Não precisa se gabar tanto disso.

– Com aulas extras? – perguntou a Tartaruga Falsa com um pouco de ansiedade.

– Duas extracurriculares – disse Alice. – Tínhamos Francês e Música.

– E Lavanderia? – perguntou a Tartaruga Falsa.

– Certamente não! – respondeu Alice com indignação.

– Ah! Então a sua escola não era boa de verdade – disse a Tartaruga Falsa num tom de imenso alívio. – Agora, em nossa escola, eles davam: Francês, Música e Lavanderia, que era extracurricular.

– Mas, morando no fundo do mar, é difícil pensar que vocês precisariam disso – disse Alice.

– Eu não tinha dinheiro para isso – disse a Tartaruga Falsa com um suspiro. – Então só frequentava as aulas regulares.

– E quais eram as aulas regulares? – perguntou Alice.

– Textura e Escritura, é claro, para começo de conversa – respondeu a Tartaruga Falsa. – E também os diferentes ramos da Aritmética: Ambição, Submissão, Desembelezação e Distração.

– Nunca ouvi falar de Desembelezação – ousou dizer Alice. – O que é isso?

O Grifo levantou as duas patas em sinal de surpresa.

– Ora! Nunca ouviu falar de desembelezar! – exclamou ele. – Imagino que saiba o que é embelezar, não?

– Sim – respondeu Alice um pouco confusa. – Quer dizer… fazer… qualquer coisa… mais bonita.

– Muito bem, então – prosseguiu o Grifo. – Se você não sabe o que é desembelezar, você é uma pateta.

Alice não se sentiu encorajada a fazer mais perguntas sobre isso, então se voltou para a Tartaruga Falsa e disse:

– O que mais tinham que aprender?

– Bem, havia as aulas de Memória – respondeu a Tartaruga Falsa, contando as matérias nas pontas de suas patas. – Sim, Memória Antiga e Moderna. E havia Marografia. E havia Desdenho… O professor de Desdenho era um velho congro, que costumava vir apenas uma vez por semana. Ele nos ensinava Desdenho, Rabujo e Pintura a Alho.

– Como era isso? – perguntou Alice.

– Ora, eu não posso mostrar isso eu mesma – disse a Tartaruga Falsa. – Estou muito enferrujada. E o Grifo nunca aprendeu.

– Não tive tempo – disse o Grifo. – Mas eu fiz o curso clássico. O professor era um bagre e tanto, isso ele era.

– Nunca tive aulas com ele – disse a Tartaruga Falsa com um suspiro. – Mas, pelo que dizem, dava aulas de Latido e Galego.

– Dava sim, dava sim – confirmou o Grifo, suspirando. E ambas as criaturas cobriram seus rostos com as patas.

– E quantas horas por dia vocês estudavam? – perguntou Alice rapidamente, querendo mudar de assunto.

– Dez horas no primeiro dia – respondeu a Tartaruga Falsa –, nove no segundo e assim por diante.

– Que plano curioso! – exclamou Alice.

– É por isso que chamam de horas letivas – observou o Grifo. – Porque diminuem a cada dia.

Essa era uma ideia bastante nova para Alice, e ela pensou um pouco antes de fazer seu próximo comentário.

– Então o décimo primeiro dia devia ser feriado?

– É claro que era – respondeu a Tartaruga Falsa.

– E o que vocês faziam no décimo segundo? – prosseguiu Alice, ansiosa.

– Chega de falar sobre as aulas – interrompeu o Grifo em um tom muito decidido. – Agora conte a ela alguma coisa sobre os jogos.

capítulo 10

A quadrilha de lagostas

ATartaruga Falsa deu um suspiro profundo e passou o dorso de uma das patas sobre os olhos. Ela olhou para Alice e tentou falar, mas por um minuto ou dois os soluços prenderam sua voz.

– Parece até que tem um osso preso na garganta – disse o Grifo.

E, dizendo isso, começou a chacoalhá-la e dar socos nas costas dela. Enfim, a Tartaruga Falsa recuperou a voz e, com lágrimas descendo pelo rosto, prosseguiu:

– Você talvez não tenha vivido muito no fundo do mar…

– Nunca vivi lá – disse Alice.

– …e talvez nunca tenha conhecido uma lagosta…

Alice começou a dizer: “Certa vez eu provei…”, mas se conteve rapidamente e disse:

– Não, nunca.

– …então você não faz ideia da coisa maravilhosa que é uma Quadrilha de Lagostas!

– De fato, não faço ideia – disse Alice. – Que tipo de dança é essa?

– Ora – disse o Grifo –, primeiro se forma uma fileira ao longo da praia…

– Duas! – gritou a Tartaruga Falsa. – Focas, tartarugas, salmões e assim por diante. Então, depois de tirar todas as águas-vivas do caminho…

– E isso geralmente demora um tempo – interrompeu o Grifo.

– …dá dois passos para a frente…”

– Cada um tendo uma lagosta como parceira! – gritou o Grifo.

– É claro – disse a Tartaruga Falsa. – Dá dois passos para a frente, todos em pares…

– …trocam de lagostas e voltam para o lugar inicial – continuou o Grifo.

– Então, você sabe – continuou a Tartaruga Falsa –, jogam-se as…

– As lagostas! – gritou o Grifo, dando uma pirueta no ar.

– …no mar, o mais longe que puder…

– Todos nadam atrás delas! – gritou o Grifo.

– Um salto mortal no mar! – disse aos berros a Tartaruga Falsa, cabriolando freneticamente.

– Trocam-se as lagostas de novo! – disse o Grifo com toda a sua voz.

– E volta-se à terra de novo. Essa foi a primeira cena – disse a Tartaruga Falsa, baixando a voz subitamente.

As duas criaturas, que estiveram todo esse tempo saltitando ao redor como malucas, voltaram a se sentar, em silêncio e com tristeza, enquanto olhavam para Alice.

– Deve ser uma dança muito bonita – disse Alice com timidez.

– Gostaria de ver um pouquinho? – perguntou a Tartaruga Falsa.

– Claro, muitíssimo – respondeu Alice.

– Vamos, vamos tentar a primeira cena – disse a Tartaruga Falsa para o Grifo. – Podemos dar um jeito sem as lagostas. Mas quem vai cantar?

– Ah, você canta – disse o Grifo. – Eu esqueci a letra.

Então eles começaram a dançar solenemente ao redor de Alice, vez por outra lhe pisando no dedão quando passavam perto demais, e acenando com as dianteiras para marcar o tempo, enquanto a Tartaruga Falsa cantava uma canção, muito devagar e tristemente:

“Ande mais rápido, faz favor”, disse a merluza ao caracol.

“Tem um delfim logo atrás, não acho que pelo Sol.

Olhe as lagostas e tartarugas, tudo que avança!

Esperam já na praia… Junte-se à dança!

Você quer, ou não quer, você quer, ou não quer, você quer dançar?

Você quer, ou não quer, você quer, ou não quer, você quer dançar?”

“Ah, meu bem, nem sonha que alegria será

Quando nos tomam nos braços para lançar,

com lagostas, dentro do mar!”

Mas o caracol responde: “ali não, ali não!” com um olhar de espantar…

Disse que agradecia à merluza, mas preferia não dançar.

Não queria, não podia, não queria, não podia, não queria dançar.

Não queria, não podia, não queria, não podia, não queria dançar.

A amiga escamosa respondeu: “Que diferença faz a distância a cruzar?”

“Tem outra costa, sabia? Do outro lado a esperar.

Quanto mais longe da Inglaterra, mais na França a descortinar.

Então ponha cor no rosto, amado caracol, venha conosco dançar.

Você quer, ou não quer, você quer, ou não quer, você quer dançar?

Você quer, ou não quer, você quer, ou não quer, você quer dançar?"

– Obrigada, é uma dança muito interessante de assistir – disse Alice, sentindo-se muito contente por ter finalmente terminado. – Eu também gostei muito dessa canção curiosa sobre a merluza!

– Ah, as merluzas… – disse a Tartaruga Falsa. – Elas… você já viu algumas, sim?

– Sim – respondeu Alice. – Eu sempre as vejo no jant… – ela se deteve rapidamente.

– Não sei onde fica Jant – disse a Tartaruga Falsa –, mas, se você as vê com frequência por lá, é claro que sabe como são.

– Acredito que sim – respondeu Alice pensativa. – Elas têm a cauda na boca… e são cobertas de farinha de rosca.

– Você está errada sobre a farinha de rosca – disse a Tartaruga Falsa. – A farinha de rosca sairia toda no mar. Mas, de fato, elas têm a cauda na boca; é o motivo disso é que…

Nesse momento, a Tartaruga Falsa bocejou e fechou os olhos.

– Conte a ela o motivo disso e tudo o mais – pediu ela ao Grifo.

– O motivo é que – disse o Grifo – elas costumavam dançar com as lagostas. Por isso, eram jogadas ao mar, e a queda era muito longa. Então enfiavam as caudas na boca com força. Isso para não perder de novo. É só isso.

– Obrigada – disse Alice –, é muito interessante. Nunca soube tanto sobre uma merluza antes.

– Posso contar ainda mais, se quiser – disse o Grifo. – Sabe por que elas se chamam merluza?

– Nunca pensei nisso – respondeu Alice. – Por quê?

– Porque merlustra botas e sapatos – respondeu o Grifo com muita solenidade.

Alice ficou completamente confusa.

– Merlustra botas e sapatos! – repetiu para si mesma, em tom indagativo.

– Ora, o que é que fazem com seus sapatos? – perguntou o Grifo. – Quero dizer, o que os deixa brilhantes?

Alice baixou os olhos e pensou um pouco antes de dar uma resposta.

– Eles são lustrados, eu acho.

– No fundo do mar, porém – prosseguiu o Grifo com uma voz profunda –, as botas e os sapatos são merlustrados. Agora você já sabe.

– E do que são feitos os sapatos? – perguntou Alice com grande curiosidade.

– São feitos de linguados e amarrados com enguias, é claro – respondeu o Grifo com pouca paciência. – Qualquer camarão saberia a resposta.

– Se eu fosse a merluza – disse Alice, que ainda pensava na letra da canção –, teria dito para o delfim: “Para trás, por favor: não queremos você em nossa festa!”.

– Mas elas eram obrigadas a andar com eles – disse a Tartaruga Falsa, – Nenhum peixe sensato circularia por aí sem um delfim.

– Ah, é mesmo? – perguntou Alice num tom de grande surpresa.

– É claro que não – respondeu a Tartaruga Falsa. – Ora, se um peixe me abordasse e me dissesse que está numa jornada, eu diria: “mas com que delfim?”.

– Não quer dizer “fim”? – perguntou Alice.

– Quero dizer o que estou dizendo – respondeu a Tartaruga Falsa em tom ofendido.

E o Grifo acrescentou:

– Vamos! Vamos ouvir uma de suas aventuras.

– Eu poderia contar minhas aventuras… começando por esta manhã – disse Alice um pouco tímida. – De nada adianta voltar para ontem, porque eu era outra pessoa.

– Explique tudo isso – disse a Tartaruga Falsa.

– Não, não! As aventuras antes – disse o Grifo em um tom impaciente. – Explicações levam muito tempo.

Assim, Alice começou a lhes contar suas aventuras desde o momento em que viu o Coelho Branco. No início, ela estava um pouco nervosa, pois as duas criaturas chegaram muito perto dela, uma de cada lado, arregalando bastante os olhos e a boca. Mas ela ganhou coragem conforme prosseguia. Seus ouvintes ficaram perfeitamente quietos até ela chegar na parte em que repetia: "Está velho, Pai William" para a Lagarta, e as palavras saíram todas diferentes, então a Tartaruga Falsa inspirou fundo e disse:

– Isso é muito curioso.

– É o mais curioso que poderia ser – disse o Grifo.

– Saiu tudo diferente! – repetiu a Tartaruga Falsa pensativa. – Eu gostaria de ouvir a moça tentar recitar algo agora. Mande-a começar. – ele olhou para o Grifo, como se achasse que ele tinha algum tipo de autoridade sobre Alice.

– Levante-se e recite "Esta é a voz do preguiçoso" – disse o Grifo.

"Puxa, como as criaturas gostam de mandar por aqui, e fazer recitar poemas!", pensou Alice. "Não faria diferença se eu estivesse na escola." No entanto, ela se levantou e começou a recitar. Sua cabeça, porém, estava tão cheia da Quadrilha de Lagostas, que ela mal sabia o que estava dizendo, e as palavra saíam de fato muito esquisitas:

É a voz da Lagosta, que ouvi afirmar,

“Torraste-me no forno, preciso esfriar”.

Como um pato de cílios, ela cuida da fuça através,

Dá laços no cinto, anda na ponta dos pés.

Se areias estão secas, se anima de sorrisão

E fala com desdém de qualquer tubarão,

Mas quando eles surgem com o subir da maré,

A voz é tímida, e ela dá no pé.

– Está diferente do que eu ouvia quando era pequeno – disse o Grifo.

– Bem, eu nunca tinha ouvido antes – disse a Tartaruga Falsa –, mas parece ser uma bobagem sem sentido.

Alice não disse nada. Ela havia se sentado com a cabeça apoiada nas mãos, perguntando-se se qualquer coisa algum dia ia acontecer de um jeito natural de novo.

– Eu gostaria que explicasse – disse a Tartaruga Falsa

– Ela não consegue explicar – disse o Grifo às pressas. – Siga para o próximo verso.

– Mas e a ponta dos pés? – insistiu a Tartaruga Falsa. – Como conseguia andar na ponta dos pés?

– É uma das primeiras posições na dança – disse Alice. Ela estava assustadoramente confusa com toda aquela situação, e queria muito mudar de assunto.

– Siga para o próximo verso – repetiu o Grifo sem paciência. – Começa com “Passei pelo jardim”.

Alice não ousou desobedecer, mesmo tendo certeza que tudo sairia errado; então prosseguiu, com voz trêmula:

Passei pelo jardim e notei de soslaio

A Coruja e a Pantera dividiam uma torta num balaio…

A pantera comeu o recheio de carne e a massa,

Enquanto a Coruja comia pior que uma traça.

Quando a torta se foi toda, a coruja

pôde apenas ficar com a colher ainda suja:

Enquanto a pantera ficou com faca e garfos, afinal

Pretendia uma sobremesa sem igual…

– Qual é o sentido de repetir esse monte de coisa – interrompeu a Tartaruga Falsa – se você não explica enquanto fala? É, de longe, a coisa mais confusa que eu já ouvi!

– Sim, acho melhor você parar por aqui – disse o Grifo, o que deixou Alice muito contente.

– E se tentarmos outra figura da Quadrilha de Lagostas? – prosseguiu o Grifo. – Ou você gostaria que a Tartaruga Falsa lhe cantasse uma canção?

– Oh, uma canção, por favor, se a Tartaruga Falsa puder fazer essa gentileza – respondeu Alice, com tanta ansiedade que o Grifo disse, num tom bastante ofendido:

– Bem, gosto não se discute! Cante para ela a “Sopa da Tartaruga”, sim, companheira?

A Tartaruga Falsa deu um profundo suspiro e começou a cantar, com uma voz às vezes embargada pelos soluços:

Que bela sopa, rica e prazenteira,

Esperando num quente sopeiro!

Quem não aprecia, de sujar a roupa?

Sopa da noite, bela sopa!

Sopa da noite, bela sopa!

Be-eee-la so-ooo-pa!

Bee-eela so-oopa!

So-oopa da n-n-noite.

Bela, bela sopa!

Bela sopa! Quem liga pra peixe,

Ou com qualquer prato sente deleite?

Quem não daria todo dinheiro

Cada moeda, só pelo cheiro?

Da bela so-oopa!

Be… e… la so…opa!

Bela, be… LA SOPA!

– O refrão de novo! – gritou o Grifo.

Mas a Tartaruga Falsa mal havia começado a repetir quando um grito foi ouvido ao longe:

– Começou o julgamento!

– Vamos! – gritou o Grifo.

E, puxando Alice pela mão, se apressou para longe, sem esperar pelo final da canção.

– Que julgamento é esse? – bufou Alice enquanto corria, mas o Grifo apenas respondeu:

– Vamos! – e correu ainda mais rápido, enquanto se ouviam cada vez mais fracas, trazidas pela brisa que os seguia, as palavras melancólicas:

So-oopa da n-n-noite.

Bela, bela sopa!

capítulo 11

Quem roubou as tortas?

ORei e a Rainha de Copas estavam sentados em seus tronos quando eles chegaram. Uma grande multidão se reunia em volta deles: toda espécie de passarinhos e animais, assim como o baralho inteiro. O Valete estava de pé na frente deles, algemado, com um soldado de cada lado para guardá-lo. Próximo ao Rei estava o Coelho Branco, com uma corneta em uma das mãos e um pergaminho na outra. Precisamente no meio da corte, havia uma mesa, com uma grande travessa de tortas sobre ela; pareciam tão saborosas que Alice ficou com fome só de olhar para elas.

“Eu queria que esse julgamento terminasse logo”, pensou ela, “para distribuírem os petiscos!”

Mas não parecia haver chance de isso acontecer; então ela passou a observar tudo ao seu redor, como forma de passar o tempo.

Alice nunca estivera em um tribunal de justiça antes, mas havia lido sobre o assunto em livros, e ficou bastante contente em descobrir que sabia o nome de quase tudo ali.

– Ali está o juiz – disse para si mesma –, por causa de sua grande peruca.

O juiz, por sinal, era o Rei; e como ele usava a coroa por cima da peruca, não parecia nada confortável, e certamente não lhe caía bem.

“E ali fica a banca dos jurados”, pensou Alice. “E aquelas doze criaturas (ela foi obrigada a dizer criaturas, porque algumas delas eram animais e outras eram aves) suponho que sejam os jurados.”

Pronunciou esta última palavra duas ou três vezes para si mesma, bastante orgulhosa de se lembrar dela, pois pensou, e de forma correta também, que pouquíssimas garotinhas de sua idade sabiam o significado de tudo aquilo. No entanto, membros do júri estaria igualmente correto.

Os doze jurados escreviam em suas lousas, muito atarantados.

– O que eles estão fazendo? – perguntou Alice para o Grifo. – Eles não devem ter nada para anotar ainda, antes do julgamento começar.

– Estão anotando os próprios nomes – sussurrou o Grifo em resposta –, por medo de esquecê-los antes do final do julgamento.

– Que idiotas! – começou Alice, numa voz alta e indignada; mas parou de imediato, pois o Coelho Branco gritou:

– Silêncio no Tribunal!

Então o Rei colocou os óculos e olhou ao redor, ansioso, para ver quem seguia falando.

Alice pôde perceber, como se estivesse olhando por cima de seus ombros, que todos os jurados anotavam em suas lousas Que idiotas! Viu até um que não sabia escrever idiotas e precisou perguntar para o que estava ao lado.

“Que bagunça farão nas lousas antes de acabar esse julgamento!”, pensou Alice.

Um dos jurados usava um giz que rangia. E claro que Alice não pôde aguentar isso, então deu a volta no Tribunal e ficou atrás dele. Assim que teve a oportunidade, tirou o giz dele. Ela o fez com tamanha velocidade que o pobre jurado (era Bill, o Lagarto) ficou sem entender o que havia acontecido. Então, depois de procurar por todo lado, se viu obrigado a escrever com o dedo pelo

resto do dia. Mas isso não adiantava muito, porque o dedo não deixava marca nenhuma na lousa.

– Arauto, leia a acusação! – disse o Rei.

Nesse momento, o Coelho Branco tocou três vezes o trompete, desenrolou o pergaminho e leu o seguinte:

A Rainha de Copas, ela fez tortas

Todas num só dia de verão;

O Valete de Copas roubou as tortas,

Levou todas, sem qualquer vacilação!

– Decretem seu veredito – disse o Rei ao júri.

– Ainda não! Ainda não! – interrompeu o Coelho. – Há muito a fazer antes disso!

– Chame a primeira testemunha – disse o Rei.

O Coelho Branco tocou três vezes o trompete e chamou:

– Primeira testemunha!

A primeira testemunha era o Chapeleiro. Ele veio com uma xícara de chá em uma das mãos e um pedaço de pão com manteiga na outra.

– Peço perdão, Vossa Majestade – começou ele – por entrar com isso, mas eu ainda não tinha terminado meu chá quando me buscaram.

– Você devia ter terminado – disse o Rei. – Quando começou?

O Chapeleiro olhou para a Lebre de Março, que o havia seguido até a Corte, de braços dados com o Dormidongo.

– Eu acho que era catorze de março – disse ele.

– Quinze – corrigiu a Lebre de Março.

– Dezesseis – falou o Dormidongo.

– Anotem isso – ordenou o Rei ao júri, que anotou as três datas em suas lousas ansiosamente, depois as somaram e converteram o resultado em xelins e pences.

– Tire o seu chapéu – disse o Rei ao Chapeleiro.

– Não é meu – respondeu ele.

– Roubado! – exclamou o Rei, voltando-se para o júri, que instantaneamente fez um apontamento do fato.

– Eu tenho chapéus para vender – acrescentou o Chapeleiro, explicando-se. – Nenhum deles me pertence. Sou um chapeleiro.

Nesse momento a Rainha colocou seus óculos e começou a encarar o Chapeleiro, que ficou pálido e agitado.

– Apresente seu depoimento – disse o Rei – e não fique nervoso, ou ordenarei que seja executado agora mesmo.

Isso não pareceu muito encorajador para a testemunha, que continuou movendo o peso do corpo de um pé para o outro, olhando de forma apreensiva para a Rainha. Na sua confusão, mordeu um grande pedaço da xícara ao invés do pão com manteiga.

Bem nesse momento, Alice sentiu uma sensação muito curiosa, que a intrigou

muito até definir o que era: ela estava começando a crescer de novo. De início, pensou em se levantar e deixar o Tribunal. Mas decidiu ficar onde estava, enquanto houvesse espaço para ela.

– Seria melhor que não me espremesse tanto – reclamou o Dormidongo, que estava sentado ao lado dela. – Mal consigo respirar.

– Não posso evitar – disse Alice, com delicadeza. – Estou crescendo!

– Você não tem o direito de crescer aqui – disse o Dormidongo.

– Não fale bobagem – disse Alice com mais ousadia. – Você sabe que está crescendo também.

– Sim, mas eu cresço num ritmo razoável – disse o Dormidongo –, não dessa forma absurda.

Levantou-se, irritado, e atravessou para o outro lado do Tribunal.

Durante todo esse tempo, a Rainha não parara de encarar o Chapeleiro; e justo quando o Dormidongo atravessava o Tribunal, ela disse para um dos oficiais da corte:

– Traga-me a lista de cantores do último concerto!

Ao ouvir isso, o pobre Chapeleiro estremeceu tanto que acabou lançando seus sapatos longe.

– Apresente seu depoimento – repetiu o Rei com raiva –, ou ordenarei que o executem, esteja nervoso ou não!

– Sou um pobre homem, Vossa Majestade – começou o Chapeleiro com uma voz trêmula. – …eu mal havia começado meu chá… não faz nem uma semana… e o pão com manteiga estava cada vez mais ralo… e o brilho do chá…

– O brilho do quê? – perguntou o Rei.

– Tudo começou com o chá – respondeu o Chapeleiro.

– É claro que sei que tudo começa com chá! – disse o Rei rispidamente. – Acha que sou idiota? Prossiga!

– Sou um pobre coitado – prosseguiu o Chapeleiro –, e muitas coisas estavam ralas depois disso… só que a Lebre de Março disse…

– Disse nada! – interrompeu a Lebre de Março rapidamente.

– Disse sim! – respondeu o Chapeleiro.

– Eu nego! – disse a Lebre de Março.

– Ele nega – disse o Rei. – Deixe esta parte de fora.

– Bem, de qualquer forma, o Dormidongo disse… – prosseguiu o Chapeleiro, olhando ansiosamente ao redor para ver se ele negaria também. Mas o Dormidongo não negou nada, visto que dormia profundamente.

– Depois disso – continuou o Chapeleiro –, cortei um pouco mais de pão para pôr manteiga…

– Mas o que disse o Dormidongo? – perguntou um dos jurados.

– Disso eu não me lembro – disse o Chapeleiro.

– Você precisa se lembrar – observou o Rei –, ou ordenarei que o executem.

O coitado do Chapeleiro deixou cair sua xícara e pão com manteiga e se pôs num dos joelhos.

– Eu sou um homem simplório, Majestade – começou ele.

– E um simplório contador de histórias – disse o Rei.

Nesse momento, um dos porquinhos-da-índia aplaudiu, mas sua manifestação foi sufocada de imediato pelos oficiais da Corte. (Já que essa é uma palavra bastante difícil, vou explicar exatamente o que aconteceu. Eles tinham um grande saco de cânhamo, que fechava na boca com cordas: eles o enfiaram nesse saco, de ponta-cabeça, e então se sentaram sobre ele.)

“Que bom que vi isso ser feito”, pensou Alice. “Tantas vezes li no jornal, no final de julgamentos, que ‘Houve algumas tentativas de aplausos, mas foram sufocadas de imediato pelos oficiais da corte’, e nunca tinha conseguido entender o significado, até agora.”

– Se isso é tudo o que sabe a respeito, pode descer – continuou o Rei.

– Não posso descer mais do que isso – disse o Chapeleiro. – Estou em pé no chão.

– Então pode se sentar – respondeu o Rei.

Então outro porquinho-da-índia aplaudiu e foi sufocado também.

“Pronto, agora se acabaram os porquinhos-da-índia!”, pensou Alice. “Vamos seguir com tranquilidade.”

– Eu preferiria terminar meu chá – disse o Chapeleiro, com um olhar ansioso para a Rainha, que lia a lista de cantores.

– Você pode ir – disse o Rei, e o Chapeleiro deixou a Corte às pressas, sem sequer esperar para colocar os sapatos.

– … e cortem a cabeça dele lá fora – acrescentou a Rainha a um dos oficiais.

Mas o Chapeleiro já estava fora do campo de visão antes que o oficial chegasse à porta.

– Convoquem a próxima testemunha! – disse o Rei.

A testemunha seguinte era a cozinheira da Duquesa. Ela carregava a pimenteira na mão, e Alice adivinhou quem era antes mesmo de ela entrar, apenas pela forma como as pessoas perto da porta começaram a espirrar todos ao mesmo tempo.

– Apresente seu depoimento – disse o Rei.

– Não apresento! – respondeu a cozinheira.

O Rei olhou ansioso para o Coelho Branco, que sussurrou:

– Vossa Majestade deve interrogar esta testemunha com muita atenção.

– Bem, se eu devo, eu devo – disse o Rei com um ar melancólico e, depois de cruzar os braços e franzir a testa até os olhos estarem apertados a ponto de quase sumirem, disse numa voz profunda: – Do que são feitas as tortas?

– Pimenta, principalmente – respondeu a cozinheira.

– Melado – disse uma voz sonolenta atrás dela.

– Prendam esse Dormidongo – bradou a Rainha. – Cortem a cabeça do Dormidongo! Botem esse Dormidongo para fora! Sufoquem-no! Belisquem-no! Arranquem-lhe os bigodes!

Por alguns minutos, o Tribunal inteiro virou uma bagunça, tentando capturar o Dormidongo. Depois que tudo se acalmou novamente, a cozinheira tinha desaparecido.

– Não importa! – disse o Rei com um ar de grande alívio. – Chamem a próxima testemunha. – E acrescentou numa voz mais baixa para a Rainha: – Realmente, minha querida, acho que você deve interrogar a próxima testemunha. Isso me dá até dor de cabeça!

Alice observou o Coelho Branco enquanto ele se atrapalhava com a lista, curiosa para saber quem seria a próxima testemunha. "… porque eles não têm muitas evidências ainda", pensou. Imagine sua surpresa quando o Coelho leu em voz

alta, no máximo volume de sua vozinha aguda, o nome “Alice”!

capítulo 12

O depoimento de Alice

– P resente! – gritou Alice, esquecendo-se, no calor do momento, de como havia ficado maior nos últimos minutos.

Saltou de pé com tamanha pressa que derrubou a bancada dos jurados com a barra de seu vestido, jogando todos eles por cima das cabeças da multidão que assistia ao julgamento embaixo. E ficaram ali espalhados, o que a fez se lembrar de um aquário redondo de peixinhos dourados que ela revirara por acidente na semana anterior.

– Oh! Mil desculpas! – exclamou ela num tom de imensa preocupação.

Começou a recolhê-los de volta o mais rápido que podia, pois o acidente com os peixinhos continuava a remexer em sua mente, e ela tinha uma vaga ideia de que todos deveriam ser recolhidos de imediato e devolvidos à bancada, senão morreriam.

– O julgamento não pode prosseguir – disse o Rei numa voz bastante grave – até que todos os membros do júri estejam de volta a seus lugares apropriados… todos – repetiu ele com ênfase, lançando um olhar para Alice.

Alice olhou para a bancada e viu que, em seu atabalhoamento, havia colocado o Lagarto de cabeça para baixo, e o pobrezinho sacudia a cauda de forma

tristonha, bastante imobilizado. Ela logo o ajeitou na posição certa.

“Não que signifique muito”, pensou. “Acho que ele seria de igual utilidade no tribunal tanto se estivesse de cabeça para cima quanto para baixo.”

Assim que o júri, por fim, se recuperou do choque, e suas lousas e gizes foram encontrados e devolvidos a eles, se colocaram a trabalhar com muita atenção em narrar os eventos do acidente. Todos, exceto o Lagarto, que parecia muito tomado pela emoção para fazer qualquer coisa além de se sentar com a boca aberta, fitando o teto do Tribunal.

– O que você sabe desta história? – perguntou o Rei para Alice.

– Nada – respondeu Alice.

– Absolutamente nada? – persistiu o Rei.

– Absolutamente nada – disse Alice.

– Isso é muito importante – disse o Rei, voltando-se para o júri. Estavam começando a anotar essa informação nas lousas quando o Coelho Branco interrompeu:

– Desimportante, Vossa Majestade quer dizer, é claro – disse ele num tom muito respeitoso, mas de testa franzida e fazendo caretas para ele enquanto falava.

– Desimportante, é claro, foi o que eu quis dizer – corrigiu-se o Rei rapidamente e prosseguiu falando consigo mesmo: – Importante… desimportante… desimportante… importante… – como se experimentasse qual palavra servia melhor.

Alguns membros do júri anotaram importante e outros desimportante. Alice conseguia ver isso, já que estava perto o suficiente para olhar por cima de suas lousas.

“Mas isso não faz diferença”, pensou.

Nesse momento, o Rei, que estivera por algum tempo anotando ansiosamente em seu caderno, berrou:

– Silêncio! – e leu em voz alta em seu livro: – Regra Quarenta e Dois: Todas as pessoas com mais de um quilômetro e meio de altura devem deixar a Corte.

Todos se voltaram para Alice.

– Eu não tenho um quilômetro e meio de altura – disse Alice.

– Tem sim – disse o Rei.

– Quase três quilômetros – acrescentou a Rainha.

– Ora, eu não irei, de qualquer forma – disse Alice. – Além disso, essa não é uma regra normal: você inventou agora.

– É a regra mais velha do livro – disse o Rei.

– Então deveria ser a número Um – respondeu Alice.

O Rei ficou pálido e fechou o caderno rapidamente.

– Pronunciem seu veredito – disse ele ao júri, numa voz baixa e trêmula.

– Ainda há indícios a examinar, por favor, Vossa Majestade – disse o Coelho Branco, saltando na conversa com muita pressa. – Este documento acaba de ser apreendido.

– O que tem nele? – perguntou a Rainha.

– Não abri ainda – respondeu o Coelho Branco –, mas parece ser uma carta, escrita pelo prisioneiro para… para alguém.

– Para quem ela está endereçada?

– Não tem destinatário algum – disse o Coelho Branco. – Na verdade, não há nada escrito na parte de fora.

Ele desdobrou o papel enquanto falava e acrescentou:

– Não é uma carta, afinal de contas, é um conjunto de versos.

– Estão na caligrafia do prisioneiro? – perguntou outro dos jurados.

– Não, não estão – respondeu o Coelho Branco –, e esta é a coisa mais estranha nela. (Todo o júri pareceu confuso.)

– Ele deve ter imitado a letra de outro – disse o Rei. (O júri inteiro se iluminou de novo.)

– Por favor, Vossa Majestade – disse o Valete –, eu não escrevi esses versos, e ninguém pode provar que eu tenha escrito, pois não há assinatura nenhuma no final.

– Você não assinou – disse o Rei. – Isso apenas piora a situação. Você devia ter más intenções, ou então teria assinado seu nome como um homem honesto.

Houve um aplauso geral: era a primeira coisa de fato inteligente que o Rei havia

dito aquele dia.

– Isso prova que ele é culpado – disse a Rainha.

– Não prova nada disso! – disse Alice. – Ora, vocês nem sabem do que se trata esses versos!

– Leiam – ordenou o Rei.

O Coelho Branco colocou seus óculos.

– Por onde começo, Vossa Majestade? – perguntou ele.

– Comece pelo começo – disse o Rei com severidade. – Continue até chegar ao final, e então pare.

Estes foram os versos que o Coelho Branco leu:

Disseram-me que com ela falaste,

Mencionou-me a ele também:

Falou bem da minha parte,

Mas disse que nadar não me convém.

Ele mandou avisar que eu não partira

(Sabemos que isso é fato):

Se perguntasse mais da mentira,

Como ficaria seu ato?

Dei-te uma, deram-me três,

Deste-nos três ou mais;

As dele voltaram para ti, vês,

As minhas não vi jamais.

Se eu ou ela pudéssemos estar

envolvidos nesta situação,

Ele confia que vás libertar,

Para longe da prisão.

Minha percepção era

(Antes de todo o ataque)

eras um obstáculo que se regenera

entre ele, nós e eu, em baques.

Que ele não saiba que ela gostava mais deles,

Pois este sempre será

Um segredo, guardado daqueles,

Exceto o teu amigo de cá.

– Esse é o depoimento mais importante que ouvimos até agora – disse o Rei, esfregando as mãos. – Agora deixemos o júri…

– Se qualquer um deles souber explicar os versos – disse Alice (ela havia crescido tanto nos últimos minutos que perdera todo o medo de interromper) –, eu pago seis pences. Eu não acredito que isso tenha o menor sentido.

Todo o júri anotou em suas lousas: “Ela não acredita que isso tenha o menor sentido”, mas nenhum deles tentou explicar o poema.

– Se não tem sentido algum – disse o Rei –, isso nos poupa um mundo de trabalho, já que não precisamos encontrar nenhum. Mas, ainda assim, eu não sei – prosseguiu ele, abrindo o papel sobre os joelhos e olhando para ele de rabo de olho. – Eu consigo ver algum sentido neles, afinal de contas. “… disse que nadar não me convém…”. Você não sabe nadar, sabe? – acrescentou ele, voltando-se para o Valete.

O Valete balançou a cabeça com tristeza.

– Tenho cara de quem sabe? – disse ele. (O que ele certamente não sabia, pois era todo feito de papel.)

– Muito bem, até agora… – disse o Rei, e seguiu murmurando os versos para si mesmo: – “Sabemos que isso é fato”… aqui se trata do júri, é claro… “Dei-te

uma, deram-me três”… ora, deve ser o que ele fez com as tortas, é claro…

– Mas ele fala que “as dele voltaram para ti” – disse Alice.

– Ora, aqui está! – disse o Rei em triunfo, apontando para as tortas na mesa. – Nada pode estar mais claro que isso. Então, por outro lado: “… Antes de todo o ataque…”. Você nunca tem ataques, minha querida, creio eu? – perguntou ele à Rainha.

– Nunca! – respondeu a Rainha furiosa, lançando um tinteiro no Lagarto enquanto falava. (O pobre Bill havia parado de escrever em sua lousa com o dedo ao notar que não deixava marca alguma. Mas agora ele voltava a escrever, usando a tinta que ia descendo pelo seu rosto, antes que secasse.)

– Então as palavras não se encaixam com você – disse o Rei, olhando ao redor da Corte com um sorriso.

Houve um silêncio mortal.

– É um trocadilho! – acrescentou o Rei num tom ofendido, e todos gargalharam. – Que o júri determine o veredito! – ordenou o Rei pela vigésima vez naquele dia.

– Não! Não! – disse a Rainha. – Sentença primeiro… veredito depois.

– Mas que bobagem! – disse Alice bem alto. – Essa ideia de querer ouvir a sentença primeiro!

– Segure a língua! – gritou a Rainha, ficando vermelha.

– Não vou! – disse Alice.

– Cortem a cabeça dela! – gritou a Rainha com toda a sua força.

Ninguém se moveu.

– Quem liga para vocês? – perguntou Alice (ela já tinha chegado ao seu tamanho normal.) – Vocês não passam de um baralho!

Nesse momento, o baralho inteiro se ergueu no ar e desceu voando sobre ela. Ela deu um gritinho, em parte de medo e em parte de raiva, e tentou estapeá-los para longe. Viu-se, então, deitada na ribanceira, com a cabeça no colo da irmã, que cuidadosamente tirava algumas folhas mortas que haviam caído das árvores em seu rosto.

– Acorde, Alice, querida! – disse sua irmã. – Ora, que soneca longa você tirou!

– Oh, eu tive um sonho dos mais curiosos! – disse Alice. E contou à sua irmã, da melhor maneira que se lembrava, todas as aventuras estranhas que você esteve lendo até agora.

Quando ela terminou, a irmã lhe beijou e disse:

– Foi mesmo um sonho curioso, querida, com certeza, mas agora corra para tomar chá, pois está ficando tarde.

Então Alice se levantou e saiu correndo, pensando enquanto corria que realmente havia sido um sonho maravilhoso.

Mas a irmã de Alice continuou sentada enquanto ela corria, a cabeça pousada na mão, observando o pôr do sol e pensando na pequena Alice e em todas as suas maravilhosas aventuras, até que ela também começou a sonhar; de certa forma, e este foi seu sonho:

Primeiro, ela sonhou com a própria Alice, e de novo as mãozinhas estavam sobre seu joelho, e os ansiosos olhos brilhantes estavam olhando para cima, para os dela… ela conseguia ouvir os tons da voz dela, e vê-la lançar a cabeça para afastar o cabelo que sempre lhe entrava nos olhos… E ainda assim, enquanto ouvia, ou parecia ouvir, o lugar inteiro ao seu redor ficou vivo com as criaturas estranhas do sonho de sua irmã menor.

A grama alta farfalhou a seus pés quando o Coelho Branco passou às pressas… o Rato, assustado, espadanando água pela poça das proximidades… ela ouvia o tilintar das xícaras de chá enquanto a Lebre de Março e seus amigos compartilhavam sua refeição inacabável, e a voz estridente da Rainha mandando executar seus pobres convidados… de novo, o bebê-porco espirrava no joelho da Rainha, enquanto pratos e louças colidiam ao redor… mais uma vez, o grito do Grifo, o rangido do giz do Lagarto na lousa e o resmungo dos porquinhos-da-índia sufocados encheram o ar, misturando-se aos soluços tristonhos da miserável Tartaruga Falsa.

Então ela seguiu ali, de olhos fechados, e se imaginou no País das Maravilhas, apesar de saber que era só uma questão de abrir os olhos de novo e tudo voltaria à enfadonha realidade… a grama estaria apenas farfalhando com o vento, e as águas da lagoa se encrespariam pelo ondular dos juncos… as xícaras de chá tilintantes se transformariam no tinir dos sinos das ovelhas, e os gritos esganiçados da Rainha seriam a voz do pastorzinho… e o espirrar do bebê, o berro do Grifo e todos os ruídos estranhos mudariam (ela sabia) para o clamor confuso do alarido do movimentado terreno da granja, enquanto os mugidos do gado ao longe assumiriam o lugar dos soluços pesados da Tartaruga Falsa.

Por fim, ela se pôs a imaginar como, no futuro, essa sua irmãzinha seria uma mulher adulta. E como ela conservaria, ao longo de seus anos mais maduros, aquele coração simples e amoroso da infância. E como ela reuniria outras criancinhas ao seu redor para, dessa vez, fazer os olhos delas brilharem de alegria ao ouvirem histórias estranhas, talvez até com o sonho do País das Maravilhas de tanto tempo atrás. E como ela se emocionaria com todas as suas tristezas tão puras e encontraria prazer nas suas alegrias mais simples, lembrando-se de sua própria infância e dos dias felizes de verão.

Fim

Através do Espelho

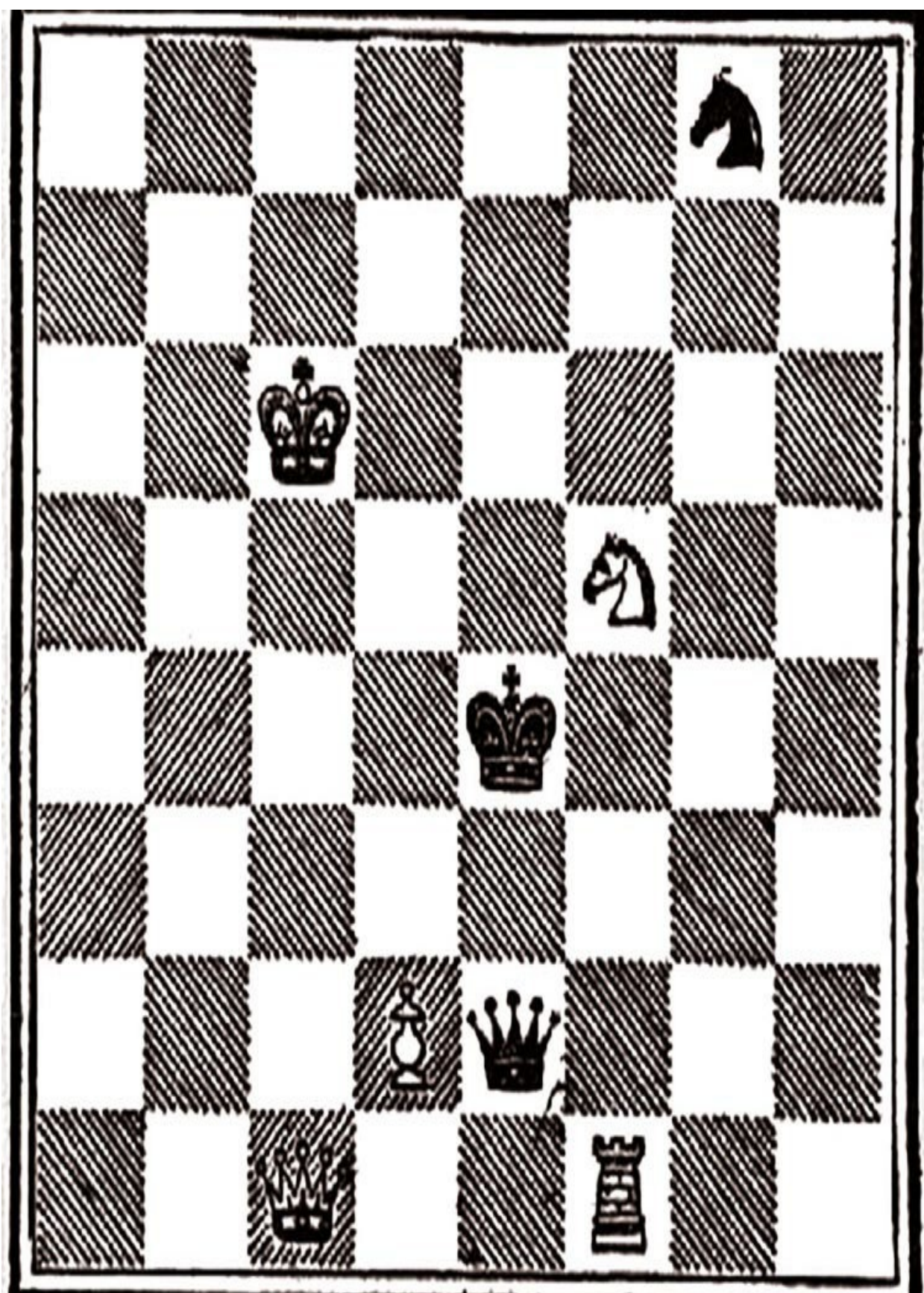
e o que Alice encontrou lá

Lewis Carroll

PERSONAGENS

(Conforme suas posições no começo da partida.)

PEÇAS BRANCAS	PEÕES BRANCOS	PEÕES VERMELHOS	PEÇAS VER
Tweedledee	Margarida	Margarida	Humpty Dun
Unicórnio	Haigha	Mensageiro	Carpinteiro
Ovelha	Ostra	Ostra	Morsa
Rainha Branca	“Lily”	Lírio-tigre	Rainha Verm
Rei Branco	Corça	Rosa	Rei Vermelh
Homem idoso	Ostra	Ostra	Corvo
Cavaleiro Branco	Hatta	Sapo	Cavaleiro Ve
Tweedledum	Margarida	Margarida	Leão

VERMELHAS

BRANCAS

O Peão Branco (Alice) jogará e ganhará em onze movimentos

1. Alice encontra Rainha Vermelha

1. Rainha Vermelha assume 4ª Casa da Torre do Rei

2. Alice cruza 3ª Casa da Rainha (via ferroviária) até a 4ª casa da Rainha (Tweedledum e Tweedledee)

2. Rainha Branca assume a 4ª casa do Bispo da Rainha (atrás do xale)

3. Alice encontra Rainha Branca (com xale)

3. Rainha Branca assume 5ª casa do Bispo da Rainha (vira ovelha)

4. Alice assume 5ª Casa da Rainha (loja, rio, loja)

4. Rainha Branca assume 8ª casa do Bispo do Rei (deixa ovo na prateleira)

5. Alice assume 6ª Casa da Rainha (Humpty Dumpty)

5. Rainha Branca assume 8ª Casa do Bispo da Rainha (fugindo do Cavaleiro Vermelho)

6. Alice assume 7ª Casa da Rainha (bosque)

6. Cavaleiro Vermelho assume 2ª Casa do Rei (xeque)

7. Cavaleiro Branco toma Cavaleiro Vermelho

7. Cavaleiro Branco assume 5ª casa do Bispo do Rei

8. Alice assume 8ª Casa da Rainha (coroação)

8. Rainha Vermelha assume casa do Rei (exame)

9. Alice vira Rainha

9. Rainhas rocam

10. Alice roca (banquete)

10. Rainha Branca assume 6ª casa da Torre da Rainha (sopa)

11. Alice toma Rainha Vermelha e vence

Criança da fronte pura e tranquila

e olhos sonhadores a brilhar!

Eu e tu no tempo que corre, vigila,

que a meia-vida a nos separar.

Teu sorriso amável que sempre afaga

sempre traz o regalo do conto de fadas.

Não vi tua risada ensolarada,

tampouco ouvi tua risada em prata;

Não mais a lembrança de mim encontrará pousada

em tua jovem vida, ainda pacata…

Basta-me que ouça sem mais nada

a este meu conto de fadas.

Um conto de tempos atrás,

Quando sóis de verão brilhavam

Ritmo simples, que mede tempo

do ritmo de remos que passavam

Em cujas memórias ainda a ecoar

Apesar dos anos malignos mandarem deixar.

Venha ouvir, esta voz do presságio.

Que chamemos para o leito indesejável,

com as notícias amargas de adágio.

Uma dama lamentável!

Não passamos de crianças, querida

Que nos agitamos com o sono oposto à vida.

Lá fora o gelo, a neve cegante.

A loucura do vento em tempestade…

Dentro, uma chama queima vibrante,

E o ninho acolhedor, a flor da idade.

As palavras mágicas segurarão com firmeza:

Esquecerás da barulheira da natureza.

E apesar de uma sombra de suspiro

Poder estremecer por entre as histórias,

Pelos dias que fugiram como tiro,

Sumindo com veranis glórias…

Isso não deixará danificada,

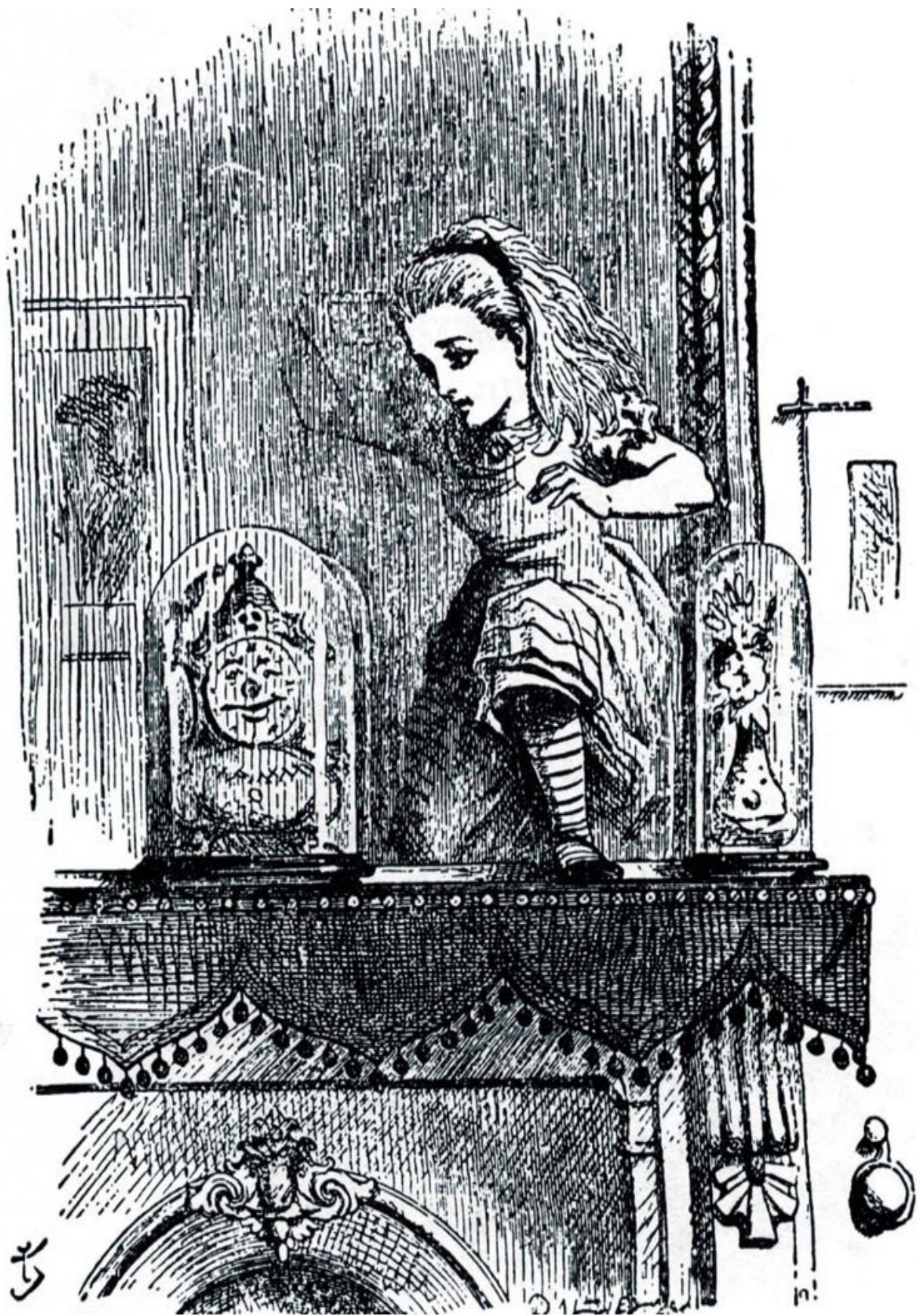
A Beleza de nosso conto de fada.

PREFÁCIO

Como o xadrez-problema, dado em uma página anterior, tem intrigado alguns de meus leitores, é bom explicar que foi detalhado corretamente, no que diz respeito aos movimentos.

A alternância entre o vermelho e branco talvez não seja tão rigorosamente observada, como poderia ser, e o “roque” das três Rainhas é apenas uma forma de dizer que elas entraram no palácio; mas qualquer um que aceite o desafio de definir as peças (e executar as jogadas conforme as instruções) verá que o “xeque” do Rei Branco no movimento 6, a captura do Cavaleiro Vermelho na jogada 7 e o “xeque-mate” final do Rei Vermelho estão estritamente de acordo com as regras do jogo.

Natal, 1896.*

*** Tradução do prefácio feita por Luciene Ribeiro dos Santos de Freitas.**

capítulo 1

A Casa do Espelho

Uma coisa era certa: a gatinha branca não tivera culpa nenhuma na história… A culpa era toda da gatinha preta. Nos últimos quinze minutos, a gata velha estivera limpando o focinho da gatinha branca (que, diga-se de passagem, aguentou muito bem). Então, você pode ver que ela não poderia estar envolvida na maldade.

Era assim que Diná lambia a fuça de seus filhotes: primeiro, ela segurava o pobre bichano com uma pata e, com a outra, esfregava a cara toda, no sentido contrário ao pelo, começando pelo nariz. E nesse instante, como eu disse, ela trabalhava arduamente na gatinha branca, que estava deitada, imóvel, e tentava ronronar… Sem dúvida, com a sensação de que tudo era para o seu bem.

Mas a limpeza da gatinha preta tinha acabado mais cedo naquela tarde; assim, enquanto Alice se aninhava em um canto da enorme poltrona, em parte falando consigo mesma, em parte sonolenta, a gatinha se divertia, rolando a bola de lã – que Alice tentava enrolar –, jogando-a de um lado para o outro até desfazer todo o novelo de novo. E lá estava a lã, espalhada por todo o tapete, um emaranhado de nós, com a gatinha no centro, correndo atrás do próprio rabo.

– Ah, sua bichinha travessa! – gritou Alice, alcançando a gata, e dando-lhe um beijinho para fazê-la entender que estava encrencada. – Francamente, Diná devia ter lhe ensinado boas maneiras! Você devia, Diná, sabe que devia! – acrescentou, olhando em reprimenda para a gata velha e falando com a voz mais zangada que conseguia. Então ela se ajeitou de volta na poltrona, levando a gatinha e a lã, e começou a enrolar o novelo novamente. Mas não avançou muito, já que falava o tempo todo: às vezes com a gata, às vezes consigo mesma. Kitty se sentava de

forma muito recatada sobre o joelho de Alice, fingindo observar o progresso do trabalho e, às vezes, estendendo uma pata e tocando a bola com gentileza, como que oferecendo ajuda, se isso fosse possível.

– Sabe que dia é amanhã, Kitty? – começou Alice. – Você adivinharia se estivesse na janela comigo mais cedo… Mas Diná estava te limpando, então não podia. Eu estava observando os garotos juntarem gravetos para a fogueira… e eles precisam de muitos gravetos, Kitty! Só que esfriou bastante e começou a nevar, então eles tiveram que ir embora. Mas não se preocupe, Kitty, nós vamos ver a fogueira amanhã.

Nesse momento, Alice deu duas ou três voltas com a lã ao redor do pescoço da gata, apenas para ver como ficaria. Isso causou uma bagunça, porque o novelo caiu, e metros e metros se soltaram de novo pelo chão.

– Sabe, eu estava tão brava, Kitty! – continuou Alice, depois que se ajeitaram na poltrona de novo. – Quando vi as travessuras que você tinha aprontado, eu estava prestes a abrir a janela e colocar você na neve! E você teria merecido, sua pestinha fofa! O que você tem a dizer em sua defesa? Mas não me interrompa agora! – continuou, levantando um dedo. – Vou enumerar todos os seus defeitos. Número um: você choramingou duas vezes quando Diná limpou seu focinho hoje pela manhã. Não adianta negar, Kitty, eu ouvi! Oi? Como é? (Fingindo que a gata lhe respondia.) A pata dela entrou no seu olho? Ora, isso é sua culpa, por ficar de olhos abertos… Se os fechasse bem, isso não teria acontecido. Agora, não invente mais desculpas, apenas ouça! Número dois: você puxou Snowdrop pelo rabo, logo que eu coloquei o pires de leite na frente dela! O quê, você estava com sede, é? Como você sabe que ela não estava com sede? Agora, número três: você desenrolou cada milímetro da lã quando eu não estava olhando!

– São três faltas, Kitty, e você não foi punida por nenhuma delas ainda. Você sabe, estou economizando todas as suas punições para daqui a duas quartas-

feiras… Imagine se tivessem economizado todas as minhas punições! – continuou Alice, falando mais consigo mesma do que com a gata. – O que fariam no final do ano? Eu seria mandada para a cadeia, imagino, quando esse dia chegasse. Ou… deixe-me pensar… vamos imaginar que cada punição fosse uma noite sem jantar. Então, quando o dia fatídico chegasse, eu teria que ficar cinquenta noites sem comer! Ora, eu não me importaria tanto assim! Prefiro muito mais ficar sem jantares a ter de comer todos eles!

– Está ouvindo a neve bater nas vidraças, Kitty? Como soa agradável e fofa! É como se alguém beijasse a janela inteira lá fora. Será que a neve ama as árvores e os campos, já que dá beijinhos tão gentis? E depois os agasalha, sabe, com uma manta branca… E talvez ela sussurre: “Durmam, queridos, até o verão voltar”. E quando eles acordam no verão, Kitty, se vestem todos de verde e dançam… para o lado que o vento sopra… Ah, como é bonito! – gritou Alice, deixando cair o novelo de lã para bater palmas. – E eu queria tanto que fosse verdade! Tenho certeza de que os bosques têm cara de sono no inverno, quando as folhas começam a ficar marrons.

– Kitty, você sabe jogar xadrez? Não ria, minha querida, estou perguntando de verdade. Porque, quando eu jogava um minuto atrás, você observava como se entendesse. Quando eu falei: “Xeque!”, você ronronou! Bem, foi um belo xeque, Kitty, e eu realmente poderia ter vencido, não fosse aquele Cavaleiro irritante que veio se metendo entre as minhas peças. Kitty, querida, vamos fazer de conta que…

E nesse momento, eu gostaria de poder contar a vocês metade das coisas que Alice costumava dizer depois de sua frase favorita: “Vamos fazer de conta que…”. Ela tivera uma discussão bastante longa com a irmã no dia anterior – tudo porque Alice havia falado: “Vamos fazer de conta que somos reis e rainhas”, e a irmã, que gostava de ser muito exata, havia argumentado que não podiam fazer isso, já que elas eram apenas duas pessoas. Por fim, Alice se resignou a dizer: “Bem, você pode ser uma pessoa só, e eu serei todo o resto”. E houve uma vez em que ela realmente assustou a velha governanta ao gritar de

repente em seu ouvido: “Vamos fazer de conta que eu sou uma hiena faminta e você é um osso!”.

Mas isso está nos afastando do discurso de Alice para a gatinha:

– Vamos fazer de conta que você é a Rainha Vermelha, Kitty! Sabe, eu acho que, se você se sentasse retinha e cruzasse os braços, ia ficar igualzinha a ela. Agora, tente, sim, minha fofura!

Alice pegou a Rainha Vermelha da mesa e a posicionou na frente da gata como um modelo. No entanto, não deu certo, especialmente porque, Alice contou depois, a gatinha não cruzava os braços do jeito certo. Então, para puni-la, a menina a segurou na frente do Espelho, de modo que visse como estava mal-humorada…

– E se não ficar boazinha agora mesmo – acrescentou Alice –, vou te colocar na Casa do Espelho. O que ia achar disso? Agora, se você apenas ouvir, sem falar tanto, vou lhe contar tudo da Casa do Espelho. Primeiro, tem a sala que podemos ver através do vidro… É igual à nossa sala de estar, mas está tudo no sentido contrário. Posso ver tudo quando subo numa cadeira… exceto por uma parte atrás da lareira. Oh! Queria tanto poder ver aquela parte! Queria tanto saber se eles acendem a lareira no inverno; nunca dá para descobrir, sabe? A não ser que tenha fumaça, e então a fumaça entra no recinto todo… Mas pode ser apenas fingimento, só para fazer parecer que eles tinham fogo. Bem, os livros são parecidos com os nossos, mas as palavras estão em sentido contrário. Sei disso porque aproximei um dos nossos livros do espelho, e então apareceu um igual no outro quarto.

– Você ia gostar de viver na Casa do Espelho, Kitty? Será que eles dariam leite para você? Talvez o leite do outro lado do espelho não seja tão bom de beber… Mas, ah, Kitty! Agora chegamos ao corredor. Dá para ver um pedacinho do corredor da Casa do Espelho, se deixarmos a porta da nossa sala de estar escancarada. Até onde dá pra ver, é muito parecido com o nosso corredor, mas você sabe que pode ser muito diferente depois dali, não é? Ah, Kitty, como seria bom poder atravessar para dentro da Casa do Espelho! Tenho certeza de que existem… oh!… coisas tão lindas por lá! Vamos fazer de conta que existe um jeito de atravessar de alguma forma, Kitty. Vamos fazer de conta que o espelho ficou fino, como gaze, para que possamos atravessá-lo. Ora, olhe, está parecendo fumaça, posso jurar! Acho que vai ser fácil atravessar…

Alice estava em cima do console da lareira quando disse isso, apesar de nem saber direito como havia chegado àquele lugar. E, com certeza, o espelho estava começando a se dissolver, transformando-se em uma brilhante névoa prateada.

No instante seguinte, Alice havia atravessado o espelho e dado um pulinho para dentro da sala da Casa do Espelho. A primeiríssima coisa que fez foi ver se havia fogo na lareira, e ela ficou bastante contente ao descobrir que havia uma chama real, queimando com o mesmo brilho que a que ela deixara para trás.

"Então eu ficarei quentinha aqui, assim como estava na minha própria sala", pensou Alice. "Na verdade, até mais quente, porque aqui ninguém vai me mandar sair de perto do fogo. Ah, como vai ser divertido, quando me virem deste lado do espelho e não conseguirem me pegar!"

Em seguida, ela começou a olhar ao redor e notou que aquilo que podia ser visto da sala antiga era bastante comum e desinteressante, mas todo o resto era tão diferente quanto possível. Por exemplo, os quadros na parede perto do fogo pareciam estar vivos, e o mesmo relógio sobre o console (você sabe, aquele que só se vê o verso no espelho) tinha a cara de um velhinho, que sorria para ela.

"Eles não mantêm esta sala tão arrumada como a outra", pensou Alice, enquanto notava que havia diversas peças do jogo de xadrez caídas no tapete, entre as cinzas; mas, logo em seguida, com um breve "oh!" de surpresa, Alice já estava engatinhando, observando-as. As peças de xadrez caminhavam, duas a duas!

– Aqui estão o Rei Vermelho e a Rainha Vermelha – disse Alice (em um sussurro, com medo de assustá-los). – E ali estão o Rei Branco e a Rainha Branca, sentados na borda da pá… E aqui vão as duas torres, de braços dados…

Acho que não podem me ouvir – continuou, aproximando mais a cabeça do chão. – E tenho quase certeza de que não podem me ver. Sinto como se estivesse invisível…

Nesse momento, algo começou a guinchar na mesa atrás de Alice, fazendo-a girar a cabeça bem a tempo de ver um dos peões brancos cair e começar a espernear. Ela observou com muita curiosidade para ver o que aconteceria em seguida.

– É a voz da minha filha! – gritou a Rainha Branca, apressando-se além do Rei, com tamanha violência que o derrubou entre as cinzas. – Minha preciosa Lily! Minha gatinha imperial! – e começou a escalar freneticamente a lateral do guarda-fogo.

– Desatino imperial! – disse o Rei, esfregando o nariz, que machucara na queda. Ele tinha o direito de estar um pouco incomodado com a Rainha, pois estava coberto de cinzas da cabeça aos pés.

Alice estava muito ansiosa para ser útil e, quando a pobre Lily estava prestes a ter um ataque de tanto berrar, pegou rapidamente a Rainha e a colocou em cima da mesa, ao lado de sua filhinha uivante.

A Rainha se sentou, ofegante. A rápida jornada pelo ar lhe tirara o fôlego e, por um ou dois minutos, ela não conseguia fazer nada além de abraçar a pequena Lily em silêncio. Assim que se recuperou um pouco, ela chamou o Rei Branco, que estava sentado entre as cinzas, mal-humorado:

– Cuidado com o vulcão!

– Que vulcão? – perguntou o Rei, erguendo a cabeça para o fogo com ansiedade, como se pensasse que ali seria o lugar mais provável para encontrar um.

– Ele… me… explodiu… – arquejou a Rainha, que ainda estava um pouco sem ar. – Trate de subir… do jeito normal… Não deixem explodir você!

Alice observou o Rei Branco enquanto ele atravessava lentamente obstáculo por obstáculo, até que, por fim, disse:

– Ora, desse jeito você vai demorar horas e horas para chegar até a mesa. É melhor eu ajudar de uma vez, não?

Mas o Rei não tomou conhecimento da pergunta; estava muito claro que ele não conseguia nem ouvi-la nem vê-la.

Então, Alice pegou o Rei com muito cuidado e o ergueu para o outro lado muito mais devagar do que havia feito com a Rainha, para não lhe tirar o fôlego. Porém, antes de colocá-lo sobre a mesa, achou que deveria tirar-lhe a poeira, já que estava todo coberto de cinzas.

Alice contou depois que nunca tinha visto uma expressão como a do Rei, quando percebeu que estava sendo levantado no ar por uma mão invisível. Ele ficou chocado demais para gritar, mas seus olhos e boca foram ficando cada vez maiores e cada vez mais redondos, até que a mão de Alice tremeu tanto com sua risada que ela quase o deixou cair no chão.

– Oh! Por favor, não faça essas caretas, meu caro! – gritou ela, esquecendo-se por completo de que o Rei não a podia ouvir. – Você me faz rir tanto que mal consigo segurá-lo! E não fique com a boca tão escancarada! As cinzas todas vão entrar e… Pronto, agora acho que está limpo o suficiente! – acrescentou, alisando o cabelo dele e o colocando sobre a mesa, perto da Rainha.

O Rei caiu imediatamente de costas e ficou completamente imóvel. Alice ficou um pouco alarmada com o que fizera, e andou pela sala para ver se conseguia encontrar um pouco de água para borrifar nele. No entanto, não encontrou nada além de um tinteiro; e, quando retornou, descobriu que ele já se recuperara e estava conversando com a Rainha em sussurros apavorados – tão baixos que Alice mal conseguia ouvir o que diziam.

O rei estava dizendo:

– Posso garantir, minha querida, gelei até a ponta do bigode!

Ao que a Rainha respondeu:

– Você não tem bigode.

– O horror daquele momento… – prosseguiu o Rei. – Dele nunca, nunca, me esquecerei!

– Mas esquecerá, sim – disse a Rainha –, se não fizer uma anotação a respeito.

Alice ficou olhando com grande interesse quando o Rei sacou um imenso bloco de notas do bolso e começou a escrever. Um pensamento súbito a atingiu, e ela segurou a ponta do lápis, que estava um pouco acima do ombro do Rei, e começou a escrever por ele.

O pobre Rei parecia confuso e infeliz, lutando com o lápis por algum tempo sem falar nada. Mas Alice era forte demais para ele, e enfim ele disse, sem ar:

– Minha querida! Eu realmente preciso arranjar um lápis mais fino. Não consigo lidar com este aqui. Ele escreve todo tipo de coisas que não quero…

– Que tipo de coisas? – perguntou a Rainha, espiando o bloco (no qual Alice anotara: “O Cavaleiro Branco desce pelo atiçador. Ele se equilibra muito mal”). – Isso não é uma anotação sobre as suas emoções!

Havia um livro sobre a mesa, perto de Alice, e, enquanto estava parada observando o Rei Branco (a menina ainda estava um pouco ansiosa e mantinha o tinteiro pronto para lhe borrifar tinta, caso ele desmaiasse de novo), ela folheou as páginas, procurando alguma parte que conseguisse ler, "… pois está tudo num idioma que não conheço", pensou.

Dizia o seguinte:

ETRADAUGAJ

satutsiga savuot sa e,zulirb arE

:sovlitsap son maivler e mavaryglor

,sorelibrob sa mai sievásiga otiuM

.soviliugirtse me mai sodidrevrop so E

Ela quebrou a cabeça por algum tempo, mas enfim entendeu, como se atingida por um raio: "Ora, é um livro-espelho, claro! Se eu o segurar diante de um espelho, as palavras vão se endireitar de novo".

Este foi o poema que Alice leu.

JAGUADARTE

Era briluz, e as touvas agistutas

rolgyravam e relviam nos pastilvos:

Muito agisáveis iam as borbileros,

E os porverdidos iam em estriguilivos.

“Atente, ó filho, com o Jaguadarte!

Bocas que mordem, garras que agarram!

Cuidado com o Feifel, esconde-te

do frumioso Capturandam!”

Tomou sua espada vorpal

Por muito o inimigo feramundo buscou…

Descansou sob a tuntumeira,

Sonilundo, um dia, hibernou.

Com turbulosos pensamentos sussustados,

O Jaguadarte, olhos de chamas,

Sorrelfiflou pelo cosque urfado,

E borbulhou as ramas!

Um, dois! Um, dois! Empõe e empõe

a espada vorpal mavortou cravada!

Deixou-o morto, pegou a cabeça com suas mões

Voltou à morada.

“Pois enfim mataste o Jaguadarte?

Abraça-me, meu homenino brilhoso!

Ó, dia frabujoso! Hosana! Estás salvo!”

Ele queleprava seu gozo.

Era briluz, e as touvas agistutas

rolgyravam e relviam no pastilvo:

Muito agisáveis iam as borbileros,

E os porverdidos estriguilivos.

– Parece muito bonito – disse ela ao terminar –, mas é um tanto difícil de entender! – veja, ela não gostava de confessar, mesmo que para si mesma, que não conseguira entender nada daquilo. – De alguma forma, parece encher minha cabeça com ideias… só não sei exatamente quais! No entanto, alguém matou alguma coisa; isso está claro de qualquer forma…

“Mas… ah!”, pensou Alice, saltando de repente, “se eu não me apressar, terei de

voltar pelo espelho antes de ter visto o resto da casa! Vamos olhar o jardim primeiro!”

Ela saiu da sala num disparo, e correu escada abaixo… Na verdade, não era exatamente uma corrida, mas uma invenção nova dela para descer escadas com agilidade e facilidade, como Alice descrevera para si mesma. Ela só mantinha as pontas dos dedos no corrimão e flutuava gentilmente, sem sequer tocar os degraus com os pés. Depois, flutuou pelo saguão, e teria saído pela porta da mesma forma, se não tivesse se agarrado ao batente. Estava um pouco tonta de tanto flutuar, e se sentiu bastante contente por caminhar normalmente de novo.

capítulo 2

O jardim das flores vivas

“E u veria o jardim muito melhor”, pensou Alice, “se chegasse ao topo daquele morro; e aqui tem uma trilha que leva direto até ele… Quer dizer, não, não tão direto assim (depois de avançar alguns metros e fazer várias curvas bruscas)… Mas suponho que uma hora chegue. Que curvas curiosas! Parece mais um saca-rolhas do que um caminho! Bom, esta curva leva ao morro, imagino… Não, não leva não! Volta direto para casa! Ora, bem, então vou tentar o outro caminho.”

E foi o que ela fez. Andou para cima e para baixo, dando volta atrás de volta, mas sempre acabava voltando para a casa, não importava o que fizesse. De fato, em uma dessas tentativas, quando virou uma esquina um pouco rápido demais, deu de cara consigo mesma antes que conseguisse parar a si própria.

– Não adianta falar sobre isso – disse Alice, erguendo os olhos para a casa e fingindo que discutia com ela. – Eu não vou entrar de novo, ainda não. Sei que deveria atravessar o espelho de novo… de volta para a sala antiga… Mas aí seria o fim de todas as minhas aventuras!

Então, dando as costas de forma resoluta para a casa, ela se lançou mais uma vez pela trilha, determinada a seguir em linha reta até chegar ao morro. Por alguns minutos, tudo correu bem, e quando ela disse: “Eu realmente vou conseguir desta vez…”, o caminho entrou numa curva súbita e chacoalhou (como Alice descreveu depois), e, no momento seguinte, se viu entrando pela porta.

– Oh, mas que azar! – choramingou. – Nunca vi uma casa ser tão metida quanto

esta! Nunca!

No entanto, lá estava o morro, em plena vista; portanto não havia nada a ser feito, exceto recomeçar. Dessa vez, Alice encontrou um imenso canteiro de flores, com uma orla de margaridas e um salgueiro crescendo no meio.

– Oh, um lírio-tigre! – disse Alice, dirigindo-se a um que ondulava no vento com graça. – Como eu gostaria que você pudesse falar!

– Nós podemos falar – disse o Lírio-tigre –, quando vemos alguém com quem valha a pena conversar.

Alice ficou tão chocada que não conseguiu dizer nada por um minuto: foi algo que lhe arrancou o ar. Por fim, como o Lírio-tigre apenas continuava a se balançar, ela falou de novo, com voz tímida, quase um sussurro:

– E será que todas as flores podem falar?

– Tão bem quanto você – disse o Lírio-tigre. – E muito mais alto.

– É de mau tom para nós começarmos a conversa, sabe – disse a Rosa –, e eu realmente estava me perguntando quando você falaria! Disse para mim mesma: "O rosto dela mostra que tem alguma coisa para dizer, apesar de não parecer ser algo muito esperto!". Ainda assim, você é da cor certa, e isso já é meio caminho andado.

– Eu não ligo para a cor – observou o Lírio-tigre. – Se as pétalas dela encrespassem um pouquinho mais, ela estaria bem.

Alice não gostava de ser criticada, então começou a fazer perguntas.

– Não sentem medo de estarem plantadas aqui, sem ninguém para cuidar de vocês?

– Temos a árvore no meio – disse a Rosa. – Para que mais ela serve?

– Mas o que poderia fazer, se algum perigo surgisse? – perguntou Alice.

– Ela começa a chorar! – gritou uma margarida. – É por isso que a chamam de salgueiro chorão!

– Você não sabia disso? – gritou outra margarida, e então todas elas começaram a gritar juntas, até o ar parecer bastante cheio de vozinhas esganiçadas.

– Silêncio, todas vocês! – gritou o Lírio-tigre, agitando-se energicamente de um lado para o outro, e tremendo de empolgação. – Elas sabem que não posso chegar até elas! – falou, esbaforido, baixando a cabeça trêmula para Alice. – Caso contrário, não ousariam fazer isso!

– Não importa! – disse Alice num tom apaziguador; e, abaixando-se para as margaridas, que estavam recomeçando, ela sussurrou: – Se não segurarem a

língua, vou colher todas vocês!

Houve um silêncio momentâneo, e várias das margaridas cor-de-rosa ficaram brancas.

– Que bom! – disse o Lírio-tigre. – As margaridas são as piores de todas. Quando uma fala, todas falam juntas, e a barulheira é suficiente para murchar uma pessoa.

– Como todas conseguem falar tão bem? – perguntou Alice, esperando que um elogio pudesse melhorar seu temperamento. – Já estive em muitos jardins antes, mas nenhuma das flores falava.

– Ponha a mão na terra e sinta – disse o Lírio-tigre. – Então saberá o motivo.

Alice obedeceu.

– É muito dura – disse ela –, mas não entendo o que tem a ver.

– Na maioria dos jardins – falou o Lírio-tigre – fazem canteiros com terra fofa demais… Então as flores estão sempre dormindo.

Esse soava como um excelente motivo, e Alice ficou muito contente de ouvi-lo.

– Nunca tinha pensado nisso! – disse Alice.

– Na minha opinião, você não pensa em nada mesmo – disse a Rosa, num tom bastante severo.

– Eu nunca vi ninguém com uma aparência tão estúpida – disse uma Violeta, tão de repente que Alice deu um pulinho de susto, pois não tinha falado nada antes.

– Segure sua língua! – gritou o Lírio-tigre. – Como se você visse alguém! Você fica com a cara enfiada atrás de folhas, roncando o tempo todo, a ponto de nem saber o que está havendo no mundo, menos do que uma mudinha!

– Tem mais gente no jardim além de mim? – disse Alice, escolhendo ignorar a última observação da Rosa.

– Tem uma outra flor no jardim que se move por aí como você – disse a Rosa. – Eu me pergunto como conseguem…

– Você está sempre se perguntando alguma coisa – interrompeu-a o Lírio-tigre.

– Mas ela tem mais folhas que você.

– Ela se parece comigo? – perguntou Alice, ansiosa, pois um pensamento lhe ocorrera: “Tem outra garotinha em alguma parte do jardim!”.

– Bem, ela tem o mesmo formato esquisito que você – disse a Rosa –, mas é mais vermelha… e as pétalas são menores, acho.

– As pétalas dela são mais juntas, quase como uma dália – interrompeu o Lírio-tigre. – E não caídas de qualquer jeito, como as suas.

– Mas isso não é sua culpa – acrescentou a Rosa com gentileza. – Você está começando a fenecer, sabe… e não se pode evitar que as pétalas fiquem um pouco bagunçadas.

Alice não gostava dessa ideia de forma alguma; então, para mudar de assunto, perguntou:

– Ela vem aqui com frequência?

– Ouso dizer que a verá logo – disse a Rosa. – É dessas com nove pontas.

– E onde tem tanta ponta? – perguntou Alice com alguma curiosidade.

– Ora, ao redor da cabeça, é claro – respondeu a Rosa. – Eu estava me perguntando se você não teria umas também. Achei que era a norma geral.

– Está vindo! – gritou a Esporinha. – Estou ouvindo seus passos… chump…

chump… chump… caminhando pelo cascalho!

Alice olhou ao redor ansiosamente e descobriu que era a Rainha Vermelha.

– Ela cresceu tanto! – foi sua primeira observação.

E era verdade, pois quando Alice a encontrou nas cinzas, ela tinha menos de dez centímetros de altura… E ali estava ela, meia cabeça mais alta que a própria Alice!

– É o ar fresco que faz isso – disse a Rosa. – O ar é maravilhosamente puro aqui fora.

– Acho que vou até lá – disse Alice, pois, apesar de as flores já serem interessantes o suficiente, ela sentia que seria muito mais grandioso conversar com uma Rainha de verdade.

– É impossível fazer isso – disse a Rosa. – Eu a aconselharia a dar meia-volta.

Isso soou como uma bobagem para Alice; então ela não disse nada, apenas saiu caminhando em direção à Rainha Vermelha. E, para sua surpresa, a perdeu de vista no mesmo momento e, quando se deu conta, estava caminhando para a porta da frente de novo.

Um pouco irritada, ela recuou e, depois de olhar para todos os lados em busca da

Rainha (a qual ela finalmente encontrou, bem longe dali), pensou que, desta vez, tentaria o plano de caminhar no sentido oposto.

E funcionou belissimamente. Ela não havia caminhado mais de um minuto antes de dar de cara com a Rainha Vermelha, e com uma completa visão do morro que tanto buscara antes.

– De onde você veio? – perguntou a Rainha Vermelha. – E aonde vai? Levante os olhos, articule bem e não fique agitando os dedos o tempo todo.

Alice obedeceu a todas essas ordens e explicou, da melhor maneira que pôde, que havia perdido seu rumo.

– Não sei o que quer dizer com seu rumo – disse a Rainha. – Todos os rumos aqui pertencem a mim… Mas por que veio até aqui, afinal de contas? – acrescentou num tom mais suave. – Enquanto pensa na resposta, faça a reverência, vai nos poupar tempo.

Alice pensou um pouco sobre isso, mas estava maravilhada demais com a Rainha para duvidar dela. “Tentarei isso quando chegar em casa”, pensou, “da próxima vez que estiver atrasada para o jantar.”

– Agora é hora de responder – disse a Rainha, olhando para o relógio. – Abra a boca um pouquinho mais quando falar, e sempre diga “Vossa Alteza”.

– Eu só queria ver como o jardim era, Vossa Alteza…

– Está bem – disse a Rainha, dando-lhe tapinhas na cabeça, dos quais Alice não gostou nem um pouco. – Apesar de que, quando você fala “jardim”… Eu já vi jardins que, se comparados, fariam este aqui parecer uma selva.

Alice não ousou discutir, mas continuou:

– E pensei em tentar achar o caminho até o topo daquele morro…

– Quando você diz “morro” – interrompeu a Rainha –, eu poderia lhe mostrar morros que, se comparados, fariam este aqui parecer um vale.

– Não, não fariam – disse Alice, surpresa por finalmente contradizê-la. – Um morro não pode ser um vale, sabe. Isso seria absurdo…

A Rainha Vermelha balançou a cabeça.

– Você pode chamar de “absurdo”, se quiser – disse ela –, mas eu já ouvi absurdos que, se comparados, fariam isso parecer tão sensato quanto o

dicionário!

Alice fez outra reverência, pois, pelo tom da Rainha, tinha medo de que ela estivesse um pouco ofendida. Em seguida, elas caminharam em silêncio até chegarem ao topo do pequeno morro.

Por alguns minutos, Alice não disse nada, ficou apenas olhando a região em todas as direções… E era uma região bastante curiosa! Havia vários riachos bem pequenos correndo, cortando-a de um lado a outro, e o terreno entre eles estava dividido em quadrados por muitos cercadinhos verdes, que iam de um riacho ao outro.

– Ouso dizer que está marcado como se fosse um tabuleiro de xadrez gigante! – disse Alice, por fim. – Deve haver algumas peças andando por aí… e tem! – acrescentou com um tom de deleite, e seu coração começou a bater mais rápido com a empolgação enquanto seguia. – É um tabuleiro imensamente grande de xadrez, que está sendo jogado… por todo o mundo… Se é que isso é o mundo mesmo. Oh, como é divertido! Como eu gostaria de ser um deles! Eu nem me importaria de ser um Peão, se eu apenas pudesse participar… Mas é claro que eu gostaria mais de ser uma Rainha, mais do que tudo.

Ao dizer isso, olhou com alguma timidez para a Rainha de verdade, mas sua companheira apenas sorriu de forma agradável e disse:

– Isso se resolve com facilidade. Você pode ser o Peão da Rainha Branca, se quiser, já que Lily é jovem demais para jogar. Você começa na Segunda Casa; quando chegar à Oitava Casa, será uma Rainha…

Justo nesse momento, sabe-se lá por quê, começaram a correr.

Mais tarde, ao refletir sobre isso, Alice não conseguiu entender como haviam começado: tudo de que se lembrava é que estavam correndo de mãos dadas; e a Rainha ia tão rápido, que tudo que Alice conseguia fazer era tentar manter o ritmo. Ainda assim, a Rainha seguia gritando:

– Mais rápido! Mais rápido!

Mas Alice sentia que não conseguia ir mais rápido, apesar de não ter nem fôlego para dizer isso.

A parte mais curiosa da situação era que as árvores e outras coisas ao redor nunca mudavam de lugar. Por mais rápido que fossem, nunca pareciam passar por nada. “Será que todas as coisas estão se movendo junto conosco?”, pensou a pobre Alice, confusa. E a Rainha pareceu ler seus pensamentos, pois gritou:

– Mais rápido! Não tente falar!

Não que Alice tivesse a menor pretensão de fazer isso. Ela sentia como se nunca mais fosse conseguir falar de novo, pois estava ficando cada vez mais sem ar. Ainda assim, a Rainha gritava:

– Mais rápido! Mais rápido! – e a arrastava.

– Estamos chegando? – Alice conseguiu perguntar, enfim.

– Quase lá! – repetiu a Rainha. – Ora, já passamos de lá há dez minutos! Mais rápido!

E correram por algum tempo em silêncio, com o vento assoviando nos ouvidos de Alice e quase arrancando seu cabelo, ela imaginou.

– Agora! Agora! – gritou a Rainha. – Mais rápido! Mais rápido!

E elas corriam tão rápido que pareciam cortar o ar, mal tocando o chão com os pés; até que, de repente, quando Alice se sentiu bastante exausta, elas pararam, e a menina se viu sentada no chão, sem ar e trêmula.

A Rainha a recostou contra uma árvore e disse com gentileza:

– Pode descansar um pouco agora.

Alice olhou ao redor com grande surpresa.

– Ora, eu acredito que estivemos sob essa árvore o tempo todo! Está tudo exatamente como era!

– É claro que está – disse a Rainha. – Onde você colocaria?

– Bem, em meu país – disse Alice, ainda arquejando um pouco. – Você geralmente chegaria a um lugar diferente… se corresse tão depressa por tanto tempo, como nós fizemos.

– Um tipo de país muito lento! – disse a Rainha. – Veja bem: aqui, você precisa correr o máximo que puder para ficar no mesmo lugar. Se quiser ir para outro lugar, precisa correr pelo menos duas vezes mais rápido que isso!

– Eu preferiria não tentar, por favor! – disse Alice. – Estou bastante contente de estar aqui… exceto pelo fato de estar com muito calor e muita sede!

– Sei do que você vai gostar! – disse a Rainha de bom humor, tirando uma caixinha do bolso. – Aceita um biscoito?

Alice pensou que seria mal-educado de sua parte dizer “não”, apesar de não ser nada do que ela queria. Então ela o pegou e tentou comer da melhor maneira que pôde; mas ele estava muito seco, e ela pensou que nunca em sua vida tinha ficado tão perto de sufocar.

– Enquanto se refresca – disse a Rainha –, vou tirando as medidas.

Então ela tirou uma fita métrica do bolso e começou a medir o chão, fincando pequenas estacas aqui e ali.

– Ao fim de dois metros – disse ela, cravando uma estaca para marcar a distância –, vou lhe dar suas instruções… Mais um biscoito?

– Não, obrigada – respondeu Alice. – Um é mais que suficiente!

– Matou a sede, espero? – disse a Rainha.

Alice não sabia o que dizer; mas, por sorte, a Rainha não esperou a resposta e prosseguiu:

– Depois de três metros, eu repetirei as ordens… pois temo que você esqueça. E depois de quatro, eu me despedirei. E ao final de cinco metros, eu partirei!

A essa altura, a Rainha já tinha pregado todas as estacas, e Alice seguiu olhando com bastante interesse enquanto ela voltava para a árvore e começava a descer pela fila devagar.

Na estaca de dois metros, ela deu a volta e disse:

– Um peão anda duas casas no primeiro movimento, certo? Então você vai seguir muito rápido para a Terceira Casa… De trem, eu acho… E vai chegar à Quarta Casa num estalar de dedos. Bem, essa casa pertence a Tweedledum e Tweedledee… A quinta é em boa parte água… A sexta é do Humpty Dumpty. Você não tem nada a comentar?

– Eu… eu não sabia que deveria fazer comentários… até agora – Alice gaguejou.

– Você deveria ter dito: “É uma enorme gentileza sua me contar tudo isso”. Mas vamos supor que você disse… A Sétima Casa é somente floresta… No entanto, um dos Cavaleiros lhe mostrará o caminho. E na Oitava Casa seremos rainhas juntas; lá, é pura alegria e diversão!

Alice se levantou e fez uma reverência, sentando-se de novo.

Na estaca seguinte, a Rainha se virou de novo e desta vez disse:

– Fale em francês quando não conseguir pensar na palavra em inglês… e ande com as pontas dos pés para fora. E lembre-se de quem você é!

Dessa vez, ela não esperou que Alice fizesse a reverência; seguiu caminhando rapidamente para a próxima estaca, onde se virou por um instante para dizer “Adeus”, e então correu para a última.

Como aquilo aconteceu, Alice nunca soube; mas exatamente quando chegou à última estaca, a Rainha desapareceu. Se ela desapareceu no ar, ou se ela correu depressa para dentro do bosque (“e ela consegue correr muito rápido!”, pensou Alice), não havia como adivinhar; mas ela sumiu e Alice começou a se lembrar de que era um Peão, e de que logo seria sua vez de avançar.

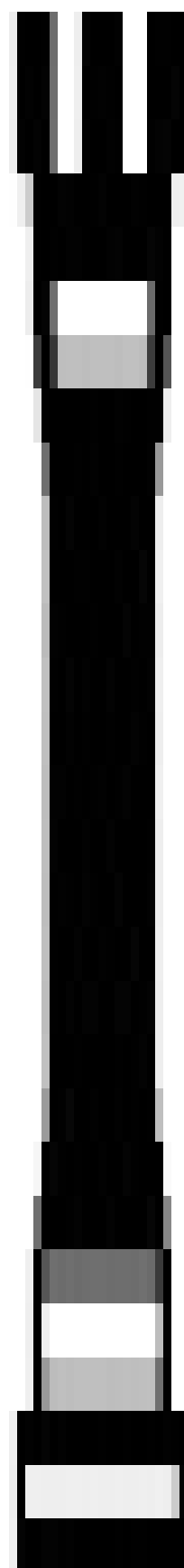
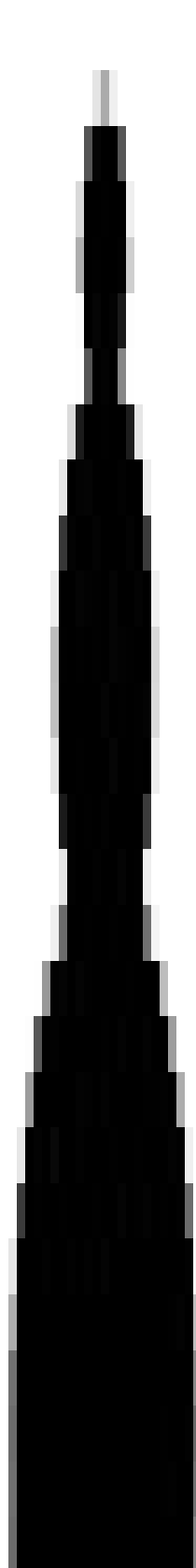
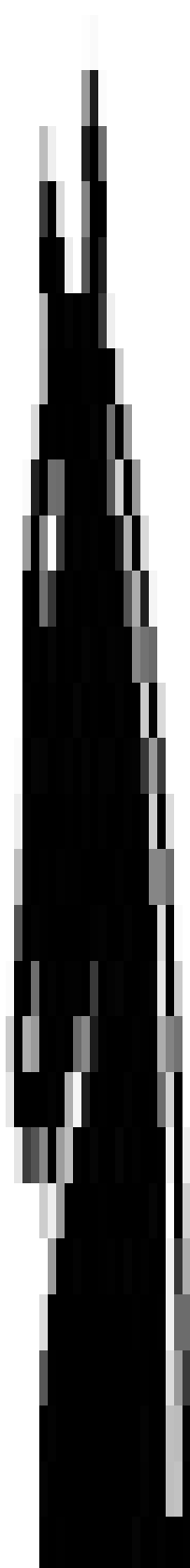
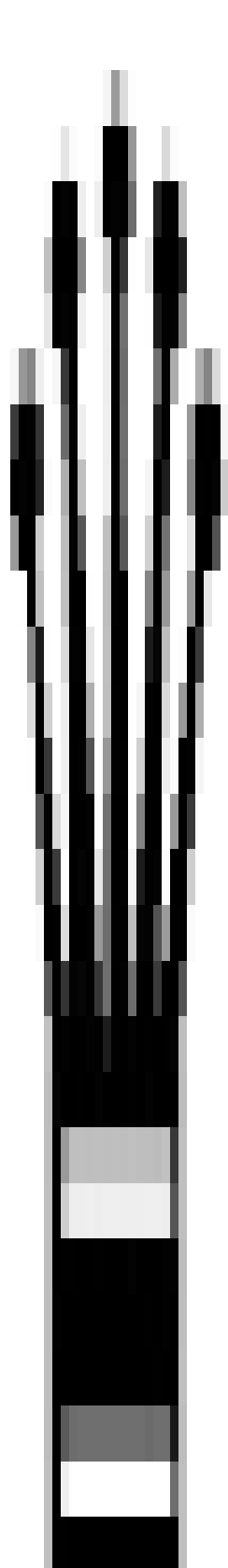
capítulo 3

Insetos do Espelho

Éclaro que a primeira coisa a fazer era um levantamento completo do país que ela atravessaria. “É muito parecido com estudar geografia”, pensou Alice, erguendo-se nas pontas dos pés, tentando ver um pouco além. “Rios principais… não há nenhum. Montanhas principais… estou em cima do único morro, mas não creio que tenha um nome. Cidades principais… ora, o que são aquelas criaturas fazendo mel daquele lado? Não podem ser abelhas… Ninguém nunca viu uma abelha a um quilômetro de distância, não é?” E por algum tempo ela ficou parada em silêncio, observando uma delas enquanto se agitava por entre as flores, fincando-lhes o proboscídeo, “exatamente como uma abelha normal”, pensou Alice.

No entanto, aquilo era qualquer coisa, menos uma abelha normal. Na verdade, era um elefante… como Alice logo descobriu, apesar de a ideia lhe tirar o fôlego de início. “E que flores enormes devem ser aquelas!”, foi sua ideia seguinte. “Algo como cabanas cujos tetos foram arrancados, e com hastes… E que enorme quantidade de mel devem produzir! Acho que vou descer e… não. Eu não vou justo agora”, ela prosseguiu, contendo-se antes de começar a descer o morro correndo, e tentando encontrar alguma desculpa para ter ficado receosa tão rapidamente. “Não vai servir de nada descer até eles sem um longo galho para tangê-los… E como vai ser divertido quando me perguntarem como foi minha caminhada. Eu direi: “Ah, foi boa…” (nesse momento, deu sua sacudida de cabelo favorita), “mas havia muita poeira, e estava quente, e os elefantes eram tão brincalhões!”

– Acho que vou descer pelo outro lado – disse Alice, depois de uma pausa. – E talvez eu possa visitar os elefantes mais tarde. Além disso, eu quero tanto chegar à Terceira Casa!

Então, com essa desculpa, ela desceu o morro correndo e saltou por cima dos seis primeiros pequenos riachos.

– Passagens, por favor! – disse o Guarda, enfiando a cabeça pela janela.

Um minuto depois, todos estendiam seus bilhetes, que eram mais ou menos do tamanho das pessoas, e pareciam preencher bem o vagão.

– E então? Mostre sua passagem, menina! – prosseguiu o Guarda, olhando para Alice com raiva.

E várias vozes disseram juntas (“como se fosse o refrão de uma canção”, pensou Alice):

– Não faça o homem esperar, menina! Ora, o tempo dele vale mil libras por minuto!

– Temo que não tenho um – disse Alice num tom assustado. – Não havia um guichê no lugar onde embarquei.

E de novo o coro de vozes disse:

– Não havia lugar para uma pessoa lá de onde ela vem. A terra lá vale mil libras por centímetro!

– Não invente desculpas – disse o Guarda. – Você deveria ter comprado com o maquinista.

E mais uma vez o coro de vozes exclamou:

– O maquinista. Ora, cada baforada da fumaça vale mil libras!

Alice pensou: “Então nem adianta falar”. Desta vez, as vozes não se meteram, já que ela não tinha falado nada; mas, para sua grande surpresa, todos pensaram em uníssono (espero que você entenda o que significa pensar em uníssono… pois confesso que eu não entendo): “Melhor não falar coisa nenhuma. A linguagem vale mil libras por palavra!”.

“Sonharei com mil libras hoje à noite, sei que sonharei!”, pensou Alice.

Durante todo esse tempo, o Guarda seguia olhando para ela: primeiro através de um telescópio, depois por um microscópio, e então por um binóculo de ópera. Por fim, ele disse:

– Você está indo no sentido errado – e fechou a janela e foi embora.

– Uma criança tão nova – disse o cavalheiro sentado à sua frente (vestido em papel branco) –, deveria saber para que lado vai, mesmo que não saiba o próprio nome!

Um Bode, sentado junto ao cavalheiro de branco, fechou os olhos e disse em voz alta:

– Ela deveria saber o caminho até o guichê, mesmo que não saiba o bê-á-bá.

Havia um Besouro ao lado do Bode (de forma geral, era um vagão inteiro com passageiros muito esquisitos), e como a regra parecia ser que cada um falaria na sua vez, ele prosseguiu:

– Ela vai ter que ser despachada com as bagagens!

Alice não conseguia ver quem estava sentado depois do Besouro, mas uma voz rouca, pesada, falou em seguida:

– Trocar de locomotivas… – ele começou a falar, mas foi obrigado a parar.

“Parece um relincho”, pensou Alice. E uma vozinha minúscula, perto de sua orelha, disse:

– Você deveria fazer uma piada com isso… algo com “cavalo” e uma voz “cavalar”, ou “soltar um coice”, sabe.

Então uma voz muito ao longe disse:

– Ela precisa de uma etiqueta que diga: “Atenção: contém moça”.

E depois disso as outras vozes prosseguiram (“Quanta gente tem neste vagão!”, pensou Alice) dizendo:

– Ela precisa ir pelo correio, pois já está selada…

– Ela deve ser enviada como mensagem pelo telégrafo…

– Ela deve puxar o trem inteiro o resto do caminho…

E assim por diante.

Mas o cavalheiro vestido de papel branco se inclinou para a frente e sussurrou em seu ouvido:

– Ignore o que todos dizem, minha cara, mas compre uma passagem de volta cada vez que o trem parar.

– De forma alguma! – disse Alice, impaciente. – Definitivamente, não faço parte desta viagem ferroviária… Um minuto atrás eu estava em um bosque… E eu queria poder voltar para lá.

– Você poderia fazer uma piada com isso – disse a vozinha perto de seu ouvido. – Algo com “queria, mas não podia”, nesse estilo.

– Chega de brincadeiras – disse Alice, olhando em volta, em vão, tentando ver de onde vinha a voz. – Se você quer tanto que façam uma piada, por que você não faz?

A vozinha suspirou fundo. Ela estava muito infeliz, era evidente, e Alice teria dito uma palavra de conforto, “se apenas suspirasse que nem os outros!”, pensou ela. Mas esse era um suspiro tão maravilhosamente pequeno, que ela não o teria ouvido de forma alguma, se não tivesse chegado tão perto de seu ouvido. A consequência disso era que fazia cócegas em sua orelha, o que a tirava bastante de sua linha de pensamento sobre a pobre criatura.

– Sei que é uma amiga – prosseguiu a vozinha –, uma amiga querida, uma velha amiga. E você não vai me machucar, apesar de eu ser um inseto.

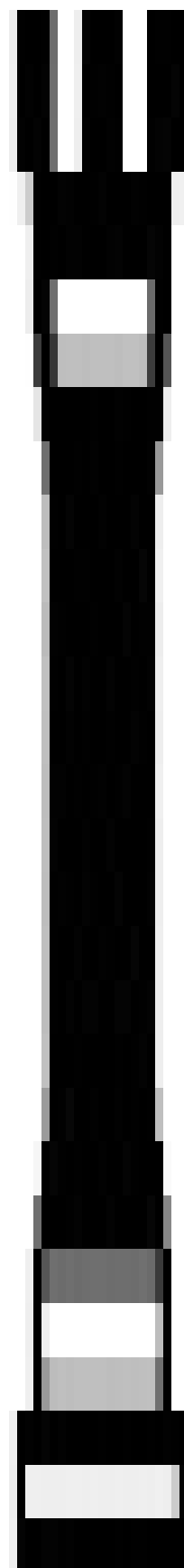
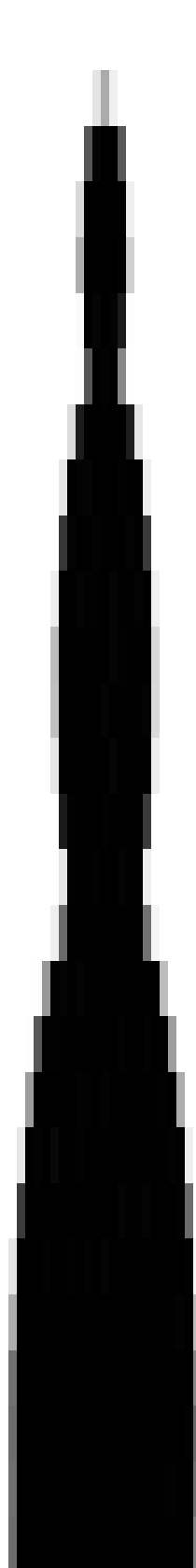
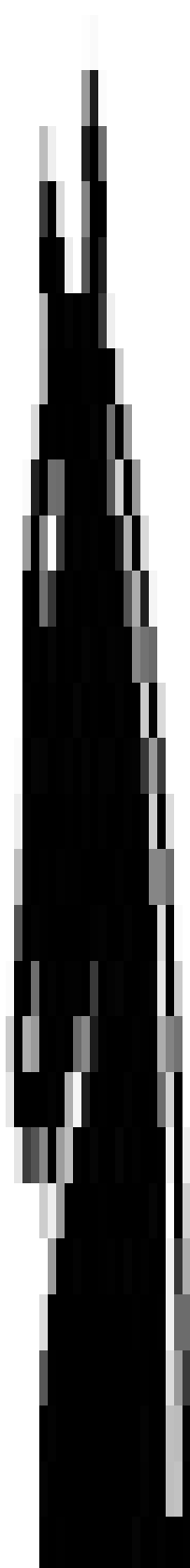
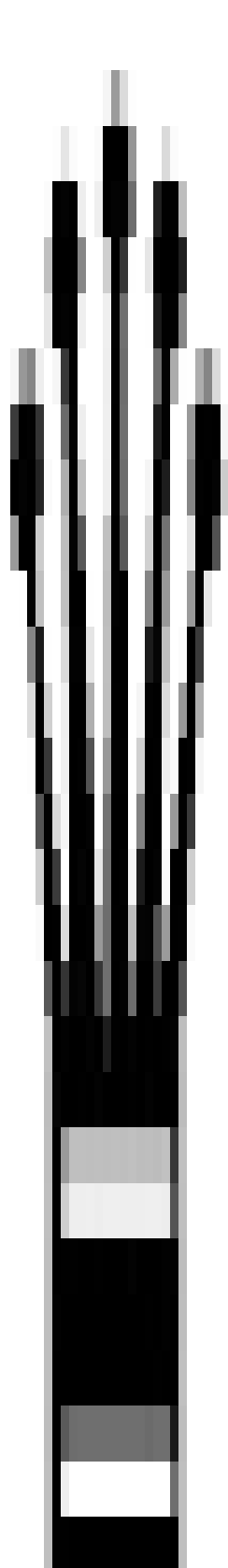
– Que tipo de inseto? – perguntou Alice com um pouco de ansiedade.

O que ela realmente queria saber era se o bicho poderia picar ou não, mas ela achava que não seria de muito bom tom perguntar.

– Ora, então você não… – começou a vozinha, quando foi afogada por um grito agudo vindo do motor, e todos saltaram em sobressalto, inclusive Alice.

O Cavalo, que havia colocado a cabeça para fora da janela, a recolheu em silêncio e disse:

– É só um riacho que temos de saltar.

Todos pareceram satisfeitos, apesar de Alice ficar um pouco nervosa com a ideia de trens pulando de qualquer forma. “De todo modo, já nos leva para a Quarta Casa, o que é um alívio!”, pensou. No momento seguinte, sentiu a carruagem subir reto no ar e, apavorada, agarrou a coisa mais próxima a ela, que, por um acaso, era a barba do Bode.

Mas a barba pareceu se dissolver quando ela a tocou, e Alice se viu sentada calmamente sob uma árvore… enquanto o Mosquito (pois este era o inseto com quem ela estivera falando) se equilibrava num galho logo acima de sua cabeça, abanando-a com suas asas.

Com certeza, era um Mosquito muito grande: “Quase do tamanho de uma galinha”, pensou Alice. Ainda assim, não sentia nenhuma ansiedade por causa dele, depois de terem falado por tanto tempo.

– Então você não gosta de nenhum inseto? – prosseguiu o Mosquito, tranquilo, como se nada tivesse acontecido.

– Gosto dos que sabem falar – respondeu Alice. – Nenhum deles fala, lá na minha terra.

– Com que tipo de inseto você se empolga mais, lá na sua terra? – indagou o Mosquito.

– Eu não me empolgo com nenhum inseto – explicou Alice –, porque tenho muito medo deles… ao menos dos grandes. Mas posso lhe dizer o nome de alguns.

– E é claro que eles atendem pelo nome, não é? – falou o Mosquito tranquilamente.

– Nunca conheci um que atendesse.

– Mas qual é a utilidade de ter nomes – perguntou o Mosquito –, se não atendem por eles?

– Não tem utilidade para eles – disse Alice –, mas é útil para as pessoas que dão os nomes, imagino. Se não, por que todas as coisas teriam nomes?

– Aí já não sei – respondeu o Mosquito. – Mais adiante, no bosque, eles não têm nome… Mas siga com a sua lista de insetos, estamos perdendo tempo.

– Bem, tem a mosca – começou Alice, contando os nomes nos dedos.

– Muito bem – disse o Mosquito. – Avançando ali naquele arbusto, você vai ver uma “moscavalo”, se olhar bem. É toda feita de madeira e fica se balançando de um lado para o outro.

– Ela come o quê? – perguntou Alice com grande curiosidade.

– Seiva e serragem – respondeu o Mosquito. – Prossiga com a lista.

Alice ergueu os olhos para a moscavalo com bastante interesse, e concluiu que devia ter acabado de ser pintada, porque brilhava muito, de um jeito grudento. E então prosseguiu:

– E tem a libélula.

– Olhe para o galho logo acima de sua cabeça – disse o Mosquito –, e vai encontrar uma libélula natalina. Seu corpo é feito de pudim de passas, suas asas são azevinho e a cabeça é uma passa flambada no conhaque.

– E ela come o quê?

– Manjar-branco e torta de carne – respondeu o Mosquito. – E faz o ninho na árvore de Natal.

– E tem a borboleta – continuou Alice, depois de dar uma boa olhada no inseto com a cabeça em chamas, pensando consigo mesma: "Eu me pergunto se é esse o motivo por que insetos gostam tanto de voar em direção à luz de velas… porque querem se transformar em libélulas natalinas!".

– Rastejando aos seus pés – disse o Mosquito (Alice recolheu os pés rapidamente), você pode observar uma pãoboleta. As asas são fatias finas de pão com manteiga, o corpo é a casca, e a cabeça é um torrão de açúcar.

– E o que é que ela come?

– Chá fraco com creme.

Uma dificuldade nova surgiu na cabeça de Alice.

– E se ela não conseguisse encontrar nada? – sugeriu ela.

– Então ela morreria, é claro.

– Mas isso deve acontecer com muita frequência – observou Alice pensativa.

– Sempre acontece – disse o Mosquito.

Depois disso, Alice ficou em silêncio por um ou dois minutos, pensando. Enquanto isso, o Mosquito se divertia, zunindo e dando voltas e mais voltas ao redor da cabeça dela. Por fim, ele pousou de novo e observou:

– Imagino que não gostaria de perder seu nome.

– Não, de fato não – disse Alice, com um pouco de ansiedade.

– E, ainda assim, não sei, não – prosseguiu o Mosquito num tom displicente. – Pense em como seria conveniente se pudesse ir para casa sem nome! Por exemplo, se a governanta quisesse chamá-la para estudar, ela diria: “Venha aqui…”, e então teria que parar a frase aí, porque não haveria um nome que ela pudesse chamar, e é claro que você não teria de ir, não é?

– Isso nunca daria certo, tenho certeza – disse Alice. – A governanta nunca

pensaria em me dispensar das lições por causa disso. Se ela não se lembrasse do meu nome, ela me chamaria de “Senhorita!”, como os criados fazem.

– Bem, se ela dissesse “Senhorita” e não dissesse mais nada – observou o Mosquito –, é claro que você perderia as lições. É uma piada. Eu queria que você tivesse feito a piada.

– Por que você queria que eu tivesse feito a piada? – perguntou Alice. – É bastante ruim.

Mas o Mosquito apenas suspirou fundo, enquanto duas grandes lágrimas desciam por suas bochechas.

– Você não deveria fazer piadas – disse Alice –, se é algo que deixa você triste.

Então vieram outros daqueles suspirinhos melancólicos, e desta vez o pobre Mosquito realmente parecia ter suspirado até sumir; pois, quando Alice levantou a cabeça, não havia mais nada sobre o galho. Como ela estava ficando com bastante frio, depois de ficar sentada por tanto tempo, se levantou e saiu andando.

Logo em seguida, Alice chegou a um campo aberto, com um bosque do outro lado. Parecia ser muito mais escuro que o anterior, e Alice se sentiu um pouco receosa de entrar nele. No entanto, por outro lado, decidiu seguir adiante: “pois para trás certamente não quero ir”, pensou, e essa era a única rota para a Oitava Casa.

“Este deve ser o bosque”, disse para si mesma, pensativa, “onde as coisas não têm nomes. O que vai ser do meu nome quando eu entrar? EU não gostaria de perdê-lo… porque teriam que me dar outro, e tenho quase certeza de que seria feio. Por outro lado, seria divertido tentar encontrar a criatura que ficou com meu nome antigo! É assim que falam nos anúncios, sabe, quando as pessoas perdem cachorros… ‘Atende pelo nome de ‘Dash’; usava uma coleira de latão’… Imagine só ficar chamando de ‘Alice’ tudo o que conhece, até que alguma coisa respondesse! Só que, se fossem espertos, não responderiam nada.”

Ela ficou divagando assim que chegou ao bosque; parecia muito fresco e sombrio.

– Ora, de qualquer forma, é um grande alívio – disse Alice, entrando na sombra das árvores –, depois de tanto calor, entrar no… no quê? – seguiu, bastante surpresa por não conseguir se lembrar da palavra. – Quero dizer, ficar agora embaixo dessas… dessas… dessas coisas aqui, sabe! – concluiu, colocando a mão no tronco da árvore. – Como é que ela se chama mesmo? Acredito que não tenha nome… Ora, com certeza não tem!

Ela ficou parada em silêncio, pensativa, por um minuto; então, de repente, começou a falar de novo:

– Então realmente aconteceu, no final das contas! E agora, quem sou eu? Eu vou me lembrar, se puder! Estou determinada a lembrar!

Mas a determinação não ajudou muito, e tudo que ela conseguiu dizer, depois de muito pensar, foi:

– L, eu sei que começa com L!

Nesse momento, uma Corça passou e olhou para Alice com seus grandes olhos gentis, mas não pareceu assustada.

– Vem cá! Vem cá! – disse Alice, estendendo a mão e tentando acariciá-la; mas ela apenas recuou um pouco, para então ficar parada olhando para Alice de novo.

– Como você se chama? – disse a Corça, por fim. Que voz doce e suave ela tinha!

“Eu queria saber!”, pensou a pobre Alice. Ela respondeu com alguma tristeza:

– No momento, nada.

– Pense de novo – disse ela. – Essa resposta não serve.

Alice pensou, mas não saiu nada.

– Por favor, você poderia me dizer como você se chama? – disse ela com timidez. – Acho que poderia ajudar um pouco.

– Vou lhe dizer, se avançar um pouco mais – disse a Corça. – Não posso me lembrar aqui.

Então, caminharam juntas pelo bosque, Alice passando o braço afetuosamente ao redor do pescoço macio da Corça, até chegarem a outro campo aberto, onde a Corça deu um pinote súbito no ar e se soltou dos braços de Alice.

– Sou uma Corça! – gritou numa voz animada. – E, minha nossa, você é uma criança humana!

Uma expressão repentina de alarme tomou seus belos olhos castanhos, e no momento seguinte ela havia disparado para longe com toda velocidade.

Alice ficou parada, olhando-a, quase prestes a chorar com a frustração de ter perdido sua querida parceirinha de viagem, tão do nada.

– No entanto, eu sei meu nome agora – disse a menina. – Já é algum consolo. Alice… Alice… Não me esquecerei de novo. E agora, qual dessas setas devo seguir, me pergunto?

Não era uma pergunta muito difícil de responder, já que havia apenas um caminho atravessando o bosque e as duas setas apontavam para ele.

– Vou resolver isso – disse Alice para si mesma – quando a estrada bifurcar e as placas apontarem para sentidos diferentes.

Mas isso não parecia provável. Ela seguiu e seguiu por um longo caminho; mas onde quer que o caminho se abrisse, lá estavam as duas setas, apontando para a mesma direção. Uma dizia: “Por aqui – CASA DE TWEEDLEDUM”, e a outra: “Por aqui – CASA DE TWEEDLEDEE”.

– Desconfio – disse Alice, por fim – que vivem na mesma casa! Não sei como nunca pensei nisso antes… Mas não posso ficar muito tempo. Vou só bater à porta, dizer: “Como vão?” e perguntar como sair do bosque. Ah, se eu chegasse na Oitava Casa antes de escurecer!

Então, ela seguiu andando e falando sozinha, até que, depois de uma curva fechada, deparou com dois homenzinhos, tão de repente que não pôde evitar um pequeno salto para trás. Mas logo se recuperou, com a certeza de que só poderiam ser…

capítulo 4

Tweedledum e Tweedledee

Os dois estavam parados sob uma árvore, um com o braço ao redor do pescoço do outro, e Alice soube quem era quem no mesmo instante, porque um deles tinha “DUM” bordado na gola, e o outro “DEE”. “Imagino que os dois tenham ‘TWEEDLE’ escrito na parte de trás da gola”, ela disse para si mesma.

Eles estavam tão parados que ela se esqueceu por completo de que estavam vivos; e já ia se espichando para ver se a palavra “TWEEDLE” estava escrita na parte de trás da gola, quando tomou um susto com uma voz que vinha do que estava marcado “DUM”.

– Se acha que somos de cera – disse ele –, deveria pagar, sabe. Bonecos de cera não são feitos para olhar de graça, de jeito nenhum!

– Ao contrário – acrescentou o marcado como “DEE”. – Se acha que estamos vivos, devia falar.

– Com certeza, sinto muito – foi tudo o que Alice conseguiu dizer, pois as palavras da antiga canção ficavam ecoando em sua mente como o tique-taque de um relógio, e foi quase impossível não recitá-las em voz alta:

Tweedledum e Tweedledee

Concordaram em batalhar;

Já que Tweedledum disse que Tweedledee

Insistiu em o chocalho quebrar.

Naquele momento, um corvo monstruoso sombrio

Negro como o petróleo de formiga;

O que tanto assustou fora de seus brios,

Que se esqueceram da briga.

– Sei no que está pensando – disse Tweedledum. – Mas não é verdade, de jeito nenhum.

– Ao contrário – continuou Tweedledee. – Se foi, até poderia ser; e se fosse assim, seria; mas já que não é, não é não. Isso é lógico.

– Estava aqui pensando – disse Alice muito educadamente – qual é o melhor caminho para sair desse bosque; está ficando tão escuro. Poderiam me dizer, por favor?

Mas os dois homenzinhos apenas olharam um para o outro e sorriram.

Eram tão parecidos com um par de colegiais, que Alice não conseguiu segurar o dedo que apontou para Tweedledum, dizendo:

– O Primeiro da Classe!

– De jeito nenhum! – gritou Tweedledum bruscamente, e fechou a boca de novo com um estalo.

– O Segundo! – disse Alice, passando para Tweedledee, apesar de ter certeza de que ele apenas gritaria “Ao contrário!”, e foi o que ele fez.

– Você errou tudo! – gritou Tweedledum. – A primeira coisa numa visita é dizer: “Como é que estão?” e dar um aperto de mão!

E aqui os dois irmãos se abraçaram, e então estenderam as mãos livres para apertar as mãos dela.

Alice não queria apertar a mão de nenhum deles primeiro, com medo de machucar os sentimentos do outro. Então, achou que a melhor maneira de enfrentar aquela dificuldade era apertar as duas mãos ao mesmo tempo. No momento seguinte, estavam os três dançando em círculo. Isso pareceu bastante natural (ela lembrou depois), e ela nem se surpreendeu ao ouvir a música tocar. Parecia vir da árvore sob a qual dançavam, e era produzida (da melhor maneira

que ela entendeu) pelos galhos, que se esfregavam uns nos outros, como rabecas e arcos.

– Mas certamente foi divertido (Alice disse depois, quando contou toda a história para sua irmã) me ver cantando “Ciranda, cirandinha”. Não sei quando comecei, mas de alguma forma senti como se estivesse cantando há muito, mas muito, tempo!

Os outros dois bailarinos eram gordos, e logo ficaram sem ar.

– Quatro voltas é o bastante para uma dança – arquejou Tweedledum, e eles pararam de dançar tão de repente como haviam começado. A música parou no mesmo instante.

Então soltaram as mãos de Alice e ficaram parados olhando para ela por um minuto. Houve uma pausa bastante esquisita, já que Alice não sabia como começar uma conversa com gente com quem acabara de dançar. “Não serve de nada dizer ‘Como é que estão?’ agora”, disse para si mesma. “Parece que, de alguma forma, já passamos desse estágio!”

– Espero que não estejam muito cansados – disse ela, por fim.

– De jeito nenhum. E muito obrigado por perguntar – disse Tweedledum.

– Muitíssimo obrigado! – acrescentou Tweedledee. – Você gosta de poesia?

– S-sim, bastante… alguma poesia – disse Alice, em dúvida. – Vocês saberiam me dizer qual estrada leva para fora do bosque?

– O que recitarei para ela? – perguntou Tweedledee, voltando-se para Tweedledum com grandes olhos solenes e sem notar a pergunta de Alice.

– A morsa e o carpinteiro é a mais longa – respondeu Tweedledum, dando um abraço afetivo no irmão.

Tweedledee começou no mesmo instante:

“O sol brilhava…”

Aqui Alice ousou interrompê-lo.

– Se for muito longa – disse ela, com toda a educação que podia –, será que poderia, por favor, me dizer antes qual das estradas…

Tweedledee sorriu com gentileza, e recomeçou:

O Sol brilhava sobre o mar

Brilhava potente:

Ele sempre fazia seu melhor

Para iluminar tudo com suavidade, decente…

E por ser o meio da noite,

Isso parecia pouco coerente.

A lua brilhava, tristonha,

Porque achava que o Sol

Não tinha nada que estar ali

Depois do dia apagar seu farol…

“É muita grosseria dele”, ela disse,

Roubar a alegria com anzol!

O mar estava molhado, molhado como o mar deve ser,

Os grãos de areia, iguais em secura

Não se via uma nuvem sequer, porque

Não havia nuvens a essa altura;

Nenhum pássaro sobrevoava…

Não havia pássaros na negrura.

A Morsa e o Carpinteiro

Caminhavam lado a lado;

Choravam tristes quando viam

O areal tão lotado:

“Se alguém limpasse essa areia”,

Diziam, “isso ficaria melhorado!”

Se sete criadas com sete vassouras

Limpassem por meio ano,

“Você imagina”, a Morsa disse,

“que limpariam tudo sem dano?”

“Eu duvido”, disse o Carpinteiro

Secando uma lágrima com um abano.

“Ó, Ostras, acompanhem nosso passeio!”

A Morsa fez seu pedido.

“Uma boa caminhada, um bom conversar,

Pela praia, decididos:

Mas apenas quatro a cada volta,

Para ninguém ficar perdido”.

A Ostra mais velha olhou de soslaio

Mas não disse palavra alguma:

A Ostra mais velha piscou os olhos,

Balançando a cabeça pesada na espuma…

Dizia que não deixaria a ostreira,

Por qualquer motivo que presuma.

Mas quatro ostrinhas se apressaram,

Ansiosas pelo presente:

Vestido escovado, rosto lavado,

Os sapatos na moda vigente…

E porque ostras não têm pés,

Isso parecia pouco coerente.

Quatro outras Ostras as seguiram,

E depois outras mais;

E foram chegando em grupo, enfim,

E mais e mais e mais…

Todas saltando por cima das ondas,

E chegando à margem, cada vez mais.

A Morsa e o Carpinteiro

Caminharam uma boa pernada,

E descansaram sobre uma pedra

Convenientemente localizada;

Então as Ostrinhas juntas,

esperaram enfileiradas.

“Pois chegou o momento”, disse a Morsa,

“De falar de temas em grande variedade:

De sapatos… e barcos… e casas…

De repolhos… e reis… e abades…

E por que o mar ferve tão quente…

Ou se porcos com asa tem alguma idade”.

“Mas esperem um momentinho”, gritaram as Ostras,

“Antes da nossa conversa;

Pois algumas viemos na pressa,

Ficamos sem ar por causa dessa!”

“Não se apurem!”, disse o Carpinteiro

Elas lhe agradeceram à beça.

“Mas de um pacote de pão”, a Morsa declarou,

“É o que mais precisamos agora:

Pimenta e vinagre, ainda mais

Calhariam muito a esta hora…

Então, se estão prontas, Ostrinhas, queridas,

Começamos a jantar sem demora”.

“Mas não vão nos devorar!”, gritaram a Ostras,

Empalidecendo um tanto.

“Depois de tanta gentileza, seria

algo que nos levaria ao pranto!”

“É uma noite tão bonita”, a Morsa afirmou

“Estão apreciando a vista?”

“Foram tão gentis em visitar!

E vocês são tão boas!”

O Carpinteiro não disse nada além de

“Será que tem mais broas?

Queria que você me ouvisse melhor…

Você me ignora, fica à toa!”

“É uma pena tamanha”, disse a Morsa,

“Enganar as pobrezinhas desta maneira,

Depois que as fizemos avançar tão longe,

E as forçamos a correr como numa trincheira!”

O Carpinteiro não disse nada, exceto

“Passe-me a manteigueira!”

“Choro por vocês”, disse a Morsa.

“Tenho muita empatia”.

Com soluços e lágrimas, ele separou

As mais graúdas em quantia.

Então, aproximou o lenço de seus olhos

Para a choradeira que explodia.

“Ó, Ostras”, disse o Carpinteiro,

“Que corrida excelente!

Que tal voltarmos para casa?”

Mas apenas o silêncio tomou a frente,

E porque eles as haviam comido todas,

Isso parecia muito coerente.

– Gosto mais da Morsa – disse Alice. – Porque dá para ver que ela sentiu um pouco pelas pobres ostras.

– Mas comeu mais que o Carpinteiro – disse Tweedledee. – Ele obviamente colocou o lenço na frente, para o Carpinteiro não ver o quanto ele pegava. Pelo contrário!

– Que maldade! – disse Alice, indignada. – Então gosto mais do Carpinteiro… se ele comeu menos que a Morsa.

– Mas ele comeu todas que conseguiu – disse Tweedledum.

Esse era um quebra-cabeças. Depois de uma pausa, Alice começou:

– Ora! Os dois eram figuras muito desagradáveis…

Nesse momento, Alice se calou com um pouco de apreensão, ao ouvir algo que lhe pareceu como o resfolegar de um grande motor a vapor no bosque, perto deles, apesar de temer que se parecesse mais com um animal selvagem.

– Tem algum leão ou tigre por aqui? – perguntou ela com timidez.

– É apenas o ronco do Rei Vermelho – respondeu Tweedledee.

– Venha ver! – gritaram os irmãos, e cada um pegou uma das mãos de Alice e a guiou até onde o Rei estava dormindo.

– Não é uma gracinha de se olhar? – perguntou Tweedledum.

Honestamente, Alice não podia dizer que era. Ele usava uma touca de dormir comprida, vermelha e com um pompom na ponta. Estava encolhido, deitado numa espécie de pilha bagunçada, e roncando alto… “esse ronco arranca a cabeça dele!”, como Tweedledum observou.

– Temo que ele vá pegar uma gripe deitado na grama úmida – disse Alice, que era uma garotinha muito precavida.

– Ele está sonhando agora – disse Tweedledee. – E com o que você acha que ele está sonhando?

Alice disse:

– Ninguém pode adivinhar isso.

– Ora, com você! – exclamou Tweedledee, batendo as mãos em triunfo. – E se

ele parasse de sonhar com você, onde acha que você estaria?

– Onde estou agora, é claro – respondeu Alice.

– Errado! – respondeu Tweedledee com desdém. – Você não estaria em lugar nenhum. Ora, você só é qualquer tipo de coisa no sonho dele!

– Se aquele Rei ali acordasse – acrescentou Tweedledum –, você apagaria… bang!… que nem uma vela!

– Não apagaria nada! – exclamou Alice com indignação. – Além disso, se eu sou apenas uma coisa qualquer no sonho dele, o que vocês são? Eu gostaria de saber!

– Idem – disse Tweedledum.

– Idem, ibidem – gritou Tweedledee.

E gritou tão alto que Alice não pôde deixar de dizer:

– Xiu! Vai acordar o Rei, temo eu, se fizer tanto barulho.

– Bom, não serve de nada você falar em acordar ele – disse Tweedledum –, quando você só existe no sonho dele. Você sabe muito bem que não é real.

– Eu sou real! – disse Alice e começou a chorar.

– Chorar não vai te transformar em nadinha mais real – observou Tweedledee. – Não tem motivo nenhum para chorar.

– Se eu não sou real – disse Alice, em parte rindo através das lágrimas, pois tudo parecia tão ridículo –, eu não deveria conseguir chorar.

– Espero que não imagine que essas lágrimas são… reais?! – interrompeu Tweedledum num tom de grande desdém.

“Sei que estão falando bobagens”, pensou Alice. “E é uma tolice chorar por causa disso.” Então ela secou as lágrimas e continuou com o máximo de animação que conseguia.

– De qualquer forma, é melhor eu sair do bosque, pois de fato está escurecendo muito. Acham que vai chover?

Tweedledum abriu um grande guarda-chuva acima de si e de seu irmão, e olhou para cima, dizendo:

– Não, acho que não. Pelo menos… não embaixo daqui. De jeito nenhum.

– Mas pode chover aqui fora?

– Pode ser… se a chuva assim quiser – disse Tweedledee. – Nós não fazemos objeção. Pelo contrário.

“Coisas egoístas!”, pensou Alice, e estava prestes a dizer “Boa noite” e os deixar quando Tweedledum saltou de debaixo do guarda-chuva e a segurou pelo pulso.

– Está vendo aquilo? – perguntou ele, numa voz engasgada de paixão, e seus olhos ficaram grandes e amarelos no mesmo instante, enquanto apontava com um dedo trêmulo uma coisinha branca caída sob a árvore.

– É só um chocalho – disse Alice, depois de examinar com cuidado a coisinha branca. – E não está na ponta de nenhuma cascavel, sabe – acrescentou rapidamente, pensando que ele poderia ter medo. – É só um chocalho qualquer… bem antigo e quebrado.

– Eu sabia que era! – gritou Tweedledum, começando a bater o pé no chão ferozmente e arrancando os cabelos. – Está estragado, é claro!

Nesse momento, ele olhou para Tweedledee, que imediatamente se sentou no chão e tentou se esconder debaixo do guarda-chuva.

Alice pousou a mão em seu braço e disse com um tom apaziguador:

– Você não precisa ficar tão bravo com um chocalho velho.

– Mas não é velho! – gritou Tweedledum, mais fusioso do que antes. – É novo, estou falando… comprei ontem, meu CHOCALHO novinho, lindo! – e sua voz subiu a ponto de um guincho verdadeiro.

Esse tempo todo, Tweedledee estava tentando, do melhor jeito que podia, fechar o guarda-chuva consigo mesmo dentro; era um feito tão extraordinário que desviou a atenção de Alice do irmão raivoso. Mas ele não teve sucesso, e acabou caindo no chão, empacotado no guarda-chuva, com apenas os olhos para fora. E ali ele ficou, abrindo e fechando a boca e seus grandes olhos…

“Parece mais com um peixe do que qualquer outra coisa”, pensou Alice.

– Naturalmente, você concorda com uma batalha? – disse Tweedledum num tom mais calmo.

– Imagino que sim – respondeu o outro amuado, enquanto rastejava para fora do guarda-chuva. – Só que ela tem de nos ajudar com os trajes, sabe.

Então, os dois irmãos partiram de mãos dadas pelo bosque e voltaram um minuto depois com os braços cheios de coisas… como travesseiros, cobertores, tapetes, toalhas de mesa, abafadores e baldes de carvão.

– Espero que tenha uma boa mão para alfinetar e amarrar? – observou Tweedledum. – Preciso usar cada uma dessas coisas, de um jeito ou de outro.

Mais tarde, Alice diria que nunca havia visto tanta confusão por nada em toda a sua vida… Do jeito que aqueles dois faziam alvoroço… e a quantidade de coisas que puseram sobre si mesmos… e a trabalheira que deram para ela amarrando nós e apertando botões… “Quando ficarem prontos, de verdade, vão parecer mais uma pilha de roupa velha do que qualquer outra coisa!”, disse para si mesma, enquanto enroscava uma almofada roliça ao redor do pescoço de Tweedledee, “para evitar que cortassem a cabeça dele”, como ele havia dito.

– Sabe – acrescentou ele com muita seriedade –, é uma das coisas mais sérias que pode acontecer a alguém numa batalha… cortarem sua cabeça.

Alice deu uma gargalhada alta, mas conseguiu transformá-la numa tosse, por medo de ferir os sentimentos dele.

– Estou muito pálido? – perguntou Tweedledum, aproximando-se para que ela amarrasse o elmo. (Ele chamava aquilo de elmo, apesar de certamente parecer muito mais uma caçarola.)

– Bem… está… um pouco – respondeu Alice gentilmente.

– Normalmente, sou muito corajoso – continuou ele, em voz baixa – Acontece que hoje estou com enxaqueca.

– E eu tenho uma dor de dente! – disse Tweedledee, que entreouvira a observação. – Estou muito pior que você!

– Então é melhor não duelarem hoje – disse Alice, pensando que seria uma boa oportunidade de fazer as pazes.

– Nós temos que brigar um pouquinho, mas não me importo se durar muito – falou Tweedledum. – Que horas são agora?

Tweedledee olhou para o relógio e respondeu:

– Quatro e meia.

– Vamos lutar até as seis, e depois jantamos – disse Tweedledum.

– Muito bem – respondeu o outro, com alguma tristeza. – E ela pode nos assistir… mas é melhor não se aproximar muito – acrescentou. – Normalmente, acerto tudo que enxergo… quando me empolgo muito.

– E eu acerto tudo ao meu redor – gritou Tweedledum –, quer consiga ver, quer não!

Alice riu.

– Você deve acertar árvores com alguma frequência, eu imagino – disse ela.

Tweedledum olhou ao redor com um sorriso satisfeito.

– Não penso que – disse ele – sobrará uma árvore em pé, por todo esse trecho, quando eu terminar!

– E tudo por causa de um chocalho! – disse Alice, ainda esperando deixá-los com um pouco de vergonha por brigar por tamanha insignificância.

– Eu não teria me importado tanto – disse Tweedledum –, se não fosse novinho.

“Queria que o corvo gigante chegasse!”, pensou Alice.

– Tem apenas uma espada, sabe – disse Tweedledum para o irmão. – Mas pode ficar com o guarda-chuva… é tão afiado quanto ela. Só que precisamos começar logo. Está escurecendo a olhos vistos.

– E a olhos não vistos – completou Tweedledee.

Estava escurecendo tão de súbito que Alice achava que poderia haver uma tempestade se aproximando.

– Como é escura esta nuvem! – disse ela. – E como avança rápido! Ora, acredito que tenha asas!

– É o corvo! – gritou Tweedledum numa voz estridente de alarme; e os dois irmãos deram meia-volta e sumiram de vista num instante.

Alice correu um pouco bosque adentro e parou sob uma grande árvore. “Ele nunca vai me alcançar aqui”, pensou ela. “Ele é grande demais para se espremer no meio das árvores. Mas eu queria que não batesse tanto as asas… cria um furacão e tanto no bosque… Olha, ali vai o xale de alguém voando!”

capítulo 5

Lã e Água

Alice pegou o xale enquanto falava e olhou ao redor, procurando o dono. No momento seguinte, a Rainha Branca apareceu correndo freneticamente pelo bosque, com os dois braços estendidos, como se estivesse voando; e Alice, muito polidamente, correu ao encontro dela com o xale.

– Que sorte eu tive no caminho – disse Alice, ajudando-a a colocar o xale de volta.

A Rainha Branca apenas a olhou de uma forma desamparada e assustada, repetindo algo sussurrante para si mesma, algo parecido com “pão com manteiga, pão com manteiga”; e Alice sentiu que, se era para haver qualquer conversa, ela teria de tomar a iniciativa. Então, começou com muita timidez:

– Estou me dirigindo à Rainha Branca?

– Ora, sim, se você chama isso de “se dirigir” – disse a Rainha. – Não é o que eu entendo que seja, de forma alguma.

Alice pensou que não adiantaria ter uma discussão logo no início da conversa, então apenas sorriu e disse:

– Se Vossa Majestade tiver a bondade de me dizer qual é a forma correta de começar, eu o farei da melhor maneira.

– Mas não quero que faça, em absoluto! – resmungou a pobre Rainha. – Estou tentando me aprontar há duas horas.

Teria sido muito melhor, pareceu a Alice, se ela tivesse trazido alguém para aprontá-la, já que estava terrivelmente desalinhada. “Todos os adereços estão tortos”, pensou Alice, “e ela está coberta de alfinetes!…”

– Posso endireitar seu xale para você? – acrescentou em voz alta.

– Não sei o que tem de errado com ele! – disse a Rainha, num tom melancólico. – Está de mau humor, eu acho. Eu pus um broche aqui e ali, mas nada o agrada!

– Ele não tem como ficar direito, sabe, se prender apenas de um lado – disse Alice, enquanto o ajeitava gentilmente para ela. – E, oh, céus, o estado em que está seu cabelo!

– A escova se prendeu nos nós! – falou a Ranha com um suspiro. – E perdi o pente ontem.

Com cuidado, Alice soltou a escova e fez o melhor que pôde para colocar o cabelo em ordem.

– Ora, você está muito melhor agora! – ela disse, depois de alterar a maioria dos alfinetes. – Mas, de fato, você precisa de uma criada!

– Tenho certeza de que aceitaria você com prazer! – disse a Rainha. – Dois pences por semana, e uma geleia dia sim, dia não.

Alice não conseguiu conter a gargalhada ao responder:

– Não quero que me contrate… e não gosto tanto de geleia.

– É uma geleia muito boa – observou a Rainha.

– Bem, eu não quero nenhuma hoje, de qualquer forma.

– Você não arrumaria nem se de fato quisesse – disse a Rainha. – A regra é: geleia amanhã e geleia ontem… mas nunca geleia hoje.

– Em algum momento tem que ser o dia da “geleia hoje” – objetou Alice.

– Não, não tem – disse a Rainha. – É geleia no dia sim, no dia de ontem sim, dia não, no dia de hoje não. Hoje não é ontem, sabe.

– Eu não entendo você – comentou Alice. – É pavorosamente confuso!

– É um dos efeitos de viver às avessas – disse a Rainha com gentileza. – Sempre nos deixa um pouco tontos de início…

– Viver às avessas! – repetiu Alice com grande surpresa. – Nunca ouvi uma coisa dessas!

– …mas tem uma grande vantagem nisso, que é a memória funcionando nos dois sentidos.

– Tenho certeza de que a minha só funciona em um sentido – observou Alice. – Não consigo me lembrar das coisas antes que aconteçam.

– Que memória ruim é essa, que só funciona para trás? – observou a Rainha.

– De que tipo de coisa você se lembra melhor? – Alice ousou perguntar.

– Oh, coisas que aconteceram na semana depois da próxima – respondeu a Rainha num tom descompromissado. – Por exemplo, agora – ela continuou, enrolando uma atadura imensa ao redor do dedo enquanto falava –, tem o Mensageiro do Rei. Ele está na prisão, sendo punido; e o julgamento não começa até quarta-feira que vem. E é claro que o crime é a última coisa de que me lembro.

– E se ele nunca cometer um crime? – perguntou Alice.

– Então melhor ainda, não? – disse a Rainha, prendendo a atadura ao redor do dedo com um pedacinho de fita.

Alice sentiu que não havia como negar isso.

– É claro que seria melhor ainda – ela disse. – Mas não seria melhor ainda se ele fosse punido.

– Você está errada aí de qualquer forma – disse a Rainha. – Você já foi punida?

– Só por umas travessuras – respondeu Alice.

– E você se saiu ainda melhor, eu sei! – disse a Rainha em triunfo.

– Sim, mas eu tinha feito as coisas pelas quais fui punida – disse Alice. – Isso faz toda a diferença.

– Mas, se não tivesse feito – disse a Rainha –, isso teria sido ainda melhor; melhor e melhor e melhor! – A voz dela ficava mais alta a cada “melhor” até enfim chegar a um guincho.

Alice estava justo começando a dizer: “Tem um erro em algum lugar…” quando a Rainha começou a gritar tão alto que Alice precisou deixar a frase por

terminar.

– Ai, ai, ai! – gritou a Rainha, sacudindo as mãos como se quisesse que se desgrudassem do pulso. – Meu dedo está sangrando! Ai, ai, ai, ai!

Seus gritos eram tão exatamente iguais ao apito de uma locomotiva, que Alice precisou colocar as duas mãos por cima das orelhas.

– Qual é o problema? – perguntou, assim que teve a oportunidade de se fazer ouvir. – Furou o dedo?

– Eu não furei ainda – disse a Rainha –, mas logo vou furar… ai, ai, ai!

– Quando imagina que vá furar? – perguntou Alice, sentindo uma grande inclinação para rir.

– Quando prender meu xale de novo – gemeu a pobre Rainha. – O broche vai se abrir loguinho. Ai, ai! – E, ao dizer as palavras, o broche saiu voando aberto e a Rainha o agarrou desvairadamente, tentando fechar de novo.

– Cuidado! – gritou Alice. – Está segurando todo torto!

E ela capturou o broche. Mas era tarde demais; o alfinete escorregara e a Rainha perfurou o dedo.

– Isso explica o sangramento, está vendo? – disse para Alice com um sorriso. – Agora você entende o jeito que as coisas acontecem aqui.

– Mas por que não grita agora? – perguntou Alice, com as mãos prontas para tapar as orelhas.

– Ora, eu já gritei tudo que precisava – disse a Rainha. – Para que gritar tudo de novo?

A essa altura, o céu começava a clarear.

– O corvo deve ter ido embora, eu acho – disse Alice. – Que alívio que ele foi embora. Achei que era a noite chegando.

– Quisera eu sentir alívio! – disse a Rainha. – Só que nunca me lembro da regra. Você deve ser muito feliz, morando nesse bosque, ficando contente sempre que quiser.

– Mas é tão solitário aqui! – disse Alice num tom melancólico. E com o pensamento de sua solidão, duas lágrimas grandes começaram a descer por suas bochechas.

– Oh, não fique assim! – gritou a pobre Rainha, torcendo as mãos em desespero. – Pense na grande garota que você é. Pense em quanto avançou hoje. Pense em que horas são. Pense em qualquer coisa, só não chore!

Alice não conseguiu conter o riso ao ouvir isso, mesmo em meio às lágrimas.

– Você consegue ficar sem chorar quando pensa em outras coisas? – ela perguntou.

– É assim que se faz – disse a Rainha, muito decidida. – Ninguém consegue fazer duas coisas ao mesmo tempo, sabe. Vamos pensar primeiro na sua idade… quantos anos você tem?

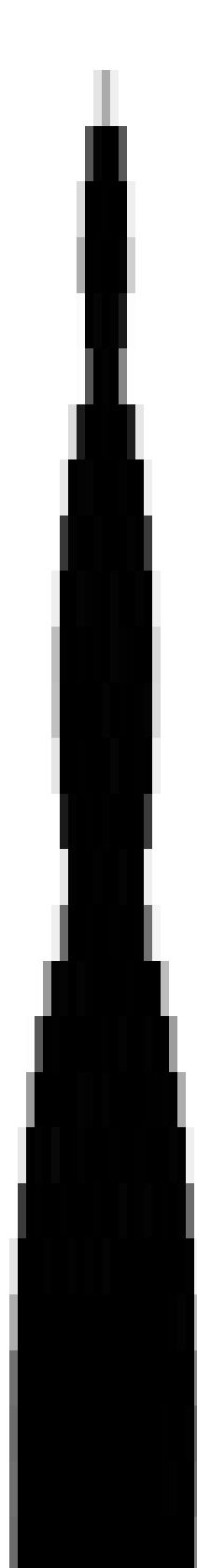
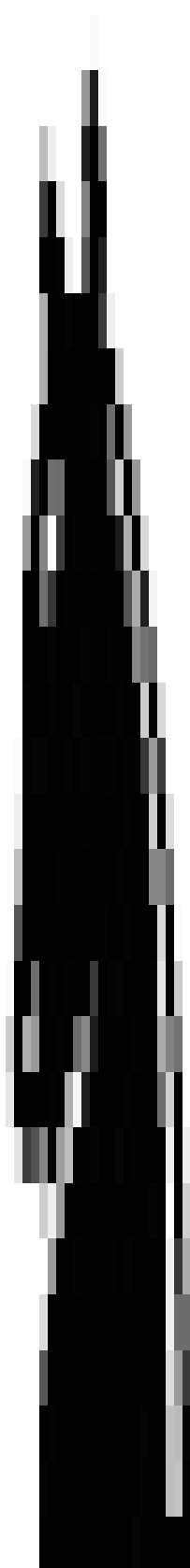
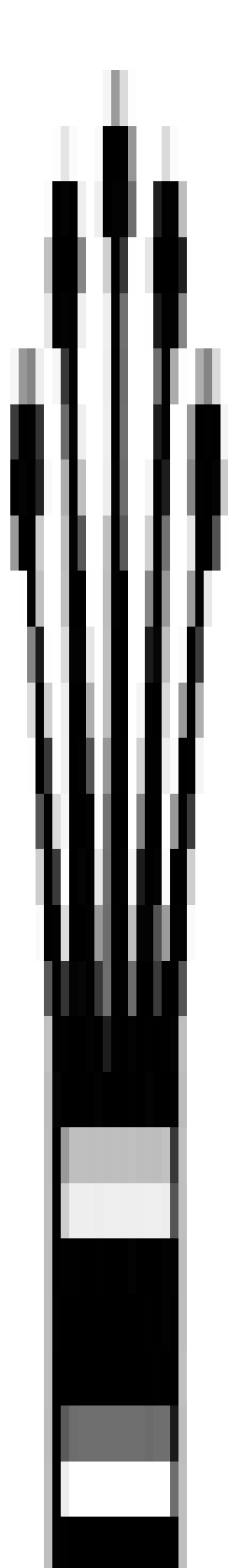
– Tenho, exatamente, sete anos e meio.

– Não precisava dizer “exatamente” – observou a Rainha. – Eu consigo acreditar sem esse detalhe. Agora, eu vou lhe dar algo em que acreditar. Eu só tenho cento e um anos, cinco meses e um dia.

– Eu não consigo acreditar nisso! – disse Alice.

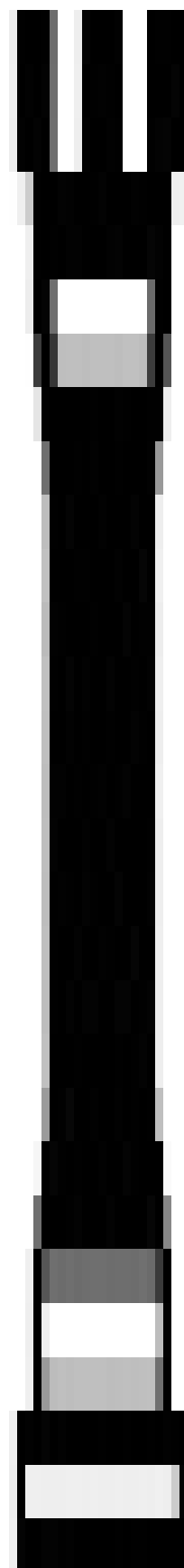
– Não consegue? – perguntou a Rainha num tom de pena. – Tente de novo: inspire fundo e feche os olhos.

Alice riu.

– Não adianta tentar – disse. – Não se pode acreditar em coisas impossíveis.

– Ouso dizer que você não praticou muito – disse a Rainha. – Quando eu tinha a sua idade, eu sempre treinava meia hora por dia. Ora, tinha dias em que eu tinha acreditado em mais de seis coisas impossíveis antes do café da manhã. Lá se vai o xale de novo!

O broche havia se aberto enquanto ela falava, e uma lufada súbita de vento levou o xale da Rainha para a outra margem do riacho. A Rainha estendeu os braços novamente, e saiu voando atrás dele, mas desta vez ela conseguiu pegá-lo sozinha.

– Peguei! – gritou num tom triunfal. – Agora você me verá fechar de novo, sozinha!

– Então imagino que seu dedo esteja melhor agora? – disse Alice com muita educação, enquanto cruzava o riachinho atrás da Rainha.

– Ah, muito melhor! – gritou a Rainha, sua voz subindo a um guincho enquanto seguia. – Muito me-lhor! Me-elhor! Me-e-e-elhor! Me-e-ehh! – a última palavra acabou num balido longo, tão parecido com uma ovelha que Alice se assustou de fato.

Ela olhou para a Rainha, que parecia de repente ter se envolvido em lã. Alice esfregou os olhos e olhou de novo. Não conseguia entender o que havia acontecido, de jeito nenhum. Ela estava numa loja? E aquilo era mesmo… era mesmo uma ovelha sentada do outro lado do balcão? Por mais que esfregasse os olhos, ela não entendia mais do que antes. Estava numa lojinha escura, com os cotovelos apoiados no balcão, e na frente dela havia uma Ovelha velha, sentada numa poltrona, tricotando; e de vez em quando ela parava para olhar Alice através de um grande par de óculos.

– O que quer comprar? – perguntou a Ovelha, por fim, erguendo os olhos do tricô por um momento.

– Eu não sei bem ainda – disse Alice, muito educadamente. – Gostaria de dar uma olhadinha em tudo ao meu redor primeiro, se puder.

– Pode olhar à sua frente e para os dois lados, se quiser – disse a Ovelha. – Mas não pode olhar para tudo ao redor de você… a menos que tenha olhos na nuca.

Mas isso, casualmente, Alice não tinha. Então ela se contentou em dar uma volta na loja, olhando para as estantes enquanto se aproximava.

A loja parecia estar lotada de todo o tipo de coisas curiosas… mas a parte mais

esquisita de tudo era que, sempre que ela olhava muito para uma estante, para definir bem o que estava ali, aquela estante em particular estava sempre muito vazia, embora as outras ao redor seguissem tão lotadas quanto aguentavam.

– As coisas aqui saem escapulindo! – disse ela, por fim, num tom queixoso, depois de ter passado cerca de um ou dois minutos perseguindo em vão uma grande coisa brilhante, que às vezes parecia ser uma boneca e às vezes uma caixa de costura, e estava sempre na prateleira acima da que ela estava olhando. – E esta é a mais provocativa de todas… mas vou lhe dizer… – acrescentou, quando um pensamento súbito a atingiu –, vou persegui-la até a prateleira mais alta de todas. Vai ficar numa sinuca de bico quando chegar no teto, imagino!

Mas até mesmo esse plano fracassou. A “coisa” atravessou o teto com toda a tranquilidade, como se estivesse bastante acostumada.

– Você é uma criança ou um pião? – perguntou a Ovelha, pegando outro par de agulhas. – Vou ficar tonta daqui a pouco, se continuar girando desse jeito.

Ela agora trabalhava com catorze pares de agulhas ao mesmo tempo, e Alice não conseguia tirar os olhos dela com imensa surpresa.

“Como consegue tricotar com tantas?”, se perguntou, confusa. “Ela pega mais e mais, como um porco-espinho, a cada minuto!”

– Sabe remar? – perguntou a Ovelha, estendendo-lhe um par de agulhas de tricô.

– Sim, um pouco… mas não na terra… e não com agulhas… – Alice estava começando a dizer, quando de repente as agulhas se transformaram em remos em suas mãos, e ela se percebeu em um barquinho, deslizando por entre ribanceiras. Então ela só podia fazer o seu melhor.

– Nivelar! – gritou a Ovelha, pegando outro par de agulhas.

Essa observação não pareceu carecer de resposta; então Alice não disse nada e seguiu remando. Havia algo muito estranho na água, ela pensou, pois volta e meia os remos emperravam e mal saíam para a superfície.

– Nivelar! Nivelar! – gritou de novo a Ovelha, pegando mais agulhas. – Vai acabar enforcando o remo desse jeito.

“Enforcar o quê?”, pensou Alice. “Que maldade.”

– Não me ouviu dizer “nivelar”? – gritou a Ovelha com raiva, pegando um punhado de agulhas.

– De fato, ouvi – disse Alice. – Você disse isso várias vezes… e bem alto! Mas o que foi que você queria enforcar?

– Não queria enforcar os remos, é claro! – disse a Ovelha, enfiando algumas das agulhas no cabelo, já que as mãos estavam cheias. – Nivelar, mandei!

– Por que fica falando tanto “nivelar”? – perguntou Alice, por fim, bastante irritada. – Não estou desequilibrada!

– Está, sim – disse a Ovelha. – Você é uma patinha tonta.

Isso ofendeu um pouco Alice, então a conversa parou por um minuto ou dois, enquanto o barco ia deslizando com suavidade, às vezes entre ilhas de algas (que faziam os remos prenderem bastante na água, mais do que nunca), às vezes sob árvores, mas sempre com as mesmas ribanceiras pairando sobre suas cabeças.

– Oh, por favor! Tem uns juncos perfumados! – gritou Alice, subitamente transportada em deleite. – Tem mesmo… e são tão bonitos!

– Não precisa me dizer “por favor” por causa deles – disse a Ovelha, sem erguer a cabeça do tricô. – Não fui eu quem plantou, e nem vou ser eu quem vai tirar.

– Não, mas eu quis dizer… Por favor, podemos esperar e colher alguns? – implorou Alice. – Se não se importar em parar o barco por um instante.

– Como é que eu vou parar o barco? – disse a Ovelha. – Se você parar de remar, vai parar sozinho.

Então deixou o barco vagar pela corrente, em seu próprio ritmo, enquanto deslizou com gentileza por entre as ondulações serpenteadas. E então as manguinhas foram levantadas com cuidado, e os bracinhos foram mergulhados até os cotovelos para conseguir os juncos bem a fundo antes de quebrá-los… E,

por algum tempo, Alice se esqueceu totalmente da Ovelha e do tricô, enquanto se dobrava por cima do barco, com apenas as pontinhas do cabelo embaraçado tocando a água… enquanto com olhos brilhantes e ansiosos ela ia colhendo um punhado depois do outro dos juncos com perfume encantador.

“Só espero que o barco não vire!”, disse para si mesma. “Ah, que lindo é aquele! Uma pena que não alcanço.” “E com certeza pareceu, sim, um pouco provocador (‘quase como se de propósito’, ela pensou) que, apesar de conseguir muitos dos lindos juncos conforme o barco ia deslizando, sempre havia um mais bonito fora do alcance.

– Os mais bonitos estão sempre mais longe! – disse ela, enfim, suspirando para a obstinação dos juncos que cresciam tão longe, enquanto, com bochechas coradas e mãos e cabelos pingando, ela tentava voltar para o seu lugar e começou a ordenar seus tesouros recém-arranjados.

O que lhe importava naquele momento que os juncos tivessem começado a desbotar e perder todo o perfume e beleza, a partir do momento que ela os havia colhido? Até mesmo os juncos perfumados reais duram muito pouco tempo… E estes, por serem juncos de sonho, derretiam quase como neve, repousando em feixes aos seus pés… Mas Alice mal notava isso: havia muitas outras coisas curiosas para se pensar.

Não haviam avançado muito além quando a pá de um dos remos ficou presa na água e não saía de jeito nenhum (foi assim que Alice explicou mais tarde), e a consequência foi que o punho dele a acertou no queixo; e, apesar de uma série de gritinhos de “Ai, ai, ai!” da pobre Alice, a derrubou do assento e para dentro de um monte de juncos.

No entanto ela não se feriu, e logo estava em pé de novo; a Ovelha prosseguira

com seu tricô o tempo todo, como se nada tivesse acontecido.

– Que enforcada deu no remo agora! – observou ela, enquanto Alice se ajeitava de volta no lugar, muito aliviada por ainda estar no barco.

– Enforquei? Eu não vi – disse Alice, espiando com cuidado pela lateral do barco para a água escura. – Não queria ter enforcado ninguém… Foi absolutamente sem intenção!

Mas a Ovelha apenas riu com desdém e seguiu tricotando.

– Tem muitos remos enforcados nessa região? – perguntou Alice.

– Remos enforcados, e todo tipo de coisa – disse a Ovelha. – Tem muito que escolher, é só decidir. Agora, o que você quer comprar?

– Comprar! – ecoou Alice num tom que estava em parte surpreso e em parte com medo… Porque os remos e o barco e o rio, tudo havia desaparecido num instante, e ela estava de volta à lojinha escura.

– Eu gostaria de comprar um ovo, por favor – disse ela com timidez. – Como você os vende?

– Cinco pences por um… Dois pences por dois – respondeu a Ovelha.

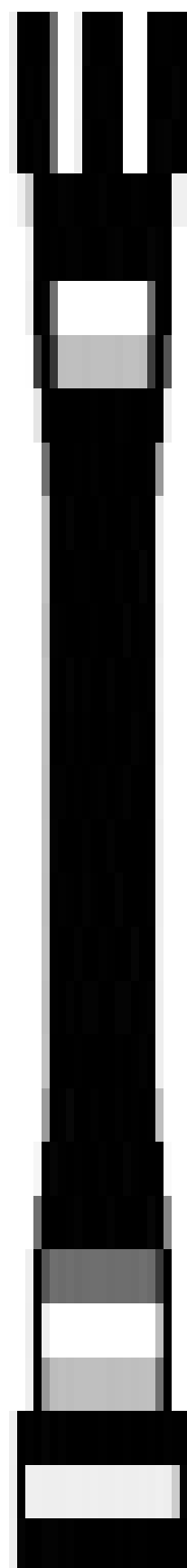
– Então dois são mais baratos que um? – perguntou Alice num tom surpreso, sacando a bolsinha.

– Mas você deve comer os dois, se comprar os dois – disse a Ovelha.

– Então vou comprar um, por favor – disse Alice, colocando o dinheiro no balcão. Afinal, ela pensou consigo mesma: “Pode ser que um esteja podre, sabe”.

A Ovelha pegou o dinheiro e o guardou numa caixa. Então, ela disse:

– Nunca ponho coisas nas mãos dos outros… Nunca serviria… Você tem que ir pegar sozinha. – E, ao dizer isso, avançou para o outro lado da loja e pousou o ovo em pé numa prateleira.

“Eu me pergunto por que não serviria?”, pensou Alice, enquanto tateava para se mover por entre as mesas e cadeiras, pois a loja estava muito escura no fundo. “O ovo parece se afastar a cada passo que dou na direção dele. Deixe-me ver, isso aqui é uma cadeira? Ora, mas tem galhos, posso garantir! Que coisa esquisitíssima encontrar árvores crescendo aqui! E, na verdade, aqui tem uma nascente! Bem, esta é a loja mais esquisita que já vi!”

Assim ela seguiu, vagando mais e mais a cada passo, enquanto cada ponto a que chegava se transformava em árvore, e ela tinha certeza de que o mesmo aconteceria com o ovo.

capítulo 6

Humpty Dumpty

No entanto, o ovo foi ficando cada vez maior e mais humano. Quando já estava a apenas poucos metros dele, Alice viu que ele tinha olhos, nariz e boca. E quando chegou ainda mais perto dele, viu com clareza que era o próprio HUMPTY DUMPTY. “Não pode ser outra pessoa!”, disse para si mesma. “Tenho certeza, como se o nome estivesse escrito em toda a sua cara.”

E o nome poderia estar escrito uma centena de vezes, com facilidade, naquela cara enorme. Humpty Dumpty estava sentado de pernas cruzadas, como um turco, no topo de um muro alto… Um muro tão estreito que Alice se perguntou como ele conseguia se equilibrar… E, como seus olhos estavam fixamente direcionados para o outro lado, e ele não prestava a mínima atenção à presença dela, a menina pensou que, afinal de contas, ele deveria ser um almofadinha arrogante.

– Parece um ovo, sem tirar nem pôr! – disse ela em voz alta, parada com as mãos prontas para capturá-lo, pois esperava que ele caísse a qualquer momento.

– É muito irritante – disse Humpty Dumpty depois de um longuíssimo silêncio, olhando para além de Alice enquanto falava – ser chamado de ovo… Muito!

– Eu disse que parecia um ovo, senhor – explicou Alice com gentileza. – E alguns ovos são bonitos, sabe – acrescentou, esperando transformar o comentário numa espécie de elogio.

– Tem gente – disse Humpty Dumpty, sem olhar para ela, como de costume – que tem menos juízo que um bebê!

Alice não sabia o que responder. Aquilo não parecia, de forma alguma, uma conversa, ela pensou, já que ele nunca falava com ela. Na verdade, sua última observação havia sido evidentemente dirigida a uma árvore… Assim, ela ficou em silêncio e repetiu suavemente para si mesma:

Humpty Dumpty num muro sentou:

Humpty Dumpty dali estabacou.

Nem o rei, nem seus cavaleiros

Conseguiram devolver Humpty Dumpty ao poleiro.

– A última frase é longa demais para poesia – acrescentou ela, quase em voz alta, esquecendo-se de que Humpty Dumpty a ouviria.

– Não fique aí conversando fiado consigo mesma desse jeito – disse Humpty Dumpty, olhando para ela pela primeira vez –, mas me diga seu nome e o que quer.

– Meu nome é Alice, mas…

– É um nome tolo o suficiente! – interrompeu Humpty Dumpty sem paciência. – O que significa?

– Um nome precisa ter significado? – Alice perguntou em dúvida.

– É claro que precisa – disse Humpty Dumpty com uma risada curta. – Meu nome significa o formato que tenho… aliás, um belo formato portentoso. Com um nome como o seu, você quase poderia ser de qualquer formato.

– Por que está sentado aqui sozinho? – perguntou Alice, sem querer começar uma discussão.

– Ora, porque não tem ninguém comigo! – gritou Humpty Dumpty. – Pensou que não teria resposta para essa pergunta? Faça outra.

– Não acha que estaria mais seguro no chão? – continuou Alice, não com a intenção de propor outro enigma, mas apenas movida por sua empatia benévola por aquela criatura esquisita. – Esse muro é muito estreito!

– Mas que enigmas tremendamente fáceis você faz! – resmungou Humpty Dumpty. – É claro que não penso isso! Ora, se eu um dia de fato caísse… o que não tem a menor chance… mas se eu caísse… – nesse momento, ele apertou os lábios e pareceu tão solene e grandioso que Alice mal conseguia segurar o riso. – Se eu de fato caísse – ele continuou –, o Rei me prometeu… com sua própria

palavra… que… que…

– Mandaria todos os seus cavaleiros e homens – interrompeu Alice, de forma pouco sábia.

– Agora, digo que é horrível! – gritou Humpty Dumpty, quebrando a cara de raiva. – Você andou ouvindo atrás das portas… e atrás das árvores… e descendo chaminés… ou não teria como saber disso!

– Não andei, juro! – disse Alice educadamente. – Está em um livro.

– Ah, bem! Podem escrever coisas assim em um livro – disse Humpty Dumpty num tom mais calmo. – É o que vocês chamam de História da Inglaterra, é isso. Agora, olhe bem para mim! Sou alguém que falou com um Rei, eu sou; quiçá você nunca mais veja outro. E para lhe mostrar como não sou arrogante, você pode apertar minha mão! – e ele sorriu quase de uma orelha a outra, conforme se inclinava para a frente (e por pouco não caiu do muro ao fazê-lo), e ofereceu sua mão à Alice.

Ela o observou com um pouco de ansiedade ao tomá-la. “Se ele sorrir muito mais, os cantos da boca vão se encontrar na nuca”, pensou ela. “E então não sei o que aconteceria com a cabeça dele! Temo que saltaria para fora!”

– Sim, nem mesmo o rei, nem seus cavaleiros – continuou Humpty Dumpty. – Eles me recolheriam de novo em um minuto, levantariam, sim! No entanto, esta conversa está avançando um pouco rápido demais. Vamos voltar para a sua penúltima observação.

– Temo que não me lembro bem – disse Alice de forma polida.

– Nesse caso, começamos de novo – disse Humpty Dumpty –, e é minha vez de escolher um assunto… (“Ele fala disso como se fosse um jogo!”, pensou Alice.) Então aqui tem uma pergunta para você. Que idade você disse que tinha?

Alice fez um cálculo curto e disse:

– Sete anos e seis meses.

– Errado! – exclamou Humpty Dumpty em triunfo. – Você nunca disse tais palavras!

– Achei que quis dizer “Que idade você tem?” – explicou Alice.

– Se eu quisesse dizer isso, teria dito isso – disse Humpty Dumpty.

Alice não quis começar outra discussão, então não disse nada.

– Sete anos e seis meses! – repetiu Humpty Dumpty pensativo. – Um tipo de idade desconfortável. Agora, se pedisse o meu conselho, eu teria dito “Pare ali em sete”… mas já é tarde demais.

– Nunca peço conselhos sobre crescer – disse Alice com indignação.

– Orgulhosa demais? – ele perguntou.

Alice se sentiu ainda mais indignada com a sugestão.

– Quero dizer – ela disse – que uma pessoa não pode evitar crescer.

– Uma pessoa não, talvez – disse Humpty Dumpty –, mas duas podem. Com a assistência correta, poderia ter parado com sete.

– Que lindo o cinto que está usando! – observou Alice de repente. (Eles já tinham falado o suficiente sobre idade, ela pensou; e, se eles realmente iam alternar entre quem escolhia o tema, era a vez dela agora.) – Ao menos – ela se corrigiu pensando melhor –, uma bela gravata, eu teria dito… Não, um cinto, quero dizer… Peço perdão! – acrescentou em desespero, pois Humpty Dumpty parecia verdadeiramente ofendido, e ela começou a desejar não ter escolhido aquele tema.

“Se apenas eu soubesse”, pensou, “que parte é o pescoço e que parte é a cintura!”

Era evidente que Humpty Dumpty estava muito bravo, apesar de não dizer nada por um ou dois minutos. Quando de fato falou de novo, foi um rosnado gutural.

– É uma coisa… das mais… irritantes… – disse ele, por fim – quando uma pessoa não sabe a diferença entre gravata e cinto!

– Sei que é muito ignorante da minha parte – disse Alice, em um tom tão humilde que Humpty Dumpty cedeu.

– É uma gravata, criança, e das mais lindas, como você apontou. É um presente do Rei e da Rainha Brancos. O que acha disso?

– É mesmo? – perguntou Alice, bastante contente em descobrir que de fato havia escolhido um bom assunto, afinal de contas.

– Eles me deram – continuou Humpty Dumpty pensativo, cruzando um joelho por cima do outro e descansando as mãos em cima –, eles me deram… por um desaniversário.

– Perdão? – falou Alice com um ar confuso.

– Não estou ofendido – disse Humpty Dumpty.

– Quero dizer, o que é um presente de desaniversário?

– Um presente dado quando não é seu aniversário, é claro.

Alice considerou um pouco.

– Gosto mais de presentes de aniversário – ela disse, por fim.

– Você não sabe do que está falando! – gritou Humpty Dumpty. – Quantos dias tem um ano?

– Trezentos e sessenta e cinco – disse Alice.

– E quantos aniversários você tem?

– Um.

– E se você tirar um de trezentos e sessenta e cinco, quanto sobra?

– Trezentos e sessenta e quatro, é claro.

Humpty Dumpty olhou em dúvida.

– Eu preferia ver a conta no papel – disse ele.

Alice não conseguiu conter um sorriso ao sacar seu caderno de notas e armou a conta para ele:

$$365 \quad -1 \quad 364$$

Humpty Dumpty pegou a caderneta e olhou com cuidado.

– Parece estar certo… – ele começou.

– Está segurando de ponta-cabeça! – interrompeu Alice.

– Com certeza, estava! – disse Humpty Dumpty com alegria, enquanto ela o endireitava. – Já ia dizer que parecia estranho. Como eu dizia, parece estar certo… Mas eu não tenho tempo de examinar a fundo nesse momento… E isso mostra que há trezentos e sessenta e quatro dias em que você pode ganhar presentes de desaniversário…

– Certamente – disse Alice.

– E apenas um para presentes de aniversário, vê? Eis sua glória!

– Não sei o que quer dizer com “glória” – disse Alice.

Humpty Dumpty sorriu, desdenhoso.

– É claro que não… até eu lhe contar. Quis dizer “eis aí um argumento infalível para você!”.

– Mas “glória” não significa “um argumento infalível” – objetou Alice.

– Quando eu uso uma palavra – disse Humpty Dumpty em um tom bastante altivo –, ela significa exatamente o que eu quero que ela signifique… nem mais nem menos.

– A pergunta é – disse Alice – se você pode fazer as palavras terem tantos significados.

– A pergunta é – disse Humpty Dumpty – quem é que manda… só isso.

Alice estava confusa demais para dizer algo, então, depois de um minuto, Humpty Dumpty recomeçou:

– Têm personalidade própria, algumas delas… Em especial verbos, são os mais orgulhosos… Com os adjetivos você pode fazer o que quiser, mas não com os verbos… No entanto, eu posso manejar a manada toda! Impenetrabilidade! É isso que eu digo!

– Poderia me dizer, por favor – disse Alice –, o que isso quer dizer?

– Agora está falando como uma criança sensata – disse Humpty Dumpty, parecendo muito contente. – Com “impenetrabilidade”, quis dizer que já exploramos demais esse tema, e seria muito bom se você contasse o que fará depois, já que imagino que não quer ficar parada aqui o resto da vida.

– Esse é um significado e tanto para uma palavra só – disse Alice em tom pensativo.

– Quando eu faço uma palavra trabalhar tanto assim – disse Humpty Dumpty –, sempre pago uma gorjeta.

– Oh! – disse Alice. Ela estava confusa demais para fazer qualquer outra observação.

– Ah, você deveria ver as palavras, vindo visitar num sábado à noite – seguiu Humpty Dumpty, balançando a cabeça de um lado para o outro com gravidade. – Para receber os salários, sabe. (Alice não ousou perguntar como ele lhes pagava; então, veja, eu não posso lhe dizer.)

– Você parece muito inteligente explicando palavras, senhor – disse Alice. – Você saberia me explicar o sentido do poema chamado “Jaguadarte”?

– Vamos ouvi-lo – disse Humpty Dumpty. – Posso explicar todos os poemas que foram escritos… e muitos dos que não foram inventados ainda.

Isso pareceu muito promissor, então Alice repetiu o primeiro verso:

Era briluz, e as touvas agistutas

rolgyravam e relviam no pastilvo:

Muito agisáveis iam as borbileros,

E os porverdidos estriguilivos.

– Isso basta para começarmos – interrompeu Humpty Dumpty. – Há palavras difíceis o suficiente aí. “Briluz” quer dizer quatro da tarde… o horário em que começa a acender as velas, para o brilho da luz das chamas.

– Muito bem – disse Alice. – E “agistuta”?

– Ora, “agistuta” quer dizer “ágil e astuta”. “Ágil” é igual a “ativo”. Veja, é como uma palavra-valise… tem mais de um sentido numa palavra só.

– Entendi agora – observou Alice pensativa. – E o que são “touvas”?

– Bem, “touvas” são parecidas com toupeiras… são meio como mariposas… e lembram um saca-rolhas.

– Devem ser criaturas com uma aparência bastante curiosa.

– De fato, são – disse Humpty Dumpty. – E elas também montam ninhos sob

relógios de sol… e se alimentam de queijo.

– E o que significa “rolgyrar” e “relvar”?

– “Rolgyrar” é rolar, dando voltas e voltas como um giroscópio. “Relvar” é criar buracos na grama como uma verruma.

– E “pastilvo” são os canteiros de grama sob um relógio de sol, imagino? – disse Alice, surpresa com sua própria sagacidade.

– É claro que é. Chamam de “pastilvo”, sabe, porque os gafanhotos ao redor soltam longos silvos…

– Escondidos no meio do pasto – acrescentou Alice.

– Precisamente. Bem, então, “agisáveis” é “agitado e miserável” (aqui outra palavra-valise para você). E “borbilero” é um passarinho magricela com as penas espetadas para tudo quanto é lado… parecido com um esfregão vivo.

– E os “porverdidos”? – perguntou Alice. – Temo estar incomodando-o terrivelmente.

– Bem, “verdido” é uma raça de porcos verdes, mas o “por” não tenho certeza. Acho que é algum termo sobre a origem, sobre “por onde vieram”… Talvez signifique que tenham perdido o caminho de casa, sabe.

– E o que significa “estriguilivos”?

– Bem, “estriguilivar” fica entre um berro e um assobio, com um tipo de espirro no meio. No entanto, vai ouvir quando alguém fizer esse som, talvez… mais para dentro do bosque, talvez… E, quando o ouvir, ficará bastante contente. Quem andou repetindo todas essas palavras para você?

– Eu li em um livro – disse Alice. – Mas andaram me recitando poesia, muito mais fácil do que essa, aliás, escrita por… Tweedledee, eu acho.

– Quanto à poesia, saiba que – disse Humpty Dumpty, abrindo uma de suas grandes mãos – eu posso recitar tão bem quanto qualquer pessoa, se for preciso…

– Oh, mas não é preciso! – disse Alice apressadamente, esperando evitar que ele começasse.

– Este poema que vou recitar – prosseguiu ele, sem ouvir o que ela tinha falado – foi escrito totalmente para seu entretenimento.

Alice sentiu que, neste caso, ela realmente deveria ouvi-lo, então se sentou e disse, com bastante tristeza:

– Obrigada.

No inverno, quando a neve é branca como leite,

Canto esta cantiga para seu deleite…

– Mas eu não canto – ele acrescentou a título de explicação.

– Vejo que não – disse Alice.

– Se você pode ver se estou cantando ou não, você tem olhos melhores que a maioria das pessoas – observou Humpty Dumpty com severidade.

Alice ficou em silêncio.

Quando tudo floresce, na primavera,

Tentarei explicar o sentido que quisera.

– Muito obrigada – disse Alice.

No verão, quando os dias se aumentam,

É quando os sentidos da canção se notam.

No outono, com as folhas a escurecer

Anote com pena e tinta, para não esquecer.

– Anotarei, se me lembrar até lá – disse Alice.

– Não precisa fazer comentários desse tipo – falou Humpty Dumpty. – Não são sensatos e me distraem.

Mandei uma mensagem aos pescados:

Eu lhes disse: “Meu desejo está neste tratado”.

Os peixinhos do mar

Uma resposta quiseram mandar.

A resposta dos peixinhos foi

“Não podemos prosseguir, pois…”

– Temo que não esteja entendendo bem – disse Alice.

– Fica mais fácil depois – respondeu Humpty Dumpty.

Mandei-lhes uma mensagem para dizer:

“Seria melhor obedecer”.

Os peixes responderam com um sorriso,

“Ora, que ódio sem siso!”

Avisei uma, avisei outra vez:

Não quiseram meu conselho nem vezes três.

Peguei uma nova e grande chaleira,

Para minha missão sem besteira.

Meu coração bateu, meu coração estalou;

Enchi a chaleira, mas não vazou.

Então alguém veio me sussurrar:

“Os peixinhos estão a dormitar”.

Eu respondi, respondi com clareza:

“Então deve acordar todos, com certeza”.

Respondi em voz de trovão;

Fui gritar longe do chão.

Humpty Dumpty levantou a voz quase a um grito ao repetir este verso, e Alice pensou, estremecendo: “Eu não teria enviado mensagem alguma a ele!”.

Mas ele era muito orgulhoso e sisudo;

E disse: “Não precisa gritar isso tudo!”

E era tão sisudo e orgulhoso que disse:

“Eu os acordaria, se…”

Tirei um saca-rolha da estante:

Fui acordá-los o quanto antes.

Quando fui, a porta estava trancada,

Empurrei e puxei e chutei e dei pancada.

Descobri que a porta estava trancada sem mais,

Quando fui virar a maçaneta, mas…

Houve uma longa pausa.

– Acabou? – perguntou Alice com timidez.

– Acabou – disse Humpty Dumpty. – Adeus.

Alice achou aquilo bastante repentino; mas, depois de uma insinuação tão forte de que ela deveria ir embora dali, sentia que mal-educado seria ficar. Então, ela se levantou e estendeu a mão:

– Adeus, até nos vermos de novo! – disse com o máximo de alegria que podia.

– Eu não a reconheceria de novo se nós de fato nos encontrássemos – respondeu Humpty Dumpty num tom infeliz, estendendo a ela um de seus dedos para o aperto de mão. – Você é tão exatamente igual às outras pessoas…

– O rosto é o que ajuda, normalmente – observou Alice com um tom pensativo.

– É justamente disso que reclamo – disse Humpty Dumpty. – Seu rosto é igual ao de todo mundo… os dois olhos, tão (marcando os lugares no ar com o dedão) … nariz no meio, boca embaixo. É sempre igual. Agora, se você tivesse os dois olhos no mesmo lado do nariz, por exemplo… ou a boca em cima… Isso seria de alguma ajuda.

– Não ficaria bem – objetou Alice.

Mas Humpty Dumpty apenas fechou os olhos e disse:

– Espere até tentar.

Alice esperou um minuto para ver se ele falaria de novo; mas, como ele não mais abriu os olhos ou prestou atenção nela, ela disse “Adeus!” mais uma vez e, não obtendo resposta, caminhou para longe silenciosamente. Porém, não conseguiu conter o comentário para si mesma ao sair: “De todas as pessoas insatisfatórias…” (ela repetia isso em voz alta, já que era um grande conforto ter uma palavra tão grande para pronunciar):

– De todas as pessoas insatisfatórias que já conheci…

Ela nunca terminou a frase, pois neste momento um estrondo pesado chacoalhou o bosque de uma ponta a outra.

capítulo 7

O Leão e o Unicórnio

No momento seguinte, soldados vieram correndo pelo bosque; primeiro em pares ou trios, e depois em grupos de dez ou vinte, juntos, e, por fim, em bandos tão grandes que pareciam encher a floresta inteira. Alice se escondeu atrás de uma árvore, com medo de ser atropelada, e ficou só observando.

Ela pensou que, em toda a sua vida, nunca tinha visto soldados tão trôpegos: estavam sempre tropeçando em alguma coisa ou outra; e, sempre que um caía, vários outros caíam por cima dele, de forma que logo o chão estava lotado de pilhas de homens.

Então vieram os cavalos. Com quatro patas, eles se saíam um pouco melhor que os soldados a pé, mas até mesmo eles tropeçavam vez por outra. E parecia ser uma regra que, sempre que um cavalo tropeçava, o cavaleiro caía instantaneamente. A confusão ficava pior a cada momento, e Alice ficou muito contente por sair do bosque para um lugar aberto, onde encontrou o Rei Branco sentado no chão, atarefadamente escrevendo em seu caderno de anotações.

– Eu mandei todos eles! – gritou o Rei num tom de deleite, ao ver Alice. – Por acaso encontrou qualquer soldado, minha querida, enquanto vinha pela floresta?

– Sim, encontrei – respondeu Alice. Milhares deles, eu diria.

– Quatro mil duzentos e sete, esse é o número exato – disse o Rei, conferindo seu livro. – Não pude mandar todos os cavalos, sabe, porque dois deles são necessários no jogo. E também não mandei os dois Mensageiros. Foram ambos para a cidade. Espie a Estrada e me diga se consegue ver algum deles.

– Ninguém está vindo pela estrada – disse Alice.

– Como eu queria ter olhos assim – falou o Rei, num tom irritado. – Ser capaz de ver Ninguém! E a essa distância! Ora, o máximo que eu consigo fazer é ver gente de verdade, com esta luz!

Alice não ouviu nada disso, pois ainda olhava atentamente a estrada, fazendo sombra nos olhos com uma das mãos.

– Vejo alguém agora! – ela exclamou, por fim. – Mas está vindo bem devagar… e que coisas curiosas está fazendo! (Pois o mensageiro saltitava e se retorcia como uma enguia, enquanto avançava, com suas grandes mãos abertas como leques, uma de cada lado.)

– De forma alguma – disse o Rei. – Ele é um mensageiro anglo-saxão… e essas são atitudes anglo-saxãs. Ele só as exibe quando está contente. Ele se chama Haigha. (A pronúncia rimou com a palavra mayor, em inglês.)

– Conhece aquele joguinho? Eu amo meu nome com H – Alice não se conteve e começou – porque ele é harmonioso. Eu o odeio com H, porque é horroroso. Eu o alimento com… com… hambúrgueres e hortaliças. Ele se chama Haigha, e ele mora…

– Ele mora na hospedaria – observou o Rei simplesmente, sem a menor ideia de que estava se juntando ao jogo, enquanto Alice ainda hesitava com o nome de uma cidade que começasse com H. – O outro mensageiro se chama Hatta. Eu preciso de dois, sabe… para ir e vir. Um para ir e outro para voltar.

– Perdão? – disse Alice.

– Não tem o que perdoar – disse o Rei.

– Apenas quis dizer que não entendi – explicou Alice. – Por que um para ir e outro para voltar?

– Não lhe falei? – repetiu o Rei sem paciência. – Eu preciso de dois… para trazer e levar. Um para trazer e um para levar.

Nesse instante, chegou o mensageiro. Ele estava realmente sem fôlego para dizer uma palavra que fosse, e apenas conseguia acenar os braços e fazer as caretas mais apavorantes para o pobre Rei.

– Esta mocinha aqui o ama com H – disse o Rei, apresentando Alice, na esperança de tirar a atenção do mensageiro de si mesmo… Mas não adiantou muito… As atitudes anglo-saxãs apenas ficavam mais extraordinárias a cada instante, enquanto os olhos imensos rolavam de um lado para o outro vividamente.

– Está me alarmando! – disse o Rei. – Acho que vou desmaiar… Traga um hambúrguer!

A que o Mensageiro, para o grande deleite de Alice, abriu uma bolsa pendurada ao redor do pescoço e passou um hambúrguer para o Rei, que o devorou sofregamente.

– Mais um hambúrguer! – ordenou o Rei.

– Não há nada além de hortaliças agora – disse o Mensageiro, espiando a bolsa.

– Hortaliças, então – murmurou o Rei num sussurro débil.

Alice se animou em ver que aquilo o reanimara bastante.

– Nada igual a hortaliças quando se está prestes a desmaiar – ele observou, enquanto mastigava.

– Eu diria que jogar água gelada seria melhor – sugeriu Alice. – Ou sais.

– Eu não disse que nada era melhor – respondeu o Rei. – Eu disse que não tinha nada igual.

E Alice não ousou discutir isso.

– Por quem passou na estrada? – continuou o Rei, estendendo a mão para o Mensageiro, esperando mais hortaliças.

– Ninguém – respondeu o Mensageiro.

– Muito bem – disse o Rei. – Esta mocinha o viu também. Nesse caso, Ninguém caminha mais devagar que você.

– Faço meu melhor – disse o Mensageiro num tom aborrecido. – Tenho certeza de que Ninguém anda muito mais rápido que eu!

– Ele não pode fazer isso – disse o Rei –, ou teria chegado aqui antes. No entanto, agora que recuperou o fôlego, pode nos contar o que houve na cidade.

– Vou sussurrar – disse o Mensageiro, aproximando as mãos da boca, em formato de concha, e inclinando-se o mais perto possível da orelha do Rei.

Alice ficou sentida com isso, pois também queria ouvir as notícias. No entanto, ao invés de sussurrar, ele simplesmente gritou a toda voz:

– Eles começaram de novo!

– Chama isso de sussurro? – gritou o pobre Rei, saltando em pé e se chacoalhando. – Se fizer isso de novo, vou mandar amanteigá-lo! Atravessou minha cabeça como um terremoto!

“Teria que ser um terremoto muito pequeno!”, pensou Alice.

– Quem começou de novo? – ela ousou perguntar.

– Ora, o Leão e o Unicórnio, é claro – disse o Rei.

– Brigando pela coroa?

– Sim, certamente – respondeu o Rei. – E a melhor parte da piada é que durante todo esse tempo a coroa é minha! Vamos correr para vê-los.

E eles saíram trotando, Alice repetindo consigo mesma, correndo junto, a letra de uma velha canção:

“O Leão e o Unicórnio brigavam pela coroa tanto:

O Leão venceu o Unicórnio pela cidade, os quatro cantos.

Alguns lhes deram pão preto, alguns lhes deram pão branco:

Outros deram bolo de passas e tocaram tambores para seu espanto."

– E… aquele que… ganhar… fica com a coroa? – ela perguntou, da melhor forma que pôde, pois a corrida a estava deixando bastante sem fôlego.

– Oh, céus, não! – disse o Rei. – Que ideia maluca!

– Vocês poderiam… fazer a gentileza… – arfou Alice, depois de correr um pouco mais – me darem um minuto… só para… recuperar o fôlego?

– Eu faço muitas gentilezas – disse o Rei –, mas não tenho forças para te dar um minuto. Veja, um minuto passa tão assustadoramente rápido. Seria o mesmo que tentar pegar um Capturandam!

Alice não tinha mais ar para falar, então marcharam em silêncio, até avistarem uma grande multidão, no meio da qual o Leão e o Unicórnio brigavam. Criavam tamanha nuvem de poeira que, de início, Alice não conseguia desvendar quem era quem. Mas ela logo conseguiu distinguir o Unicórnio pelo chifre.

Eles se posicionaram perto de onde Hatta, o outro mensageiro, estivera observando a luta, com uma xícara de chá em uma mão e uma fatia de pão com manteiga na outra.

– Ele acabou de sair da prisão, e não havia terminado o chá quando foi preso – sussurrou Haigha para Alice. – E lá dentro eles só dão conchas de ostras…

Então, veja, ele está com muita fome e sede. Como vai você, meu bom amigo? – prosseguiu, passando o braço ao redor do pescoço de Hatta com afeto.

Hatta olhou ao redor, assentiu com a cabeça e continuou a comer seu pão com manteiga.

– Você foi feliz na cadeia, meu amigo? – perguntou Haigha.

Hatta olhou ao redor novamente e, desta vez, uma ou duas lágrimas escorreram pela sua bochecha, mas ele não disse uma palavra sequer.

– Fale, vamos! – gritou Haigha sem paciência. Mas Hatta apenas seguiu mastigando e bebeu um pouco mais de chá.

– Fale, vamos! – gritou o Rei. – Como é que está a luta?

Hatta fez um esforço desesperado e engoliu um pedaço grande de pão com manteiga.

– Eles estão se saindo muito bem – disse ele numa voz engasgada. – Cada um deles caiu cerca de oitenta e sete vezes.

– Então suponho que logo trarão o pão branco e o preto? – Alice ousou observar.

– Está esperando por eles agora mesmo – disse Hatta. – É um pedaço dele que estou comendo.

Houve uma pausa na luta naquele instante, e o Leão e o Unicórnio se sentaram, arfando, enquanto o Rei gritou:

– Dez minutos para a merenda!

Haigha e Hatta se puseram ao trabalho imediatamente, carregando bandejas redondas de pão branco e preto. Alice pegou um pedaço para provar, mas estava muito seco.

– Não acho que vão lutar mais hoje – disse o Rei a Hatta. – Mande começar os tambores.

E Hatta se foi, como um gafanhoto. Por um ou dois minutos, Alice ficou em silêncio, observando-o. De repente, ela se iluminou.

– Olhe, olhe! – gritou, anotando ansiosamente. – Lá vai a Rainha Branca, correndo pelo campo! Ela veio voando daquele bosque… Como essas Rainhas voam rápido!

– Há um inimigo atrás dela, sem dúvida – disse o Rei, sem sequer olhar o ambiente. – Aquele bosque está cheio deles.

– Mas você não vai correr para ajudar? – perguntou Alice, muito surpresa que ele concluísse aquilo com tanta calma.

– Não adianta, não adianta! – disse o Rei. – Ela corre assustadoramente rápido. Seria o mesmo que tentar pegar um Capturandam! Mas vou fazer uma observação sobre ela, se quiser… Ela é uma pessoa boa e gentil – e repetiu suavemente para si, ao abrir o bloco de notas. – "Pessoa" se escreve com dois "s" ou "ç"?

Nesse momento, o Unicórnio passou vagando por eles, com as mãos nos bolsos.

– Levei a melhor desta vez? – disse ele ao Rei, dirigindo-lhe o olhar ao passar.

– Um pouco… um pouco – respondeu o Rei, com alguma ansiedade. – Não deveria atravessá-lo com o chifre daquela maneira, você sabe disso.

– Ele não se machucou – disse o Unicórnio negligentemente, e estava prestes a continuar quando seus olhos pousaram em Alice. Ele se virou quase no mesmo instante e ficou parado por algum tempo olhando para ela com um ar de profunda aversão.

– O que… é… isto? – disse, por fim.

– Isto é uma criança! – respondeu Haigha animado, parando na frente de Alice para apresentá-la e estendendo as duas mãos bem abertas para ela, numa atitude anglo-saxã. – Nós a encontramos hoje. Ela tem tamanho real em escala, e

duplamente mais natural!

– Sempre pensei que eram criaturas fabulosas! – disse o Unicórnio. – Está viva?

– Ela até fala! – disse Haigha com solenidade.

O Unicórnio olhou sonhadoramente para Alice e disse:

– Fale, criança.

Alice não conseguiu conter a curva que se formava em seus lábios em forma de sorriso ao dizer:

– Sabe, eu sempre imaginei que Unicórnios eram criaturas fabulosas também! Nunca tinha visto um vivo antes!

– Ora, agora que nós nos vimos – disse o Unicórnio –, se você acreditar em mim, eu acreditarei em você. Temos um acordo?

– Temos, se lhe agrada – respondeu Alice.

– Vamos, mande logo o bolo de passas, velhote! – prosseguiu o Unicórnio, virando dela para o Rei. – Não me venha com pão preto!

– Com certeza… com certeza! – murmurou o Rei e convocou Haigha. – Abra a sacola! – sussurrou. – Rápido! Não essa… está cheia de hortaliças!

Hagha sacou um grande bolo da sacola e o deu para Alice segurar, enquanto ele sacava um prato e uma faca. Como tudo aquilo saiu da sacola, Alice não fazia ideia. Era igualzinho a um truque de mágica, ela pensou.

O Leão havia se juntado a eles enquanto isso acontecia; ele parecia muito cansado e sonolento, e seus olhos estavam semicerrados.

– O que é isso? – ele disse, piscando lentamente para Alice e falando num tom profundo e vazio que parecia ser o badalar de um grande sino.

– Ah, o que é isso, afinal? – gritou o Unicórnio com animação. – Você nunca vai conseguir adivinhar! Eu não consegui.

O Leão olhou para Alice com enfado.

– Você é um animal… vegetal… ou mineral? – perguntou, bocejando a cada palavra.

– É uma criatura fabulosa! – gritou o Unicórnio, antes que Alice pudesse responder.

– Então passe o bolo de passas, Criatura – disse o Leão, deitando-se e descansando o queixo nas patas. – E sentem-se, os dois (para o Rei e o Unicórnio). Jogo limpo com o bolo, façam o favor!

Era evidente que o Rei estava desconfortável em ter de se sentar entre aqueles grandes animais, mas não havia outro lugar para ele.

– Que luta poderíamos ter pela coroa agora! – disse o Unicórnio, olhando dissimuladamente para a coroa, a qual, de tanto que o Rei tremia, beirava cair de sua cabeça.

– Eu ganharia com facilidade – disse o Leão.

– Pois eu não tenho tanta certeza – falou o Unicórnio.

– Ora, eu te venci nos quatro cantos da cidade, frangote! – respondeu o Leão furioso, em parte se levantando ao falar.

Nesse momento, o Rei interrompeu, para impedir que o embate seguisse. Ele estava muito nervoso, e sua voz tremia bastante.

– Nos quatro cantos da cidade? – perguntou. – São muitos cantos. Vocês passaram pela ponte velha, ou o mercado central? A melhor vista é da ponte velha.

– Não faço a menor ideia – rosnou o Leão, deitando-se de novo. – Havia poeira demais para ver qualquer coisa! Mas como demora essa Criatura para cortar o bolo!

Alice se sentara à margem de um pequeno riacho, com o grande prato sobre os joelhos, e estava serrando muito diligentemente com a faca.

– Isso é muito irritante! – disse ela em resposta ao Leão (ela estava se acostumando bem a ser chamada de “a Criatura”). – Já cortei diversas fatias, mas elas sempre se juntam de volta!

– Você não sabe lidar com bolos do Espelho – observou o Unicórnio. – Primeiro sirva o bolo, depois o corte.

Isso parecia bobagem, mas Alice se levantou de forma obediente, passando a bandeja; e o bolo se dividiu em três pedaços quando ela fez isso.

– Agora corte o bolo – disse o Leão, e ela voltou para o lugar com uma bandeja vazia.

– Ora, não foi justo! – gritou o Unicórnio, enquanto Alice se sentava com a faca na mão, bastante confusa. – A Criatura serviu o dobro para o Leão do que para mim!

– Ela não ficou com nada para si, de qualquer forma – disse o Leão. – Você gosta de bolo de passas, Criatura?

Mas, antes que Alice pudesse responder, os tambores começaram.

Ela não conseguia definir de onde vinha aquele barulho. O ar parecia cheio dele, e ecoava cada vez mais fundo em sua cabeça até ela se sentir ensurdecida. Ela saltou em pé com medo e deu um pulo, aterrorizada, por cima do pequeno riacho, e mal teve tempo de ver o Leão e o Unicórnio se levantarem, com olhares raivosos por terem sido interrompidos em seus banquetes, antes de cair de joelhos e colocar as mãos por cima das orelhas, tentando, em vão, silenciar a barulheira pavorosa.

“Se esse ‘toque de tambor’ não os ‘tocar’ para fora da cidade”, ela pensou, “nada nunca vai!”

capítulo 8

"É uma invenção minha"

Depois de um tempo, o ruído pareceu ir desaparecendo de forma gradual, até tudo se tornar silêncio total. Alice ergueu a cabeça, um pouco assustada. Não havia ninguém para ver, e seu primeiro pensamento era que ela deveria ter sonhado com o Leão, o Unicórnio e aqueles Mensageiros anglo-saxões. No entanto, a imensa bandeja na qual ela havia tentado cortar o bolo de passas ainda estava a seus pés.

"Então eu não estava sonhando, afinal de contas", disse para si mesma, "a não ser que… a não ser que todos sejamos parte do mesmo sonho. Mas espero que seja o meu sonho, e não o do Rei Vermelho! Não gosto de fazer parte do sonho de outra pessoa", continuou num tom bastante queixoso. "Tenho uma vontade enorme de ir acordá-lo, para ver o que acontece!"

Nesse momento, seus pensamentos foram interrompidos por uma gritaria alta de "Olá! Olá! Xeque!", e um Cavaleiro vestido de armadura carmesim, galopando até ela, brandindo uma grande clava. Assim que chegou até ela, o cavalo parou de repente:

– Você é minha prisioneira! – gritou o Cavaleiro, enquanto caía do cavalo.

Por mais assustada que estivesse, Alice tinha mais medo por ele do que por si mesma naquele momento, e ansiosamente o observou montar de novo. Assim que ele estava ajeitado confortavelmente na sela, recomeçou:

– Você é minha…

Entretanto, foi interrompido por outra voz:

– Olá! Olá! Xeque!

Alice olhou ao redor, com alguma surpresa, para ver quem era o novo inimigo.

Dessa vez, era um Cavaleiro Branco. Ele parou ao lado de Alice e caiu do cavalo, assim como o Cavaleiro Vermelho fizera. Então subiu de novo, e os dois Cavaleiros ficaram sentados olhando um para o outro por algum tempo, sem falar nada. Alice olhava para um e outro, um pouco atordoada.

– Ela é minha prisioneira, você sabe disso! – disse, por fim, o Cavaleiro Vermelho.

– Sim, mas então eu vim e a resgatei! – respondeu o Cavaleiro Branco.

– Ora, devemos lutar por ela, então – disse o Cavaleiro Vermelho, pegando seu elmo (que estava pendurado na sela, e tinha uma forma que lembrava a cabeça de um cavalo) e o colocando.

– Você respeitará as Regras de Batalha, não é? – observou o Cavaleiro Branco,

também colocando seu elmo.

– Sempre respeito – disse o Cavaleiro Vermelho.

E começaram a se atacar com tal fúria que Alice se escondeu atrás de uma árvore, para ficar fora do caminho dos golpes.

“Agora, eu me pergunto quais são as Regras de Batalha”, ela disse para si mesma enquanto observava o embate, espiando timidamente de seu esconderijo. “Uma das Regras parece ser que, se um cavaleiro atinge o outro, ele o derruba do cavalo; e, se ele erra, ele próprio cai… E outra Regra parece ser que os dois devem segurar as clavas debaixo dos braços, como se fossem marionetes… Que barulheira fazem quando caem! Como se todos os atiçadores de lareira caíssem juntos no guarda-fogo! E como são silenciosos os seus cavalos! Deixam montar e desmontar como se fossem mesas!”

Outra Regra de Batalha, que Alice não havia notado, parecia ser que os Cavaleiros deveriam cair sempre de cabeça; e a batalha terminou com ambos caindo dessa forma, um ao lado do outro. Quando se levantaram novamente, apertaram as mãos e então o Cavaleiro Vermelho montou e partiu a galope.

– Foi uma vitória gloriosa, não foi? – disse o Cavaleiro Branco ao se aproximar, arquejando.

– Não sei – disse Alice, em dúvida. – Não quero ser a prisioneira de ninguém. Quero ser uma Rainha.

– E assim será, depois de cruzar o próximo riacho – disse o Cavaleiro Branco. – Vou acompanhá-la em segurança até o final do bosque… E depois preciso retornar, sabe. Esse é o fim do movimento que posso fazer.

– Muito obrigada – disse Alice. – Posso ajudá-lo com seu elmo?

Era evidente que ele não conseguiria tirá-lo sozinho; no entanto, por fim, ela conseguiu livrá-lo do apetrecho.

– Agora posso respirar mais facilmente – disse o Cavaleiro, usando as duas mãos para jogar seu cabelo desgrenhado para trás, e virando seu rosto gentil e seus olhos grandes e meigos para Alice. Ela julgou nunca ter visto um soldado com ares tão estranhos em toda a sua vida.

Ele vestia uma armadura de lata, que lhe caía muito mal, e tinha uma caixinha de formato esquisito presa entre os ombros, de cabeça para baixo e com a tampa aberta. Alice olhou para ela com grande curiosidade.

– Vejo que admira minha caixinha – disse o Cavaleiro em tom amistoso. – É invenção minha… para guardar roupas e sanduíches. Veja, eu a levo de cabeça para baixo, para a chuva não entrar.

– Mas as coisas podem sair – observou Alice com gentileza. – Você sabia que a tampa está aberta?

– Não sabia – disse o Cavaleiro, um ar de vergonha cruzando seu rosto. – Então

todas as coisas devem ter caído! E de nada serve a caixa sem as coisas. – ele a desprendeu enquanto falava e estava prestes a lançá-la numa moita; quando um pensamento repentino pareceu lhe ocorrer, e ele a pendurou com cuidado numa árvore. – Sabe por que fiz isso? – disse ele para Alice.

Ela negou com a cabeça.

– Com a esperança de que algumas abelhas façam um ninho dentro… então eu conseguiria o mel delas.

– Mas você já tem uma colmeia… ou algo parecido… pendurado na sela – disse Alice.

– Sim, é uma colmeia muito boa – disse o Cavaleiro num tom descontente –, uma das melhores do seu tipo. Mas nem uma única abelha chegou perto dela ainda. E aquilo ao lado é uma ratoeira. Imagino que os ratos afugentam as abelhas… ou as abelhas afugentam os ratos, não sei qual dos dois.

– Eu estava me perguntando para que servia a ratoeira – disse Alice. – Não era muito provável que houvesse ratos no lombo do cavalo.

– Talvez não seja muito provável – falou o Cavaleiro. – Mas, se eles de fato surgirem, eu não quero que estejam correndo por todas as partes.

– Veja – ele continuou, depois de pausar –, é melhor estar preparado para tudo. É por esse motivo que o cavalo tem todos esses grilhões nas patas.

– Mas para que servem? – perguntou Alice com grande curiosidade.

– Para proteger contra as mordidas de tubarões – respondeu o Cavaleiro. – É uma invenção minha. E agora me ajude a montar. Acompanharei você até o final do bosque… Para que serve esta bandeja?

– É para um bolo de passas – disse Alice.

– É melhor levar junto – disse o Cavaleiro. – Vai ser útil se encontrarmos um bolo. Ajude-me a enfiar nesse saco.

Isso demorou muito tempo, apesar de Alice manter o saco aberto com muito cuidado, porque o Cavaleiro tinha muito pouco jeito ao colocar a bandeja; as primeiras duas ou três vezes em que tentou, ele próprio caiu no saco.

– Fica bastante apertado – disse ele, quando enfim conseguiram. – Há tantos castiçais no saco…

E ele o pendurou na sela, que já estava lotada com punhados de cenouras, atiçadores e muitas outras coisas.

– Espero que esteja com o cabelo bem preso – continuou ele, conforme disparavam.

– Apenas do jeito de sempre – disse Alice, sorrindo.

– Isso não vai bastar – ele disse, ansioso. – Veja, o vento é muito forte aqui. É forte como sopa.

– Você inventou um plano para que o cabelo não esvoace? – perguntou Alice.

– Ainda não – respondeu o Cavaleiro. – Mas tenho um plano para que o cabelo não caia da cabeça.

– Gostaria muitíssimo de ouvir.

– Primeiro, você pega uma vara reta – disse o Cavaleiro. – Então faz o cabelo ir trepicando por ela, como uma árvore frutífera. Ora, o motivo pelo qual o cabelo cai é porque ele fica pendurado para baixo… As coisas nunca caem para cima, sabe. É um plano de invenção minha. Pode tentar, se quiser.

Alice não achou aquele plano confortável, e por alguns minutos seguiu andando em silêncio, refletindo sobre a ideia, e de vez em quando parando para ajudar o pobre cavaleiro, que certamente não era bom com montaria.

Sempre que o cavalo parava (o que ele fazia com frequência), o Cavaleiro caía para a frente; e sempre que retomava a marcha (o que em geral fazia de forma bastante brusca), caía para trás. Fora isso, ele se mantinha razoavelmente bem, exceto pelo fato de que tinha o hábito de, às vezes, cair para os lados. E como isso geralmente acontecia para o lado em que Alice estava andando, ela logo

descobriu que o melhor método era não andar tão perto do cavalo.

– Temo que não tenha muita prática andando a cavalo – ela ousou dizer ao ajudá-lo em sua quinta queda.

O Cavaleiro pareceu muito surpreso e um pouco ofendido com a observação.

– O que a faz dizer isso? – perguntou ele, enquanto se aboletava de volta para a sela, agarrando o cabelo de Alice com uma mão, para se proteger de cair pelo outro lado.

– Porque as pessoas não caem com tanta frequência quando já têm bastante prática.

– Eu tenho muitíssima prática – disse o Cavaleiro gravemente. – Muitíssima prática!

Alice não conseguiu pensar em nada para dizer além de:

– É mesmo?

Mas disse isso com todo o entusiasmo que podia. Depois, eles seguiram um pouco mais em silêncio: o Cavaleiro com os olhos fechados, resmungando para si mesmo, e Alice observando com apreensão, esperando o próximo tombo.

– A grande arte da montaria – começou o Cavaleiro, de repente, em voz alta, acenando o braço direito enquanto falava – está em manter…

Nesse momento, a frase parou tão subitamente quanto havia começado, pois o Cavaleiro caiu de cabeça, pesadamente, exatamente na rota em que Alice andava. Ela ficou bastante assustada dessa vez, e disse num tom agoniado, enquanto o erguia:

– Espero que não haja ossos quebrados!

– Nenhum que valha a menção – disse o Cavaleiro, como se não se importasse em quebrar dois ou três ossos. – Como eu dizia, a grande arte da montaria… está em manter o equilíbrio corretamente. Desta forma aqui, sabe…

Ele soltou as rédeas e estendeu ambos os braços para mostrar a Alice o que queria dizer, e desta vez caiu de costas, bem embaixo das patas do cavalo.

– Muitíssima prática! – continuou repetindo, por todo o tempo em que Alice tentava colocá-lo em pé de novo. – Muitíssima prática!

– É absurdo demais! – gritou Alice, perdendo a paciência desta vez. – Você deveria ter um cavalo de pau de rodinhas, isso sim!

– Essa raça tem andadura suave? – perguntou o Cavaleiro num tom de grande interesse, abraçando o pescoço do cavalo enquanto falava, bem a tempo de se

segurar de mais um tombo.

– Muito mais suave que um cavalo de verdade – disse Alice, com um gritinho de risada, apesar de tentar de tudo para preveni-lo.

– Vou arrumar um – disse o Cavaleiro pensativo para si mesmo. – Um ou dois… diversos.

Houve um curto silêncio depois disso, então, o Cavaleiro falou:

– Sou muito bom para inventar coisas. Agora, ouso dizer que você percebeu, nesta última vez em que me levantou, que eu estava parecendo bastante pensativo.

– Você estava com ares graves – disse Alice.

– Ora, naquele momento eu estava inventando uma nova forma de passar por cima de uma porteira… gostaria de ouvir?

– Muitíssimo, de fato – disse Alice com educação.

– Vou lhe dizer como cheguei a pensar nela – disse o Cavaleiro. – Veja, eu disse para mim mesmo: “A única dificuldade é com os pés: a cabeça já está na altura suficiente”. Agora, em primeiro lugar, eu coloco a cabeça acima da porteira… Então, paro em cima da minha cabeça… E os pés estão na altura suficiente, vê…

Então passo por cima, entende?

– Sim, suponho que estaria do outro lado da porteira ao terminar – disse Alice pensativa. – Mas você não acha que seria um feito difícil?

– Não tentei ainda – disse o Cavaleiro, com gravidade. – Então não posso dizer com certeza… mas temo que seria um pouco difícil.

Ele pareceu tão contrariado com a ideia que Alice mudou o assunto rapidamente.

– Que elmo curioso você tem! – disse com animação. – Foi uma invenção sua também?

O Cavaleiro baixou os olhos orgulhosamente para o elmo, que estava pendurado na sela.

– Sim – ele disse –, mas eu inventei um muito melhor que esse… grosso como um pão de açúcar. Quando eu o usava, se eu caísse do cavalo, ele sempre tocava o chão primeiro. Então eu tinha uma queda muito pequena, entende? Mas havia o perigo de cair dentro dele. Isso me aconteceu uma vez… E o pior de tudo foi que, antes que eu conseguisse sair dali, o outro Cavaleiro Branco veio e o colocou na cabeça. Pensou que fosse o dele.

O Cavaleiro parecia tão solene com aquilo que Alice não ousou rir.

– Receio que o tenha machucado – disse ela, a voz tremendo –, ao estar no topo da cabeça dele.

– Precisei chutá-lo, é claro – disse o Cavaleiro muito seriamente. – E quando ele tirou o elmo de novo… demorou horas e horas para me tirar de lá. Eu estava engasgado ali, como um osso de galinha na garganta.

– Mas esse é um engasgo diferente – Alice objetou.

O Cavaleiro balançou a cabeça.

– Comigo, foram todos os tipos de engasgo, posso garantir! – disse. Ergueu as mãos em uma espécie de empolgação ao dizer isso, e imediatamente rolou para o lado da sela e caiu de cabeça num fosso fundo.

Alice correu para a lateral do fosso para buscá-lo. Ela havia se espantado bastante com a queda, já que por algum tempo ele havia se mantido bastante bem, e ela temia que ele, de fato, estivesse ferido desta vez. No entanto, apesar de não poder ver nada além das solas dos pés dele, ela ficou bastante aliviada ao ouvir que ele seguia falando em seu tom normal.

– Todo tipo de engasgo – ele repetia. – Mas foi descuido dele colocar o elmo de outra pessoa… com a pessoa ainda por cima, também.

– Como você consegue continuar falando tão tranquilamente, de cabeça para baixo? – perguntou Alice, enquanto o arrastava para fora pelos pés e o deitava

num montinho na margem do fosso.

O Cavaleiro pareceu surpreso com a pergunta.

– Que diferença faz como meu corpo está? – perguntou. – Minha mente continua trabalhando da mesma forma. Na verdade, quanto mais de cabeça para baixo estiver, mais sigo inventando coisas novas. Sabe, a coisa mais inteligente que eu já inventei – continuou ele depois de uma pausa – foi um pudim novo, enquanto serviam o prato de carne.

– A tempo de mandar assar antes do prato seguinte? – perguntou Alice.

– Bem, não o prato seguinte – disse o Cavaleiro num tom lento e pensativo. – Não, certamente não o prato seguinte.

– Então teria que ter sido para o dia seguinte. Imagino que não comeriam dois pudins em um único jantar?!

– Bem, não no dia seguinte – repetiu o Cavaleiro como antes. – Não no dia seguinte. Na verdade – prosseguiu, mantendo a cabeça baixa e diminuindo a voz cada vez mais –, não acredito que o pudim sequer foi preparado! Na verdade, não acredito que um dia ele vá ser preparado! E, ainda assim, foi um pudim muito inteligente de se inventar.

– De que você queria que ele fosse feito? – perguntou Alice, esperando animá-lo, pois o pobre Cavaleiro parecia bastante abatido com aquilo.

– Começaria com papel mata-borrão – respondeu o Cavaleiro com um gemido.

– Temo que não seria muito saboroso…

– Não seria muito saboroso sozinho – ele interrompeu, agitado. – Mas você não tem ideia da diferença que faz quando misturado com outras coisas… como pólvora e cola. Bem, neste ponto, devo deixá-la.

Eles tinham acabado de chegar ao final do bosque. A única coisa que Alice conseguia fazer era parecer confusa; estava pensando no pudim.

– Você está triste – disse o Cavaleiro com um tom angustiado. – Permita que eu cante uma canção para confortá-la.

– É muito longa? – perguntou Alice, pois já havia escutado uma boa dose de poesia no dia.

– É longa – respondeu o Cavaleiro –, mas é muito, muito bonita. Todos que me ouvem cantar… ou ficam com lágrimas nos olhos, ou…

– Ou o quê? – perguntou Alice, pois o Cavaleiro havia feito uma pausa súbita.

– Ou não ficam, sabe. A canção é chamada de “Os olhos de hadoque”.

– Ah, é esse o nome? – disse Alice, tentando sentir interesse.

– Não, você não entende – disse o Cavaleiro, parecendo um pouco irritado. – É assim que é chamada. O nome real é “O velho velhinho”.

– Então eu deveria ter dito: “É assim que a canção se chama”? – corrigiu-se Alice.

– Não, não deveria: isso é outra coisa completamente diferente. A canção se chama “Os vários jeitos”, mas é assim que ela se chama, entende?

– Bem, como é a canção, então? – perguntou Alice, que a essa altura estava totalmente atordoada.

– Eu ia chegar a isso – disse o Cavaleiro. – A canção é, de fato, “Sentado na porteira”, e a melodia é uma invenção minha.

Ao dizer isso, ele parou o cavalo e deixou que as rédeas caíssem em seu pescoço. Então, marcando o compasso devagar com uma mão, e, um sorriso fraco se acendendo em seu gentil rosto tolo, como se ele gostasse da melodia de sua canção, ele começou.

De todas as coisas estranhas que Alice já tinha visto em sua jornada através do Espelho, era desta que ela se lembrava com maior clareza. Anos mais tarde, ela conseguiria trazer a cena inteira de volta à mente, como se tivesse acontecido no

dia anterior… Os meigos olhos azuis e o sorriso bondoso do Cavaleiro… O sol poente brilhando por entre seus cabelos, e o brilho da armadura num esplendor de luz que a deslumbrava… O cavalo se balançando tranquilamente com as rédeas penduradas no pescoço, mordiscando a grama aos seus pés… E as sombras negras do bosque atrás deles… Tudo isso ela absorveu como um retrato, enquanto, protegendo os olhos com uma das mãos, se apoiou em uma árvore, observando aquela dupla estranha e ouvindo, parte em sonho, a melodia melancólica da canção.

– Mas essa melodia não é invenção dele – disse ela para si mesma. – É “Eu lhe darei tudo, mais não posso dar”.

Ela ficou parada e ouviu com muita atenção, mas nenhuma lágrima brotou em seus olhos.

Conto-lhe tudo que posso, antes que me tomem;

Não há muito a relatar.

Um dia vi um velho velhinho homem,

Sentado numa porteira, a mirar.

“Quem é você, velho?”, eu disse,

“e do que é que você vive?”

Sua resposta tomei como invencionice

Nenhuma paciência eu tive.

Respondeu: “procuro borboletas

que dormem pelo trigo:

faço torta com elas, ou costeletas;

e as vendo por abrigo.

Também vendo para gente”, ele falou

“Que pelo oceano navega;

Gente boa, em dia pagou

Deles nem cobro a entrega.

Mas estava pensando com meus bigodes

De pintá-los verdes, assim,

Ou quiçá um ventilador pode

Aproximar borboletas de mim".

Sem ter muito que responder

Ao bom velho senhor,

Respondi: "Ora, como vives, não vai dizer?"

E lhe bati na cabeça com fervor.

Com voz suave, seguiu o relato

Ele disse: "Tomo meu caminho,

Quando encontro uma serra,

Eu me lanço com jeitinho”.

Com isso eles fazem um negócio que se chama

Óleo de Acessar de Rowland, uma pomada,

Mas me pagam dois pences por toda essa trama,

Nem mais um centavo, nem nada.

Mas pensei em uma maneira

De viver comendo massa crua,

E assim ficar no dia a dia – como queira

Ver se a barriga acentua.

De um lado a outro, eu o chacoalhei

Até o rosto azular:

“Vamos, diga-me do que vive”, gritei,

“E o que faz para aqui estar!”

Ele disse: “caço olhos de hadoque

No meio do brejo ventoso,

Transformo-os em fraques,

Traje do mais glamuroso.

Estes não vendo por outro

Nem moeda de prata a brilhar

Mas por uma moeda de cobre,

Uma dúzia, se perguntar.

Às vezes caço biscoitinhos na praia,

Ou caço caranguejos, com visco;

Na grama, procuro por arraias

Ou por algum velho disco.

E é dessa forma" (ele me piscou o olho)

"Que junto meus trocados

Darei um brinde com este copo que adorna

À saúde do meu nobre novo aliado."

Eu o ouvi com atenção

Pois havia concluído meu plano

Prevenindo a ponte Menai de enferrujar pela ação

Da fervura de vinho em cano.

Eu lhe agradeci muito por me contar

Como ganhava seu dinheiro,

Em especial agradeci por salutar

Com brinde pelo meu bem inteiro.

Agora, se por acaso meto

O dedo no grude

Ou se de sapatos, acabo preto

Por cair num sujo açude.

Ou se um pedregulho cair

No dedão sem saúde,

Eu choro, pois me lembra um bocado

Daquele velho um tanto avoado…

Cujo olhar era tranquilo, o falar amuado,

Cujo cabelo era mais branco que um monte nevado,

Cuja expressão era de corvo não alado,

Cujos olhos, como cinzas, alumiados,

Que parecia distraído com seu predicado,

Que movia o corpo de lado a lado,

E murmurava, um falar resmungado,

Como se a boca estivesse cheia de melado

Que bufava como cabrito mamado,

Naquela tarde de verão passado,

Sentado numa porteira.

Quando o Cavaleiro cantou as palavras finais da balada, ele reuniu as rédeas e virou a cabeça do cavalo para a estrada por onde haviam vindo.

– Só lhe faltam alguns metros – ele disse –, morro abaixo e por cima do pequeno riacho, e então será uma Rainha… Mas, antes, poderia ficar e me ver partir? – acrescentou ele, quando Alice se voltou para a direção que ele apontava com um olhar ansioso. – Não demorarei muito. Pode esperar e acenar seu lenço quando eu chegar naquela curva da estrada? Acho que me encorajará, entende?

– Claro que esperarei – disse Alice. – E muito obrigada por vir de tão longe… E pela canção… Eu gostei muito.

– Espero que sim – disse o Cavaleiro em dúvida. – Mas você não chorou tanto quanto eu pensei que choraria.

Assim, apertaram as mãos, e o Cavaleiro partiu, devagar, bosque adentro. “Não vai demorar muito para vê-lo partir a cabeça, imagino”, disse Alice para si mesma, enquanto esperava, observando-o. “Ali vai ele! Caiu de cabeça, como de costume! Por outro lado, ele se arruma bastante fácil… É uma vantagem por ter tantas coisas ao redor do cavalo…” E assim ela seguiu falando sozinha, enquanto observava o cavalo marchando pachorrento pela estrada, e o Cavaleiro caindo, primeiro de um lado, depois de outro. Depois do quarto ou quinto tombo, ele chegou à curva; então ela acenou com o lenço para ele, e esperou até que estivesse fora de vista.

– Espero tê-lo encorajado – disse ela, virando-se para descer o morro: – E agora, para o último riacho, e então serei uma Rainha! Como soa grandioso!

Alguns poucos passos a levaram à beira do riacho.

– A Oitava Casa, enfim! – ela gritou, enquanto saltava para o outro lado, e se lançou para descansar num gramado macio como musgo, com pequenos canteiros salpicados aqui e ali.

– Oh, como estou contente de chegar aqui! E o que é isso na minha cabeça? – exclamou com assombro, ao levantar as mãos e tocar algo muito pesado e bem ajustado ao redor de sua cabeça.

“Mas como veio parar aqui sem eu ter notado?”, disse para si mesma, enquanto levantava o objeto e o colocava no colo para desvendar o que poderia ser.

Era uma coroa dourada.

capítulo 9

Rainha Alice

– O ra, isso é mesmo grandioso! – disse Alice. – Nunca imaginei que seria uma Rainha tão cedo… E vou lhe dizer uma coisa, vossa majestade – continuou em tom severo (ela sempre gostara de ralhar consigo mesma) –, não convém de forma alguma estar rolando pela grama desse jeito! Rainhas têm de ser magnânimas, você sabe disso!

Então ela se levantou e caminhou ao redor… de forma bastante tensa de início, com medo de que a coroa pudesse cair, mas se confortou com a ideia de que não havia ninguém para ver, caso isso acontecesse.

– E se eu realmente sou uma Rainha – disse ao se sentar de novo –, com o tempo, conseguirei conduzir isso muito bem.

Tudo estava acontecendo tão estranhamente que ela não se surpreendeu nem um pouco ao ver que a Rainha Vermelha e a Rainha Branca estavam sentadas ali, uma de cada lado. Teria gostado muitíssimo de perguntar a elas como haviam chegado ali, mas achou que não seria educado. No entanto, não faria mal algum, ela pensou, perguntar se a partida havia terminado.

– Por favor, saberiam me dizer… – ela começou, olhando para a Rainha Vermelha com timidez.

– Fale somente quando lhe dirigirem a palavra! – interrompeu a Rainha bruscamente.

– Mas se todo mundo obedecesse a essa regra – disse Alice, que sempre estava pronta para uma pequena discussão –, e cada um só falasse quando alguém lhe dirigisse a palavra primeiro, e a outra pessoa sempre esperasse para você começar, veja, ninguém nunca diria nada…

– Absurdo! – gritou a Rainha. – Ora, não vê, criança…

Nesse momento, ela se interrompeu com um franzir de testa; e, depois de pensar por um instante, mudou o assunto da conversa de repente.

– O que quis dizer com: “E se eu realmente sou uma Rainha”? Que direito tem de se chamar assim? Você não pode ser uma Rainha, sabe, até passar pelo exame apropriado. E, quanto antes começarmos, melhor.

– Eu apenas disse “se”! – implorou a pobre Alice num tom tristonho.

As duas Rainhas se olharam, e a Rainha Vermelha observou, com um pequeno estremecimento:

– Ela diz que apenas disse “se”…

– Mas ela disse muito mais do que isso! – resmungou a Rainha Branca, torcendo as mãos. – Oh, muito mais do que isso!

– Falou sim, e sabe que falou – disse a Rainha Vermelha para Alice. – Sempre fale a verdade… pense antes de falar… e escreva em papel depois.

– Com certeza, não tive a intenção de… – começou Alice, mas a Rainha Vermelha a interrompeu com impaciência.

– É justamente disso que me queixo! Você deveria ter a intenção! De que serve uma criança sem intenção? Até mesmo uma piada tem que ter intenção… e uma criança é mais importante que uma piada, espero eu. Você não poderia negar isso, mesmo se tentasse com as duas mãos.

– Eu não nego coisas com as mãos – objetou Alice.

– Ninguém disse que nega – disse a Rainha Vermelha. – Eu disse que não conseguiria mesmo se tentasse.

– Ela está nesse estado mental – disse a Rainha Branca –, em que tem necessidade de negar algo… ela só não sabe o que negar!

– Uma personalidade desagradável, viciosa – observou a Rainha Vermelha; e então houve um silêncio desconfortável por um ou dois minutos.

A Rainha Vermelha rompeu o silêncio dizendo para a Rainha Branca:

– Eu lhe convido para o jantar de Alice esta tarde.

A Rainha Branca sorriu fracamente e disse:

– E eu lhe convido.

– Não sabia que eu daria um jantar – disse Alice. – Mas, se é para haver um, acho que eu deveria fazer os convites.

– Nós lhe demos a oportunidade para fazer isso – observou a Rainha Vermelha. – Mas ouso dizer que ainda não teve muitas lições de bons modos, não é?

– Bons modos não são ensinados em lições – disse Alice. – Lições ensinam a fazer contas e coisas desse tipo.

– E você sabe fazer adição? – perguntou a Rainha Branca. – Quanto é um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um mais um?

– Não sei – respondeu Alice. – Perdi a conta.

– Ela não sabe fazer adição – interrompeu a Rainha Vermelha. – Sabe subtração? Subtraia nove de oito.

– Não posso subtrair nove de oito, sabe – respondeu Alice muito prontamente. – Mas…

– Ela não sabe subtrair – disse a Rainha Branca. – Sabe dividir? Divida um pão por uma faca… Qual o resultado disso?

– Imagino que… – começou Alice, mas a Rainha Vermelha respondeu por ela:

– Pão com manteiga, é claro. Tente outro cálculo de subtração. Subtraia um osso de um cachorro: quanto fica?

Alice considerou.

– O osso não restaria, é claro, se eu o tirasse… e o cachorro não ficaria; ele viria me morder… E eu tenho certeza de que eu não deveria ficar!

– Então você acha que o resultado é zero? Ficaria zero? – perguntou a Rainha Vermelha.

– Acho que é essa a resposta.

– Errado, como de costume – disse a Rainha Vermelha. – Restaria a fúria do cachorro.

– Mas eu não vejo como…

– Ora, olhe aqui! – gritou a Rainha Vermelha. – O cachorro teria um ataque de fúria, não teria?

– Talvez tivesse – respondeu Alice com cuidado.

– Então, se o cachorro fosse embora, a fúria permaneceria! – exclamou a Rainha em triunfo.

Alice disse com toda a seriedade que podia:

– Poderiam seguir caminhos diferentes.

Mas ela pensou: “Que pavorosos absurdos estamos dizendo!”.

– Ela não consegue fazer conta nenhuma! – disseram juntas as Rainhas, com muita veemência.

– Você sabe fazer contas? – perguntou Alice, virando-se de repente para a Rainha Branca, pois não gostava de ser tão criticada.

A Rainha respirou fundo e fechou os olhos.

– Posso fazer soma, se me der tempo… Mas não sei subtrair sob circunstância alguma!

– Seguramente você sabe o ABC – disse a Rainha Vermelha.

– Com certeza – disse Alice.

– Assim como eu – sussurrou a Rainha Branca. – Costumamos recitá-lo todinho, querida. E vou lhe contar um segredo… sei ler palavras de uma letra! Isso não é impressionante? Mas não perca o espírito. Um dia você chega lá.

Nesse momento a Rainha Vermelha recomeçou:

– Você sabe responder perguntas úteis? – disse. – Como se faz pão?

– Eu sei isso! – gritou Alice ansiosamente. – Você pega farinha…

– E onde se colhe farinha? – perguntou a Rainha Branca. – Num jardim ou nas cercas-vivas?

– Bom, ela não é colhida – explicou Alice –, ela é processada…

– E quem é o advogado do processo? – disse a Rainha Branca. – Não pode deixar tantos detalhes de fora.

– Abane a cabeça dela! – interrompeu a Rainha Vermelha ansiosamente. – Ela vai ficar com febre depois de pensar tanto.

Então elas se puseram a trabalhar de imediato e a abanaram com galhos de árvores, até ela ter de implorar para que parassem, de tanto que o seu cabelo esvoaçava.

– Ela está bem de novo – disse a Rainha Vermelha. – Você sabe idiomas? Como se fala fiddle-de-dee em francês?

– Fiddle-de-dee não é uma palavra – respondeu Alice com gravidade.

– Quem disse que era? – perguntou a Rainha.

Alice pensou ver uma saída da dificuldade desta vez.

– Se me disserem o significado de fiddle-de-dee, eu digo a tradução em francês! – exclamou em triunfo.

Mas a Rainha Vermelha empertigou-se toda e disse:

– Rainhas nunca barganham.

“Queria que Rainhas nunca fizessem perguntas”, pensou Alice.

– Não briguemos – disse a Rainha Branca com receio. – Qual é a causa do relâmpago?

– A causa do relâmpago – disse Alice muito decidida, pois se sentia segura em relação ao tema – é o trovão… Não, não! – se corrigiu rapidamente. – Quis dizer o contrário.

– É tarde demais para corrigir – disse a Rainha Vermelha. – Depois que diz uma coisa, fica definido, e você deve aguentar as consequências.

– E isso me lembra… – disse a Rainha Branca, olhando para baixo e apertando e soltando as mãos nervosamente – que tivemos uma tempestade de relâmpagos e tanto terça-feira passada… Quero dizer, um dos últimos conjuntos de terças-feiras, sabe.

Alice ficou confusa.

– No meu país – ela observou –, tem apenas uma terça-feira por vez.

A Rainha Vermelha disse:

– É um jeito ruim de fazer as coisas. Agora, aqui, normalmente temos dias e noites em pares ou trios por vez, e às vezes, no inverno, temos até cinco noites juntas… para esquentar, sabe.

– Então cinco noites são mais quentes que uma? – Alice ousou perguntar.

– Cinco vezes mais quentes, é claro.

– Mas elas deveriam ser cinco vezes mais frias também, por essa regra…

– Precisamente! – gritou a Rainha Vermelha. – Cinco vezes mais quentes e cinco vezes mais frias… Assim como eu sou cinco vezes mais rica que você e cinco vezes mais esperta!

Alice suspirou e desistiu. “Isso é igual a uma adivinha sem resposta!”, pensou.

– Humpty Dumpty viu também – seguiu a Rainha Branca em voz baixa, mais como se estivesse falando sozinha. – Ele chegou com um saca-rolhas na mão…

– O que ele queria? – perguntou a Rainha Vermelha.

– Ele disse que iria entrar – prosseguiu a Rainha Branca –, porque estava procurando um hipopótamo. Agora, o fato é que não havia nada do tipo na casa naquela manhã.

– E geralmente há? – perguntou Alice num tom surpreso.

– Bem, apenas às quintas-feiras – disse a Rainha.

– Sei por que ele queria entrar – disse Alice. – Ele queria punir os peixinhos, porque…

Nesse momento a Rainha Branca recomeçou:

– E foi uma tempestade tão forte, você não imagina!

– Ela nunca conseguiria, você sabe disso – disse a Rainha Vermelha.

– E parte do telhado desabou, e tantos raios caíram para dentro… e ficaram rodopiando pela sala em borbotões… e derrubando mesas e coisas… até eu ficar com tanto medo que não conseguia lembrar o meu próprio nome!

Alice pensou: “Eu nunca tentaria lembrar o meu próprio nome no meio de um acidente! De que adiantaria?”, mas ela não disse isso em voz alta, por medo de ferir os sentimentos da pobre Rainha.

– Vossa Alteza deve desculpá-la – disse a Rainha Vermelha a Alice, pegando uma das mãos da Rainha Branca entre as suas e a acariciando com gentileza. – Ela tem boas intenções, mas não consegue parar de dizer tolices de forma geral.

A Rainha Branca olhou com timidez para Alice, que sentia que deveria dizer algo gentil, mas de fato não conseguia pensar em nada naquele momento.

– Ela nunca teve uma boa educação – disse a Rainha Vermelha –, mas é impressionante o seu bom temperamento! Dê uns tapinhas na cabeça dela, veja como ela fica contente!

Mas isso era mais do que Alice tinha coragem de fazer.

– Um pouco de gentileza… E prender-lhe o cabelo em papelotes… Isso faz maravilhas para ela…

A Rainha Branca suspirou fundo, pousando a cabeça no ombro de Alice.

– Eu estou com tanto sono? – ela murmurou.

– Está cansada, pobrezinha! – disse a Rainha Vermelha. – Acaricie o cabelo dela… empreste sua touca de dormir… e cante uma cantiga relaxante de ninar.

– Não estou com minha touca de dormir aqui comigo – disse Alice, enquanto tentava obedecer a primeira ordem –, e não conheço nenhuma cantiga relaxante de ninar.

– Eu mesma canto, então – disse a Rainha Vermelha, que começou:

Uma sonequinha no colo de Alice!

Descansar até o banquete, até a fanfarronice:

Quando ele acabar, vamos ao baile sem treino…

Rainha Vermelha, Branca, Alice e todo o reino!

– E agora você sabe a letra – ela acrescentou, colocando a cabeça no outro ombro de Alice –, cante toda para mim. Estou ficando com sono também.

Em mais um instante, ambas as Rainhas dormiam pesadamente, roncando alto.

– O que eu vou fazer? – exclamou Alice, olhando ao redor com grande perplexidade, quando primeiro uma, depois a outra cabeça redonda rolaram de seus ombros e pousaram como pedregulhos em seu colo. – Não acho que isso algum dia aconteceu antes, que qualquer um precisasse cuidar de duas Rainhas adormecidas ao mesmo tempo! Não, não em toda a história da Inglaterra… Não poderia, porque nunca houve mais do que uma Rainha por vez. Acordem, por favor, coisas pesadas! – seguiu com um tom impaciente; mas não houve resposta, além de roncos gentis.

Os roncos ficaram mais distintos a cada minuto, soando cada vez mais como uma melodia. Por fim, ela conseguiu discernir as palavras; e prestava tanta atenção que, quando as duas grandes cabeças sumiram de seu colo, ela mal notou.

Alice se viu em pé diante de uma porta em arco, sobre a qual estava escrito RAINHA ALICE em letras grandes, e em cada lado dos arcos havia uma campainha; em uma estava escrito “Campainha de Visitantes” e, na outra, “Campainha de Criados”.

“Vou esperar a canção acabar”, pensou Alice, “então vou tocar… a… qual campainha devo tocar?”, perguntou-se, muito confusa com os nomes. “Não sou visitante, e não sou criada. Deveria haver uma em que se lesse ‘Rainha’, ora…”

Naquele instante, a porta se abriu um pouco e uma criatura de bico longo colocou a cabeça para fora e disse:

– Entrada proibida até a semana depois da próxima! – e bateu a porta com um estrondo.

Alice bateu na porta e tocou a campainha em vão por muito tempo, quando, enfim, um Sapo muito velho, que estava sentado sob uma árvore, se levantou e veio coxeando na direção dela; ele estava vestido de amarelo brilhante e usava botas enormes.

– O que é agora? – disse o Sapo num sussurro profundo e rouco.

Alice se virou, pronta para criticar qualquer um.

– Onde está o criado responsável por atender a porta? – começou furiosa.

– Que porta? – perguntou o Sapo.

Alice quase sapateou de raiva com a voz arrastada com a qual ele falava.

– Esta porta, é claro!

O Sapo olhou para a porta com seus grandes olhos morosos por um minuto. Depois, foi mais perto e esfregou-a com o dedão, como se achasse que a tinta fosse sair; então, olhou para Alice.

– Atender a porta? – disse ele. – Mas o que ela pediu?

Ele estava tão rouco que Alice mal conseguia ouvi-lo.

– Não entendo o que quer dizer – ela disse.

– Eu falar seu idioma, não falar? – prosseguiu o Sapo. – Ou você é surda? O que a porta lhe pediu?

– Nada! – disse Alice sem paciência. – Eu estava batendo nela!

– Não deveria fazer isso… não deveria fazer isso… – murmurou o Sapo. – Ela fica chateada, sabe.

Então ele se adiantou até a porta e lhe deu um chute com um de seus pés imensos.

– Deixe a pobrezinha em paz – disse ele, ofegante, enquanto coxeava de volta para sua árvore –, e ela vai deixar você em paz.

Nesse momento, a porta se escancarou e se ouviu uma voz aguda cantar:

Ao mundo do Espelho, foi Alice que clamou,

Tenho um cetro na mão, uma coroa que embelezou;

Que os cidadãos do Espelho, muito além do meu umbigo,

Venham jantar com a Rainha Vermelha, a Branca e comigo.

E centenas de vozes se juntaram ao coro:

Que se encham os copos com toda rapidez,

Decorem mesas de toda altivez;

Mandem os gatos ao café, os ratos ao chá…

E trinta vezes três, celebrem Rainha Alice já!

Então se seguiu um ruído confuso de vivas, e Alice pensou consigo mesma: “Trinta vezes três dá noventa. Será que tem alguém contando?”. Num instante, houve silêncio de novo, e a mesma voz esganiçada cantou outro verso:

“Ó criaturas do Espelho”, diz Alice, “venham se aproximar!”

É uma honra me ver, uma alegria me escutar:

Que alto privilégio é, jantar e cear, banquete tão antigo

Com a Rainha Vermelha, a Branca e comigo!’”

E veio o refrão de novo:

Então encham os copos com melado e tinta,

Ou qualquer coisa que a boca tilinta:

Misture areia com sidra, bebida que enfeitice…

Noventa vezes nove, damos boas-vindas à Rainha Alice!

– Noventa vezes nove! – repetiu Alice em desespero. – Oh, nunca vão terminar! É melhor eu ir agora mesmo… – e se fez silêncio total no instante em que ela apareceu.

Ela espiou com nervosismo ao longo da mesa, enquanto avançava pelo grande salão, e notou que havia cerca de cinquenta convidados de todos os tipos: alguns eram animais, outros eram aves, e havia até algumas flores entre eles. “Que bom que vieram sem esperar o convite”, ela pensou. “Eu nunca saberia quem seriam as pessoas certas para convidar!”

Havia três cadeiras na cabeceira da mesa; a Rainha Vermelha e a Rainha Branca já haviam tomado duas delas, mas a do meio estava vazia. Alice se sentou, bastante desconfortável com o silêncio e ansiosa para que alguém falasse.

Por fim, a Rainha Vermelha começou:

– Perdeu a sopa e o peixe – disse. – Sirvam o assado! – e os garçons puseram uma perna de Carneiro diante de Alice, que o olhou um pouco desconfiada, já que nunca teve que fatiar uma perna de carneiro antes.

– Você parece um pouco tímida; deixe-me apresentar-lhe a essa perna de carneiro – disse a Rainha Vermelha. – Alice… carneiro; carneiro… Alice.

A perna de carneiro se levantou na bandeja e fez uma pequena mesura para Alice; e Alice devolveu a reverência, sem saber se deveria estar assustada ou entretida.

– Posso lhe servir uma fatia? – disse ela, pegando a faca e o garfo, e olhando de uma Rainha para a outra.

– Certamente não – disse a Rainha Vermelha, muito decisiva. – Não é a etiqueta cortar alguém a quem acabou de ser apresentada. Levem o assado! – e os garçons o levaram embora, trazendo um imenso pudim de passas em seu lugar.

– Não quero ser apresentada ao pudim, por favor – disse Alice apressadamente –, ou não vamos ter nada no jantar. Posso lhes servir um pouco?

Mas a Rainha Vermelha parecia aborrecida e resmungou:

– Pudim… Alice; Alice… pudim. Levem o pudim! – e os garçons o levaram embora tão rápido que Alice não pôde lhe retribuir a reverência.

No entanto, ela não entendia por que a Rainha Vermelha era a única a dar as ordens; então, para experimentar, gritou:

– Garçom! Traga o pudim de volta! – e logo estava o pudim lá outra vez, como num passe de mágica. Era tão grande que ela não podia evitar se sentir um pouco intimidada por ele, assim como estivera com o carneiro. No entanto, ela venceu sua insegurança com grande esforço, cortou uma fatia e passou para a Rainha Vermelha.

– Que impertinência! – disse o pudim. – Queria saber o que acharia se eu cortasse uma fatia de você, criatura!

Sua voz era grossa e untuosa, e Alice não tinha nada para dizer em resposta; ela apenas ficou sentada, olhando para ele, boquiaberta.

– Diga alguma coisa – disse a Rainha Vermelha. – É um absurdo deixar que o pudim domine a conversa!

– Sabe, tive uma grande quantidade de poesias recitadas para mim hoje – começou Alice, um pouco assustada ao perceber que, no instante em que ela abria os lábios, havia silêncio total, e todos os olhos se fixavam nela. – E houve uma coisa muito curiosa, eu acho… Todos os poemas, de alguma forma, tratavam de peixes. Sabe por que gostam tanto de peixes por aqui?

Ela se dirigia à Rainha Vermelha, cuja resposta fugia um pouco do que Alice tinha perguntado.

– Em relação aos peixes – disse ela, muito devagar e solenemente, aproximando a boca da orelha de Alice –, a Rainha Branca conhece uma adivinhação adorável… todo um poema… todo sobre peixes. Quer que ela recite?

– É muita gentileza da Vossa Majestade Vermelha mencionar isso – murmurou a Rainha Branca no outro ouvido de Alice, numa voz como o arrulhar de um pombo. – Seria um prazer tão grande! Posso?

– Por favor – disse Alice muito educadamente.

A Rainha Branca riu com deleite e acariciou a bochecha de Alice. Então começou:

“Primeiro, deve-se o peixe pescar.”

Esta é fácil: um bebê, creio eu, poderia pegar.

“Depois, deve-se o peixe comprar.”

Esta é fácil: uma moeda, creio eu, poderia pagar.

“Agora, cozinhem o peixe para mim!”

Esta é fácil: não demora mais que um momento.

“Ponham numa travessa sem fim.”

Esta é fácil: já está lá, com condimento.

“Tragam o prato aqui! Quero comer!”

É fácil: coloca-se a travessa na mesa.

“Removam a tampa, a ver!”

Ah, temo que não consiga esta proeza!

Pois como cola, a tampa está segura…

Liga a tampa à travessa, o peixe no centro, nem a ponta se digna:

O que é mais fácil, menos agrura,

Destampar a travessa, ou a travessura do enigma?

– Tire um instante para pensar a respeito, e então tente adivinhar – disse a Rainha Vermelha. – Enquanto isso, brindamos à sua saúde… À saúde da Rainha Alice! – gritou com toda a sua voz, e todos os convidados começaram a beber imediatamente, e fizeram isso de formas muito estranhas: alguns puseram os copos sobre a cabeça, como se fossem apagadores de velas, e beberam tudo que escorreu pelo rosto… Outros emborcavam as garrafas e bebiam o vinho conforme corria pelas laterais da mesa… E três deles (que pareciam ser cangurus) passaram a mão na bandeja do carneiro assado e começaram a lamber o molho avidamente, "feito porcos num cocho!", pensou Alice.

– Deve agradecer os cumprimentos com um belo discurso – disse a Rainha Vermelha, franzindo a testa para Alice enquanto falava.

– Nós devemos apoiá-la, você sabe – sussurrou a Rainha Branca, quando Alice, obediente que era, se levantou para discursar, apesar de um pouco assustada.

– Muito obrigada – ela sussurrou em resposta –, mas consigo me sair bem sozinha.

– Isso não seria o correto, de forma alguma – disse a Rainha Vermelha em tom decisório, então Alice tentou aguentar aquilo com graça.

(“E elas me empurraram tanto!”, ela disse depois, quando estava contando a história do banquete para a irmã. “Parecia que queriam me achatar!”)

Na verdade, foi bastante difícil para Alice permanecer em seu lugar enquanto fazia o discurso, pois as duas Rainhas a empurravam tanto, uma de cada lado, que elas quase a ergueram no ar:

– Eu me levanto para agradecer… – Alice começou a falar; e ela realmente foi levantada ao falar, vários centímetros; mas segurou na beirada da mesa e conseguiu se puxar para baixo de volta.

– Tome muito cuidado! – gritou a Rainha Branca, segurando o cabelo de Alice com ambas as mãos. – Algo vai acontecer!

E, então (como Alice descreveu mais tarde), todos os tipos de coisas aconteceram no mesmo instante. Todas as velas cresceram até o teto, parecendo um canteiro de juncos com fogos de artifício na ponta. Quanto às garrafas, cada uma se apossou de um par de pratos, os quais encaixaram rapidamente como asas; e, assim, com pernas feitas de garfos, saíram borboleteando por todos os lados. “E pareciam muito com pássaros também”, pensou Alice, com toda a

clareza que podia ter naquela confusão pavorosa que se iniciava.

Nesse momento, ela ouviu uma risada rouca ao seu lado, e se virou para ver qual era o problema com a Rainha Branca; mas, ao invés da Rainha, era a perna de carneiro que estava sentada na cadeira.

– Estou aqui! – gritou uma voz da terrina de sopa, e Alice se virou de novo, bem a tempo de ver o amplo rosto bonachão da Rainha sorrindo para ela por um instante, na beirada da terrina, antes de desaparecer sopa adentro.

Não havia um segundo a perder. Vários convidados já estavam deitados sobre os pratos, e a concha da sopa subia pela mesa em direção ao assento de Alice, e acenava sem paciência para que ela saísse do caminho.

– Não posso aguentar mais isso! – ela gritou e agarrou a toalha da mesa com as duas mãos. Um bom puxão, e então pratos, travessas, convidados e velas caíram, formando uma grande pilha no chão.

– E, quanto a você – Alice falou, virando-se enfurecida para a Rainha Vermelha, que ela considerava ser a causa de todas as travessuras… Mas a Rainha não estava mais ao seu lado… Ela havia se reduzido do nada ao tamanho de uma bonequinha, e agora estava na mesa, correndo alegremente, dando voltas e voltas, procurando seu próprio xale, que se arrastava atrás dela.

Em qualquer outra situação, Alice teria se sentido surpresa com isso, mas estava empolgada demais para se sentir surpresa com algo naquele momento.

– Quanto a você – ela repetiu, pegando a criaturinha bem na hora em ela ia pular sobre uma garrafa que acabava de surgir na mesa. – Vou sacudi-la até que vire uma gatinha, isso, sim!

capítulo 10

Sacudindo

Enquanto falava, Alice a arrancou da mesa e a sacudiu para frente e para trás com toda a sua força.

A Rainha Vermelha não resistiu de jeito nenhum. Porém, seu rosto foi ficando muito pequeno, e seus olhos foram crescendo e se tornando verdes. Ainda assim, conforme Alice a sacudia, ela seguia diminuindo… e engordando… e amolecendo… e arredondando… e…

capítulo 11

Despertando

… e, por fim, era realmente uma gatinha.

capítulo 12

Quem sonhou?

– V ossa Majestade não deveria ronronar tão alto – disse Alice, esfregando os olhos e se dirigindo à gata, respeitosamente, ainda que com alguma severidade. – Você me acordou de… um, oh! Um sonho tão bonito! E você esteve junto comigo, Kitty… Por todo o mundo do Espelho. Você sabia disso, minha querida?

Um hábito muito inconveniente dos gatinhos (Alice um dia observara) é que, seja lá o que se diga para eles, eles sempre ronronam. "Se eles apenas ronronassem para dizer 'sim' e miassem para dizer 'não', ou qualquer outra regra desse tipo", ela havia dito, "para que se pudesse manter uma conversa! Mas como é que se pode falar com uma pessoa se sempre dizem a mesma coisa?"

Nesse momento, a gatinha apenas ronronava. E era impossível descobrir se queria dizer "sim" ou "não".

Então, Alice procurou entre as peças de xadrez sobre a mesa até encontrar a Rainha Vermelha. Em seguida, ajoelhou-se sobre o tapete e pôs a gatinha diante da Rainha, para as duas se encararem.

– Agora, Kitty! – ela gritou, batendo palmas. – Confesse que você se transformou nela!

("Mas ela nem olhava para a Rainha", Alice falou ao contar os eventos para a

irmã depois. “Ela virou a cabeça e fingiu não ver. Parecia um pouco envergonhada de si mesma, então acho que ela deve ter sido a Rainha Vermelha.”)

– Arrume um pouco a postura, querida! – Alice gritou e riu alegremente. – E faça uma reverência enquanto pensa no que vai… no que vai ronronar. Isso poupa tempo, lembre-se! – Enquanto falava, pegou a gatinha e lhe deu um beijinho. – Uma homenagem por ter sido uma Rainha Vermelha.

– Snowdrop, minha bichinha! – ela continuou, olhando por cima de seu ombro para a gatinha branca, que ainda tolerava, pacientemente, ser submetida à limpeza. – Quando será que Diná vai terminar de limpar Vossa Majestade Branca? Deve ser o motivo pelo qual estava tão bagunçada em meu sonho… Diná, sabia que está esfregando uma Rainha Branca? Ora, francamente, um grande desrespeito de sua parte!

– E no que será que Diná se transformou? – ela seguiu tagarelando, enquanto se espichava confortavelmente, um cotovelo no tapete e o queixo na mão, para observar os gatinhos. – Conte para mim, Diná, você se transformou em Humpty Dumpty? Eu acho que sim… mas é melhor não contar para os seus amigos ainda, porque não tenho certeza.

– Aliás, Kitty, se ao menos você estivesse comigo de verdade no sonho, teria desfrutado de algo… Eu ouvi uma grande quantidade de poemas, todos sobre peixes! Amanhã de manhã, você vai se divertir um bocado. Durante todo o seu café da manhã, vou recitar “A morsa e o carpinteiro” para você, e então você poderá fingir que está comendo ostras!

– Agora, Kitty, vamos considerar quem foi que sonhou tudo isso. Essa é uma pergunta séria, minha querida, e você não deveria ficar lambendo a pata desse

jeito… como se a Diná não tivesse banhado você hoje de manhã! Veja, Kitty, deve ter sido eu ou o Rei Vermelho. Ele era parte do meu sonho, é claro… Mas, por outro lado, eu era parte do sonho dele também. Foi o Rei Vermelho, Kitty? Você era a esposa dele, minha querida, então você deveria saber… Oh, Kitty, por favor, me ajude a entender isso! Tenho certeza de que sua pata pode esperar! – Mas a gatinha implicante simplesmente começou a lamber a outra pata, fingindo que não tinha escutado a pergunta.

Quem você acha que sonhou?

Um barco sob um céu azul

Avança como se em sonho

Numa noite de verão ao sul…

Crianças, três, aninhadas

São todas olhos e ouvidos, animadas

Agrada-lhes a história bem contada…

O céu empalideceu tem muito tempo:

Memórias que dissolvem sem intento.

O frio do outono destruiu o verão por dentro.

Ainda que ela me assombre, fantasmagórica,

Alice, no céu, alegórica

Nunca vista por olhos categóricos.

Mas as crianças que esperam a história bem contada

Cedam-me olhos e ouvidos, animadas,

E com doçura, juntas, estejam aninhadas.

Num País das Maravilhas estão,

Sonhando com o tempo que passa em vão,

Sonhando enquanto verões se vão.

Sempre deslizando pela corrente…

Permanecendo no dourado presente…

O que é a vida, senão um sonho iminente?

FIM